



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

JOYCIANA DA SILVA MEDEIROS

**PERMEANDO TEARES E VIVÊNCIAS: AS TRANSFORMAÇÕES URBANAS
E OS CIRCUITOS DA FABRICAÇÃO DAS REDES DE DORMIR EM SÃO
BENTO/PB NA ÓTICA DOS POPULARES (1960 – 1990)**

CAMPINA GRANDE-PB

2019

JOYCIANA DA SILVA MEDEIROS

PERMEANDO TEARES E VIVÊNCIAS: AS TRANSFORMAÇÕES URBANAS E
OS CIRCUITOS DA FABRICAÇÃO DAS REDES DE DORMIR EM SÃO
BENTO/PB NA ÓTICA DOS POPULARES (1960-1990)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História do Centro de Humanidades da Universidade Federal de Campina Grande/UFPG, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em História. Linha de Pesquisa em Cultura e Cidades.

Orientador: **Prof^o Dr. Antônio Clarindo Barbosa de Souza**

CAMPINA GRANDE-PB

2019

M488p

Medeiros, Joyciana da Silva.

Permeando teares e vivências : as transformações urbanas e os circuitos da fabricação das redes de dormir em São Bento/PB na ótica dos populares (1960-1990) / Joyciana da Silva Medeiros. - Campina Grande, 2019.

131 f. : il. color.

Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades, 2019.

"Orientação: Prof. Dr. Antônio Clarindo Barbosa de Souza.

Referências.

1. Fabricação de Redes de Dormir - São Bento-PB. 2. Trabalhadores. 3. Transformações Urbanas - São Bento-PB. 4. Memórias - São-Bentenses. 5. Cidade. I. Souza, Antônio Clarindo Barbosa de. II. Título.

CDU 331.1(813.3)(091)(043)

JOYCIANA DA SILVA MEDEIROS

PERMEANDO TEARES E VIVÊNCIAS: AS TRANSFORMAÇÕES URBANAS E
OS CIRCUITOS DA FABRICAÇÃO DAS REDES DE DORMIR EM SÃO
BENTO/PB NA ÓTICA DOS POPULARES (1960-1990)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em
História do Centro de Humanidades da Universidade Federal de
Campina Grande/UFCG, como requisito parcial para a obtenção do
grau de Mestre em História. Linha de Pesquisa em Cultura e
Cidades.

Aprovada em 07/08/2019

BANCA EXAMINADORA

Antônio Clarindo Barbosa de Souza
(Orientador – UFCG/PPGH)

Juciene Batista Felix Andrade
(Examinadora externa – UFRN/MHIST)

Severino Cabral Filho
(Examinador interno – UFCG/PPGH)

*Aos meus pais Marinete Maria da Silva Medeiros e
Josias de Medeiros Neto; e a Manoel Valeriano da
Silva – Seu Branco (em memória).*

AGRADECIMENTOS

Desde o início do ano de 2017 pude contar com o auxílio de pessoas que, de forma direta ou indireta contribuíram para que eu conseguisse iniciar e ir até o fim da pesquisa e escrita deste trabalho dissertativo.

De forma especial, tenho enorme gratidão à minha família, por todo o apoio que recebi dela frente à minha decisão de ingressar no mestrado. Agradeço principalmente aos meus pais dona Marinete e seu Josias. Tudo na minha vida eu devo a vocês dois, sempre. O caminho é sempre mais seguro, pois posso contar com meus irmãos Maria (Anjinha), Josa, Vânia, José Márcio e Vera; e meus sobrinhos Lucila, Matheus e João Pedro.

No decorrer da pesquisa pude vivenciar do zelo, do amor e do cuidado de Anderson Nichols, juntos cometemos o acidente do matrimônio. Agradeço a você, meu companheiro de todas as horas, por ter me acompanhado durante todo o período de escrita com muita paciência (só você sabe o quanto eu fui uma pessoa árida durante esse período). Obrigada por não ter me deixado terminar esse mestrado obesa, tendo me tirado a comida toda vez que um excesso de ansiedade me era acometido.

Agradeço imensamente ao meu orientador Dr. Antônio Clarindo que contribuiu significativamente para a realização deste trabalho, suas críticas e indicações foram fundamentais para o meu crescimento na pesquisa e na escrita.

Sou grata de forma particular ao professor Dr. Severino Cabral que me acompanhou na qualificação com o cuidado e consideração que se dá a um orientando, mesmo eu não o sendo. Anotei criteriosamente todas as suas contribuições na banca de qualificação.

Também acolhi com bastante atenção as contribuições da professora Dra. Queila Queiróz e da minha querida Dra. Juciene Andrade, esta última me acompanha desde a graduação na UFRN como orientadora, até o mestrado fazendo parte da banca de qualificação e defesa. A vocês, muito obrigada. Costumo dizer que tive o prazer de desfrutar das contribuições de um quarteto fantástico do mundo das sensibilidades humanas.

Sem os meus entrevistados são-bentenses essa pesquisa não existiria. Por isso, agradeço profundamente a eles, que com tanto carinho, entre um café e outro, narraram para mim suas experiências no trabalho com a fabricação das redes de dormir, suas histórias, as memórias “daquele tempo atribulado, mas bom” segundo eles que viveram. A cada outra pessoa que eles me indicavam, me davam a certeza de que muito ainda precisava ser estudado sobre esta cidade.

Então, às senhoras Ana Clementino, Maria de Edvar, Terezinha Cruz, Adelaide da Silva; e aos senhores Boqueirão, Cícero Emídio, Gilberto Lúcio e Galego Sousa meus mais sinceros agradecimentos.

Gratidão a Gilvânia Lúcio por também ter contribuído com uma entrevista, e principalmente por ter me apresentado a seu Branco (em memória), grande homem que, com ele carregava um conhecimento riquíssimo sobre nossa cidade, que como ele me dizia “faço questão de ser porta voz da história”.

Agradeço a todos que contribuíram de alguma forma para o bom andamento dessa pesquisa, a Carlos Pedrosa e Noelma Santos que me forneceram fotografias belíssimas da cidade de São Bento, em diferentes épocas.

A professora Dra. Manuela Aguiar, uma das melhores pessoas que cruzou o meu caminho em 2018 no meu estágio, na disciplina de História da Paraíba I. Agradeço pelas dicas e conselhos que me deu sobre o ofício de ensinar para uma turma de graduação, e pela oportunidade em poder contribuir com textos e também na metodologia da disciplina, assim como a autonomia fornecida a mim em poder organizar toda uma unidade. Muito obrigada por ter feito parte do meu crescimento profissional. Esse agradecimento se estende a toda turma do estágio, alunos esforçados e amigos.

Ao apoio dos meus amigos, que mesmo estando distantes se fizeram presentes ligando, mandando mensagens. Agradeço de forma especial aos amigos mais presentes entre os anos de 2018 e 2019 Josi Costa, Dra. Simony Costa, Camila Santos e Rafael Paulino. Com vocês dividi as angústias das consequências desse trabalho solitário de pesquisar e escrever, assim como também dividimos as intimidades de nossas vidas, vocês são muito importantes para mim. A Rosenilda Ramalho, que entre amor e ódio, acabou se tornando minha confidente e companheira nas horas de dividir as dúvidas e angústias desse mestrado, você foi mais que colega, foi parceira, e continuará sendo.

Sem a ajuda da CAPES dificilmente esse sonho seria realizado, através da bolsa de estudos a mim concedida, tive as condições necessárias para me manter em Campina Grande, espero um dia poder retribuir essa ajuda que o povo brasileiro me concedeu.

Um agradecimento diferente e ainda mais profundo à minha ainda pequena biblioteca. Penso seriamente que ela está sendo a melhor coisa que venho realizando nos últimos anos.

*Quando Cabral aportou
Vindo de chãos lusitanos,
Pisou em solos baianos
De beleza singular
De exuberante beleza,
De mata nativa e virgem
Nasceu ali a origem
Da pancada do tear
A rede foi todo tempo
A cama do homem pobre,
Do burguês, do homem nobre
Como utensílio do lar
Foi leito dos transeuntes
Foi moeda de sucesso
Nasceu com ela o progresso
Da pancada do tear
Fazia-se amor na rede,
Na rede o filho nascia
Também na rede crescia
Até começar andar
Aquela música que os punhos
Suavemente tocava
A mãe, seu filho embalava
Na pancada do tear
O tear embala os sonhos
Parece o som da orquestra
E tem sido a mola mestra
Para o progresso gerar
Sua cadência parece
Um rio quando transborda
São Bento dorme e acorda
Na pancada do tear*

(Na pancada do tear, Joaquim Alves Pereira¹)

¹ Professor paraibano, natural da cidade de Paulista. Graduado em Licenciatura Plena em Letras pela Faculdades Integradas de Patos (1987). Professor da Rede Pública de Ensino – Secretaria do Estado da Paraíba na cidade de São Bento-PB. Escritor e poeta, compôs o poema “Na pancada do tear” em 2017 para as festividades da 1º Expotêxtil, São Bento.

RESUMO

O trabalho com a tessitura das redes de dormir é uma característica viva e marcante da cidade de São Bento/PB. Ela consiste na atividade econômica responsável pela maior parte do trabalho e da renda desta cidade. O processo de fabricação das redes foi capaz de envolver primeiramente as famílias, depois as demais relações de parentesco e de amizades em torno desta fabricação, e por último, as camadas econômicas deste município, uma vez que, a atividade conseguiu se firmar como a principal renda dos são-bentenses de forma quase que geral, por pelo menos três décadas. O intuito deste estudo está intimamente traçado em refletir e abordar alguns aspectos específicos no tocante às transformações urbanas ocorridas na cidade de São Bento, em virtude do processo de mecanização da fabricação de redes nesse lugar, atentando para as memórias, vivências e experiências compartilhadas entre os são-bentenses. O recorte temporal aqui estabelecido deve-se ao fato deste período se desenrolar como o lapso de tempo que a produção levou para atingir sua mecanização e expandir suas fronteiras de comercialização. Por meio deste recorte temporal, analisaremos o aumento das inovações técnicas a partir da incorporação de aparelhos mecânicos, da transmissão da prática de fabricação para o ambiente urbano e da desintegração da ‘indústria doméstica’ no processo de mecanização da fabricação de redes. A pesquisa será realizada por meio da História Oral. Através da análise dos relatos orais de memória, analisaremos as narrativas pessoais dos são-bentenses de esferas sociais diversas que possuem ou possuíram envolvimento com a produção desse artigo têxtil. Fazendo uso da metodologia da História Oral, entrevistamos um número de nove são-bentenses, sendo cinco homens e quatro mulheres. As entrevistas estão divididas em dois grupos. No primeiro grupo temos um número de cinco depoimentos que foram realizados em 2015. O outro grupo estabelecido em um número de quatro depoimentos foi realizado no ano de 2018. Tentamos desenvolver um discurso com base nos relatos orais de memória entrecortando sempre a relação história, memória e tempo, uma vez que a memória é a principal fonte dos depoimentos orais, onde nelas estão imbuídas múltiplas variáveis temporais, espaciais, individuais e coletivas, que dialogam constantemente entre si.

Palavras-chave: Fabricação. Redes de dormir. Trabalhadores. Memória. Cidade.

ABSTRACT

The work of weaving hammocks for sleeping is a living characteristic of the city of São Bento/PB. It is the economic activity responsible for most jobs and income in this city. The process of fabrication of hammocks was initially able to involve families, then other kinship, friendships and lastly, the economic layers of the city. Since that time, it has become the main source of income for the residents for at least the last three decades. The goal of this research is, intimately, to reflect and tackle some specific aspects concerning the urban transformations occurred in the city of São Bento due to the process of mechanization of the fabrication of hammocks, according to the memories and shared experiences of the residents. The time frame here established considers the time it took for the process to be mechanized and extend its borders of commerce. Using this time frame, we are going to analyze the expansion of technical innovations due to the incorporation of mechanical devices, the transmission of the working environment to a urban one and the dissolution of the "family industry" in the process of the mechanization of the fabrication of hammocks. This research will be conducted through Oral History by analyzing the personal oral reports of people, in diverse social spheres, who are or were involved in the production of this textile product. Using the methodology of Oral History, we interviewed nine residents, five men and four women. The interviews are divided in two groups. The first is composed of five testimonials given in 2015. The latter is composed of four testimonials given in the year 2018. We try to develop a narrative based on these oral reports considering the relation of history, memory and time, since memory is the main oral source and where there can be found multiple temporal, individual, spatial and collective variables which dialogue between themselves.

Keywords: Fabrication. Hammocks. Workers. Memory. City.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Mapa da distância entre Pombal a São Bento e São Bento a Brejo do Cruz	29
Figura 2 – Vista panorâmica da Rua Velha Rua Velha	31
Figura 3 – Rua Velha	32
Figura 4 – Localização final da Praça de Eventos Alzira Alves de Brito na Rua Velha	36
Figura 5 – Imagem da Rua Velha via satélite	43
Figura 6 – Edifício Residencial Riviera	56
Figura 7 – Vista panorâmica da cidade de São Bento-PB	58
Figura 8 – Tear batelão	68
Figura 9 – Tear de três panos	68
Figura 10 – Postes no chão da Rua Velha para a implantação da distribuição elétrica	82
Figura 11 – Caminhão adquirido por Jaci Lúcio através de crédito fornecido pela Santorres Caicó/RN	88
Figura 12 - Construção da Ponte João Agripino sobre o Rio Piranhas	90
Figura 13 - Ponte João Agripino em fase de conclusão	90
Figura 14 - Ponte João Agripino Concluída e inaugurada	91
Figura 15 – Artesã fazendo varandas	100
Figura 16 – Artesão fazendo o caré	101
Figura 17 – Artesão empunhando redes	102
Figura 18 – Artesã fazendo <i>mamucaba</i>	104
Figura 19 – São Bento: Fios de algodão tingidos secando ao sol	105
Figura 20 – Fachada de loja em centro comercial	110
Figura 21 – Redes expostas em acostamento da Avenida Pedro Eulâmpio da Silva	111

LISTA DE TABELAS

Tabela 01 – São Bento: Mecanização das unidades produtivas por grupos de classe de ano	107
---	-----

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
CAPÍTULO I – MORAR BEM É MORAR NA CIDADE: VISÕES DOS POPULARES SOBRE O URBANO E A CIDADE QUE COMEÇA A NASCER	26
1.1 Cotidiano e cidade: a Rua velha e a cartografia da São Bento antiga	27
1.2 Cotidiano e trabalho: as práticas artesanais na fabricação das redes de dormir	46
CAPÍTULO II –NA CIDADE DE SÃO BENTO/PB CAIR NA REDE É NEGÓCIO SEGURO	59
2.1 As controvérsias acerca da introdução dos fios industrializados na produção de redes de dormir em São Bento	59
2.2 A tessitura mecanizada das redes de dormir e a cidade	63
2.3 As tecelagens e a cidade: o desenho urbano por meio da mecanização da produção	77
CAPÍTULO III –DA RUA AO LAR: UM PERCURSO ACERCA DO CURIOSO MODO DE TRABALHO FAMILIAR NA FABRICAÇÃO DAS REDES DE DORMIR	95
3.1 São Bento em cores e sons: as experiências sensoriais do caminhante da cidade	95
3.2 Aspectos da cidade de São Bento diante do aumento da fabricação das redes.....	106
3.3 A família que trabalha: a prática de fabricação das redes de dormir no ambiente doméstico	112
CONSIDERAÇÕES FINAIS	120
FONTES	123
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	124
GLOSSÁRIO	127

INTRODUÇÃO

A fabricação das redes de dormir em São Bento/PB consiste na atividade econômica responsável pela maior parte dos trabalhos e da renda desta cidade. O trabalho com a tessitura das redes é uma característica deste espaço citadino presente desde tempos remotos.

É possível observar que durante todo o século XX a presença do trabalho artesanal de fabricar o leito balouçante para servir de dormida a homens e mulheres são-bentenses é bastante comum, como também é perceptível a engenharia por trás do seu processo de fabricação, capaz de envolver primeiramente as famílias, depois as demais relações de parentesco e de amizades em torno desta fabricação, e por último, as camadas econômicas deste município, uma vez que, a atividade conseguiu se firmar como o principal trabalho por ela desenvolvido e se tornar a principal renda dos são-bentenses de forma quase que geral, por pelo menos três décadas.

A prática de fabricar redes, aperfeiçoada pelos são-bentenses configurou-se como algo dinâmico que se transformou no mais importante exemplo de vivência simbólica social da mesma, caracterizando-se como parte integrante da identidade do povo são-bentense. Essa fabricação adentrou no espaço familiar, envolveu relações artesanais na zona rural, atingiu as esferas comerciais desta cidade, e integrou trabalho, família, sociedade, cultura e educação em torno desta atividade.

O intuito deste estudo está intimamente traçado em refletir e abordar alguns aspectos específicos no tocante às transformações urbanas ocorridas na cidade de São Bento, em virtude do processo de mecanização da fabricação de redes de dormir nesse lugar, atentando para as memórias, vivências e experiências compartilhadas entre os são-bentenses entre as décadas de 1960 e 1990.

Avaliaremos como a cidade se transforma e se organiza cotidianamente através das mudanças impostas na produção das redes de dormir, como também na sua comercialização, influenciando na organização cultural e social dos são-bentenses, focando na cidade como local receptor de todas as transformações impostas a essa fabricação, como também local de compartilhamento dessa experiência.

Olharemos mais atentamente para o período de 1960 a 1990 período o qual se desenrola o lapso de tempo que a produção levou para atingir sua mecanização e expandir suas fronteiras de comercialização. A partir deste recorte temporal, analisaremos o aumento das inovações técnicas a partir da incorporação de aparelhos mecânicos; da transmissão da

prática de fabricação para o ambiente urbano e da desintegração da ‘indústria doméstica’ no processo de modernização da fabricação de redes de dormir. Discutiremos sobre a influência dessas transformações na modificação do espaço urbano de São Bento.

Este estudo se constitui e se justifica como uma contribuição a historiografia local, são-bentense e paraibana. Assim como também, visa enriquecer as reflexões que tomam as experiências de cidade como ponto cerne de análise, colocando em evidência a fabricação de redes de dormir vinculada a uma dada prática específica que está ancorada na identidade são-bentense.

Em São Bento, ainda é possível observar uma malha de envolvimento de cidadãos, de esferas sociais diversas, em torno do trabalho da fabricação de redes de dormir, como em torno da indústria têxtil de modo geral, e da comercialização advinda deste meio econômico que movimenta o dia a dia desta cidade.

Este espaço vem sendo ressignificado e moldado de modo geral, desde sua fundação como cidade, para envolver o desenvolvimento dessa produção, e acolher de maneira bastante simples e rápida, todos aqueles que a partir da década de 1960, passaram a ver, este ambiente urbano como espaço de melhor aprimoramento da técnica de se fabricar redes, como também o lugar imediato de distribuição dessa técnica de comercialização dos produtos advindos dela, mesclando-se com seus lugares de morada, uma vez que se inicia um êxodo rural efervescente logo após o início da comercialização do produto em maior escala.

Por isso, se tornou de suma importância compreender as bases de trabalho que fizeram parte das estruturas familiares dos são-bentenses, assim como foram responsáveis pelas movimentações cotidianas imbuídas neste ambiente. A fabricação das redes de dormir em São Bento marca a história de uma geração de são-bentenses que dividiram, dentro do ambiente doméstico, as relações familiares e de parentesco, como também as relações de trabalho, de amizades e comercialização.

E foi de acordo com esta perspectiva, que acreditamos na relevância da valorização da experiência daqueles que trabalharam por anos a fio com esta prática de produzir redes, e que são portadores de saberes riquíssimos, de histórias, e os modos e fazeres específicos deste tipo de produção, marcados pelo trabalho artesanal na zona rural, ainda para uso familiar, a vida entre campo e cidade durante o período de desenvolvimento da técnica como também do desenvolvimento de uma cidade que ainda engatinhava.

A pesquisa será realizada por meio da História Oral. Através da análise dos relatos orais de memória, analisaremos as narrativas pessoais dos são-bentenses de esferas sociais diversas que possuem ou possuíram envolvimento com a produção das redes de dormir.

Lançamos mão do trabalho com a História Oral, dado ao fato de São Bento consistir em uma jovem contemporânea cidade, afinal, são essas pessoas quem vão nos fornecer um discurso tanto sobre a cidade e suas transformações, assim também como a prática de fabricação das redes de dormir.

Partindo da prerrogativa de que os movimentos da História são múltiplos e se traduzem por mudanças lentas ou abruptas, utilizaremos da história oral como metodologia de pesquisa e análise de fontes, uma vez que, trata-se de um:

Procedimento metodológico que busca, pela construção de fontes e documentos, registrar através de narrativas induzidas e estimuladas, testemunhos, versões e interpretações sobre a história em suas múltiplas dimensões: factuais, temporais, espaciais, conflituosas, consensuais. Não é, portanto, um compartimento da história vivida, mas, sim, o registro de depoimentos sobre esta história vivida. (DELGADO, 2010, p. 15)

A história é feita por homens e mulheres comuns, e são eles quem irão nos conduzir pelas ruas e espaços públicos e privados de São Bento, na tentativa de demonstrar suas experiências individuais e coletivas, imbuídas nas representações, expostas através das malhas discursivas destes populares, que durante o decorrer de suas histórias, foram diversas vezes contadas. Neste trabalho, estas vozes irão ganhar referência.

A cidade emerge do olhar dessas pessoas, através dos acionamentos de suas lembranças, que trazem uma dimensão de sensibilidade; essa evocação possibilita um repertório de uma cidade que é sentida pelas pessoas que compõem o grupo de entrevistados exposto neste estudo. Como foram as formas de sobrevivência neste local, mesmo se tratando de uma cidade interiorana e como construíram suas relações singulares de vivência social e econômica nas diversas fases de suas vidas, são os principais temas por eles levantados.

São Bento nasceu e cresceu ouvindo a pancada do tear, portanto, as tessituras envoltas na construção de seu desenvolvimento como cidade, estão intimamente ligadas a esta prática, toda esta trama se encontra repleta de significados nas vozes das diferentes pessoas que habitaram e habitam este espaço, tendo respirado, pessoalmente, o pulsar do seu nascimento como cidade, como também suas principais transformações, responsáveis, em grande medida, pela remodelação da São Bento atual.

Os relatos orais de memória, através da metodologia da História Oral, imprimem as marcas das experiências do cotidiano que esse viver urbano propicia. O mundo particular do trabalho com a fabricação das redes de dormir foi estudado de acordo com os rastros, os indícios da história, existentes nas lembranças de pessoas comuns, geralmente idosas, que expuseram suas lutas de sobrevivência em meio a um espaço hostil, de poucos recursos, muita pobreza, e longe dos espaços mais desenvolvidos do estado da Paraíba.

A tessitura das memórias trazidas aqui, representa a trama das vivências de sujeitos históricos, traduzidas como forma de leitura do texto que a cidade oferece aos seus moradores. Foi através dessas leituras particulares, desses sujeitos que foram os principais tecedores da relação trabalho e transformações urbanas. Tudo isso através de suas vivências, seus saberes, suas relações, que foram capazes de construir os espaços desta cidade, transformando-os em locais de sociabilidades e vivências.

Quanto à utilização das fontes orais para a elaboração da pesquisa, nos baseamos nas informações e normas do *Manual de História Oral* de Verena Alberti que define esse procedimento como “um método de pesquisa (histórica, antropológica, sociológica, etc.) que privilegia a realização de entrevistas com pessoas que participaram de, ou testemunharam, acontecimentos, conjunturas, visões de mundo, como forma de se aproximar do objeto de estudo.” (2005, p. 18)

O trabalho destaca a importância dos depoimentos orais como ferramentas metodológicas de pesquisa eficientes para se preencher as lacunas documentais existentes nos órgãos públicos da cidade em questão. Também busca analisar questões que afloram no conjunto de entrevistas que aqui serão expostas, tais como: obter informações acerca do envolvimento dos mesmos em determinada prática comum, adquirida através da vivência cotidiana e da necessidade. Estas práticas têm seus valores sociais e culturais imbuídos nos contextos e situações em que homens e mulheres estão inseridos. (NEGRO, 2001)

Com relação às abordagens fundamentais no campo da historiografia oral que iremos utilizar para revelar o tema aqui proposto na narrativa dos nossos entrevistados serão as que: “ênfaticamente a importância dos depoimentos orais como instrumentos para preencher as lacunas deixadas pelas fontes escritas e a que privilegia a importância das representações e considera a memória como um objeto de estudo em si mesmo.” (FERREIRA, 1994, p.11)

A escolha dos depoimentos analisados partiu da definição de alguns critérios: quisemos produzir entrevistas, ou conjuntos de entrevistas que fossem representativos e que expressassem as experiências e processos vividos ou testemunhados pelos entrevistados, ou

seja, são-bentenses intimamente ligados às diversas transformações urbanas ocorridas, como também às transformações no processo de fabricação das redes de dormir. Por isso traçamos um percurso de pesquisa e análise dos relatos orais de memória utilizando de entrevistas temáticas.

Para a realização da pesquisa, entrevistamos um número de 9 são-bentenses, sendo 5 homens e 4 mulheres. O local e data das entrevistas ficaram a critério de cada depoente, acertando anteriormente dia e horário que se enquadrasse nas agendas de ambas as partes, entrevistado e entrevistador. Um número de 3 das 9 entrevistas foram realizadas nos locais de trabalho dos entrevistados, as outras 6 foram realizadas em suas residências, sendo todos os endereços localizados na zona urbana.

As 9 entrevistas estão divididas em dois grupos. No primeiro temos um número de 5 depoimentos que foram realizadas no ano de 2015 tendo boa parte de seu conteúdo sido direcionado para a pesquisa monográfica da autora desta pesquisa, que serviu de base para o trabalho de conclusão do curso de Bacharelado em História pela UFRN, defendida em dezembro deste mesmo ano. A outra parte significativa voltada para os temas relacionados à cidade de São Bento foram destinadas a projetos futuros, e por conseguinte serviu de base complementar para a realização da presente pesquisa.

O outro grupo estabelecido em um número de 4 depoimentos, foram realizadas no ano de 2018, com o objetivo de sanar as perguntas ainda existentes acerca da mecanização da produção de redes de dormir, e como esse processo foi responsável pelo desenvolvimento urbano de São Bento, e conseqüentemente destinadas a elaboração deste trabalho dissertativo.

Os dois grupos de entrevistas foram realizados seguindo as normas técnicas e os parâmetros da terceira edição atualizada e revisitada do *Manual de história oral* do CPDOC. (ALBERTI, 2005) Este manual nos orientou a dividir o processo em três etapas. Na primeira etapa realizamos o processamento e análise das fontes orais concluindo a fase de construção das fontes, através de roteiro geral e específico de entrevistas pré-estabelecidos e formulados mediante desenvolvimento de projeto de pesquisa. Seguidamente demos início ao processo de realização das entrevistas, e posteriormente suas transcrições, buscando reproduzir os relatos com fidelidade a tudo que foi dito.

A segunda etapa da metodologia estipulada para a análise dos relatos orais de memória consistiu na escuta dos depoimentos, seguido das leituras das transcrições dessas entrevistas, para fazer as correções de possíveis erros. Por último, a análise dos depoimentos,

em cima dos objetivos, problemas e hipóteses estabelecidos e elencados no projeto de pesquisa de História Oral para serem postos na discussão da presente pesquisa.

Dos entrevistados envolvidos na nossa pesquisa os 5 que fizeram parte do primeiro grupo de entrevistados, tiveram suas falas registradas por um gravador digital. Colhemos o registro oral dos outros 4 que compuseram o segundo grupo de entrevistados, por meio do gravador de voz de um aparelho celular. Nos dois casos, em um primeiro momento, apresentamos a proposta do nosso trabalho e seus objetivos a cada participante, assim como também adiantamos quais seriam os temas e as perguntas norteadoras, para deixá-los mais confortáveis e cientes da conversa que iríamos realizar.

Nenhum dos narradores apresentou negação em terem suas identidades expostas durante o processo da escrita do trabalho. Todos os entrevistados cederam livremente seus depoimentos para uso exclusivo de pesquisas científicas, através de ‘cessão de direitos sobre depoimento oral para instituição de pesquisa’ (em anexo), segundo o modelo estabelecido no *Manual de História Oral* do CPDOC. (ALBERTI, 2005, p. 135)

As entrevistas do primeiro grupo de pesquisa foram destinadas ao livre acesso, e encontram-se sob domínio público no Laboratório de Pesquisa Documental – Labordoc, do Centro de Ensino Superior do Seridó, Ceres-UFRN, na cidade de Caicó-RN. O segundo grupo de entrevistas também será destinado para o mesmo fim e direcionado ao mesmo centro de pesquisa, como também para o Projeto Memória, do Departamento de História da Universidade Federal de Campina Grande, Campus Central.

Tentamos desenvolver um discurso com base nos relatos orais de memória entrecortando sempre a relação história, memória e tempo, uma vez que a memória é a principal fonte dos depoimentos orais, onde nelas estão imbuídas múltiplas variáveis, temporais, espaciais, individuais e coletivas, que dialogam constantemente entre si. Portanto, história, memória e tempo são processos interligados.

Esta linha historiográfica que explora as relações entre memória e história rompe com uma visão determinista que limita a liberdade dos homens, coloca em evidência a construção dos atores de sua própria identidade e reequaciona as relações entre passado e presente ao reconhecer claramente que o passado é construído segundo as necessidades do presente. (FERREIRA, 1994, p. 08)

Esta relação entre história e memória é dada através dos modos de explorar as questões nos estudos da experiência cotidiana que será narrada. Tem-se o intuito de desenvolver uma análise qualitativa com relação ao tratamento das fontes, traçando o

caminho cronológico visando entender o lugar do são-bentense frente às transformações ocorridas no espaço discutido.

Tomaremos as análises de Paul Thompson no que diz respeito aos usos teórico e prático da história oral e ao que diz respeito a desmistificação do uso de entrevistas como fontes historiográficas de grande valor para a história contemporânea, explicando com exemplos práticos como os historiadores podem desenvolver esse método. Obedecendo ao pensamento de que a história, principalmente a história nos parâmetros da oralidade sobrevive, como atividade social pelo fato da mesma possuir um sentido entendido pelas pessoas comuns.

O sociólogo inglês, tido como um dos pioneiros da história oral na Grã-Bretanha, conhecido como uma das autoridades mundiais na reflexão e utilização deste método para o registro histórico levanta que, as possibilidades mais ricas para a história oral se encontram no desenvolvimento de uma história mais socialmente consciente e democrática.

Thompson avalia que não podemos perder de vista a intenção de não estabelecer para o método prático e teórico uma posição conservadora caminhante para a possibilidade de transformar a história oral como meio de preservação da riqueza e do valor da tradição, mas sim, como meio de enxergar como as tradições são geridas no meio social, uma vez que o mérito desta metodologia está, justamente, em levar os historiadores a tomarem consciência de que sua atividade se exerce, inevitavelmente, dentro de um contexto social com fortes implicações políticas.

A realização de entrevistas consiste na única ferramenta capaz de instrumentalizar o que hoje denomina-se história oral moderna, um recurso utilizado por profissionais de diversas áreas. Levantando a prerrogativa de que a história oral é tão antiga quanto a própria história. uma pesquisa com história oral pode ser desenvolvida em diferentes contextos, enquanto iniciativa individual (o caso da presente pesquisa), ou trabalho coletivo (formação de acervos de história oral, em escolas, comunidades, nas Universidades, em museus e tantos outros).

A história oral é uma história constituída em torno de pessoas. Ela lança a vida para dentro da própria história e isto alarga seu campo de ação. Admite heróis vindos não só dentre os líderes, mas dentre a maioria desconhecida do povo. Traz a história para dentro da comunidade e extrai a história de dentro da comunidade. (THOMPSON, 1992, p. 44)

Focaremos na “cidade” como espaço historiográfico principal do presente estudo, possibilitando ao leitor um olhar sensível em torno das movimentações culturais, sociais e

econômicas que o desenvolvimento dessa produção de modo particular ofereceu a esta cidade.

O século XX, segundo Barros foi o ‘século da urbanização’, analisando que a partir de então “a maior parte da população mundial passou a viver essencialmente em centros urbanos de diversos tipos.” (2012, p. 07) No Brasil, os discursos e estudos sobre a cidade culminaram nas décadas iniciais do século XX, concomitantemente com a ideia de urbanização e os melhoramentos materiais como aspirações modernizadoras, ideais em voga no período.

Esses anseios modernizadores alastraram-se por diversas capitais do país como Recife, Rio de Janeiro, Salvador, São Paulo e até mesmo com a construção de Belo Horizonte em fins do século anterior. (PINHEIRO, 1992, p. 10)

Nesse contexto, as discussões sobre as necessidades de reformas urbanas eram quem comandavam os estudos sobre o aparato urbano brasileiro, dando destaque para os trabalhos científicos e técnicos, de higienistas, sanitaristas e médicos, o momento era de acirradas críticas em cima das más condições de salubridade e higiene das cidades. (LEITE, 1996)

Esses mesmos problemas seguidos dos planejamentos das questões desenvolvimentistas afetaram bem antes as cidades europeias, só que no Brasil esses anseios tardaram com relação à Europa, sinônimo de metrópole, tendo esse ideal se tornado o sonho imperialista do Brasil oitocentista, “as capitais brasileiras deveriam ser um espelho de uma civilidade e de um progresso pretendidos para o país.” (LEITE, 1996, p. 09)

Mantendo esse contexto de observação, as cidades brasileiras se tornaram objeto de análise dos mais variados segmentos sociais, como os engenheiros e sanitaristas, jornalistas e intelectuais, entre outros. A partir desses estudos, várias outras imagens do que é, ou deveria ser a cidade começaram a se revelar. (BRESCIANNI, 1998)

As pesquisas historiográficas de grande monta começaram, mesmo que a passos lentos, manifestar seu interesse pela movimentação cidadina, tanto no que se refere às suas formações primárias, quanto nas suas subsequentes transformações.

Podemos encarar os dois últimos séculos como o período que mais se reproduziu imagens e representações elaboradas sobre a cidade. Deste modo, as pesquisas contemporâneas que procuraram entender a urbe, dispõem de um arcabouço teórico em constante ampliação, podendo hoje, pesquisadores de variados campos do saber encarar intelectualmente a cidade por facetas múltiplas, pelas quais, cada uma delas nos oferece formas peculiares de observação.

A cidade que carrega a essência de seus primeiros habitantes ilustrados na sua relação com o campo, nas suas construções históricas, no tipo de trabalho vigente, na vivência cotidiana entre os cidadãos, na linguagem, na educação, entre outros, pode muito bem ser observada e analisada como *artefato*.

Porém, não podemos deixar de pensar que a cidade pode muito bem ser lida como um artefato esteticamente construído. Segundo esse parâmetro, uma vez que avaliarmos que a cidade não consiste em um elemento isolado que permanece inerte às transformações do espaço e aos desdobramentos culturais, sociais, políticos e econômicos, faz-se bastante pertinente o levantamento de Fernando Braudel que coloca “as cidades são como transformadores elétricos: aumentam as tensões, precipitam as trocas, caldeiam constantemente a vida dos homens.” (1977, p. 461)

A cidade é o maior artefato produzido pelo homem, e o século XX tornou-se responsável pelo aparecimento de preocupações mais efervescentes sobre a sua função econômica, como também com sua organização social e com o modo de vida do cidadão. Teoricamente podemos analisá-la como um registro concreto e quase imperecível da memória humana se analisarmos bem as “Artes de fazer” de Certeau. (2014)

Tomaremos o ‘discurso’ como fator teórico principal deste estudo, principalmente o discurso sobre a óptica ‘certeuniana’ uma vez que esta analisa a palavra como centralidade para a compreensão do sujeito, nos perguntando sempre “o que liga o discurso ao seu lugar?”

Tendo em vista que ‘fazer’ é o verbo central do pensamento de Certeau, analisaremos como o indivíduo age, sendo ele agente principal de transformações no espaço habitado mediante as suas diferentes formas de habitar, de interagir e de trabalhar em conjunto, e principalmente suas formas de fazer o artigo em questão que será discutido durante toda a trajetória deste trabalho.

Segundo Certeau, o homem produz espaço quando ele articula uma ação sobre os elementos dispersos ou quando elabora uma narrativa. Ele discute em *A invenção do cotidiano. I Artes de fazer*, como uma cidade pode ser praticada e relatada, como ela pode ser produto de práticas e de relatos.

O ser humano é quem transforma o lugar em espaço quando articula os elementos dispersos que ainda não são articulados e significados. Portanto, podemos constatar que a cidade funciona e se desdobra como uma obra de arte coletiva, uma vez que, ela pode ser reelaborada por quem detém as rédeas de sua construção, como também pelos seus habitantes, que modelam e remodelam todos os dias os jeitos de ‘viver urbano’.

O teórico que sustenta a centralidade da palavra para a compreensão do sujeito, avalia que a cidade constitui em si uma “ordem espacial” e ela está intimamente comparada à língua. Os pedestres que caminham através desta ordem espacial vão atualizando cotidianamente, e reinventando esta linguagem. Todavia, essa língua carrega consigo dentro dessa ordem espacial urbana, suas possibilidades e proibições. Os seres humanos que movimentam a urbe todos os dias fazem uma ‘enunciação’ da caminhada através desta ordem urbana.

À guisa de conclusão a respeito desse aparato dos estudos sobre a cidade, acreditamos que ela pode ser simplesmente “lida”, isto é, pode ser analisada como um texto. Se a cidade como obra de arte pode ser entregue ao deleite e a apreciação artística daqueles que por ela passam, ou por aqueles que nela residem, ela pode ser esmiuçada através de várias leituras por aqueles que caminham pelos seus espaços públicos e privados.

Analisar a cidade como texto, pode nos permitir uma renovação nos estudos acerca dos fenômenos urbanos. Esta imagem é fruto da contribuição efetiva dos estudos semióticos para a compreensão do fenômeno urbano, sobretudo a partir do século XX.

Seguindo a perspectiva da cidade como um “texto”, colocamos o habitante (ou visitante) como seu principal leitor, “esse caminhante diário se desloca pela cidade constantemente sintonizando-se com ela, e sendo capaz de decifrá-la, assim como um leitor que se debruça sobre um texto ou uma escrita.” (BARROS, 2012, p. 40)

A cidade divide-se em múltiplos compartimentos, ela deixa exposto a hierarquização social existente em seu interior e em suas relações sociais, e é justamente por essas razões que ela pode ser lida. Seus habitantes são seus principais leitores, e é interessante levantar o debate de que, esses mesmos habitantes são quem realizam a escrita de sua cidade.

É inimaginável que a escrita urbana deixe de ser registrada e analisada tanto através da longa quanto da curta duração. “A cidade é um discurso, e esse discurso é verdadeiramente uma linguagem: a cidade fala a seus habitantes, falamos nossa cidade, a cidade em que nos encontramos, habitando-a simplesmente, percorrendo-a, olhando-a.” (BARTHES, 2001, p. 224)

O historiador que se concentra em entender o aparelhamento urbano não pode se contentar em apenas fazer observações rasas contemplando apenas a planta de uma cidade, nem muito menos se deter apenas em sua materialidade urbana, ou no que consistiu a vida dos homens que ali habitaram.

A cidade é mais que isso, nela existem inúmeras possibilidades de vivências mútuas, nela se esconde as sensibilidades no interior de cada avenida, de cada rua com seus becos e muros. A cidade escancara a sua hierarquização social, e segrega em seus recantos os desfavorecidos.

As recordações da antiga São Bento não podem ficar de fora desta busca, pois ela será frequentemente lembrada pelos agentes da história desta cidade. E o que mais aguçará o tema aqui pesquisado será justamente a intensidade das suas experiências expostas em seus relatos.

Através da História Oral, poderemos diagnosticar o crescimento do espaço citadino, os locais de maior agitação de pessoas, o caldeamento das relações sociais, de trabalho, de profissão da fé, e perceber como esses conhecimentos históricos fazem parte da vida das pessoas comuns, se traduzindo na melhor forma de se compreender o cotidiano de uma cidade.

Propomos dividir este trabalho em três capítulos. No primeiro, “*Morar bem é morar na cidade: visões dos populares sobre o urbano e a cidade que começa a nascer*”, poderemos ter em mãos um texto que aborda uma São Bento em seu processo de nascimento e desenvolvimento do seu aparato urbano. Este capítulo configura-se em um estudo que lida em analisar as movimentações citadinas e todo misto de vivências e trocas de experiências que são cotidianamente vivenciadas entre si no interior da cidade.

Não poderíamos iniciar esta trama sem elencar as relações sociais dos são-bentenses através de suas vivências no local de nascimento da cidade em questão a Rua Velha. Observaremos neste capítulo que o período tratado foge um pouco do recorte temporal estabelecido para este estudo que se concentra entre as décadas de 1960 e 1990.

Porém, o curto relato sobre a Rua Velha que abrange as décadas de 1950 e 1960, além de breve, demonstra o anseio que tinham nossos entrevistados em nos relatar como aquele ajuntamento rural, depois centralizado em um pequeno povoado, começou a passos lentos a se desenhar como cidade, para a partir de então, tomarmos mais conhecimento como seu crescimento se tornou acelerado durante o recorte temporal aqui estudado, e como o trato com a produção de redes neste município foi responsável por este crescimento; como também responsável pelas principais transformações urbanas no interior da cidade em questão.

Em “*Na cidade de São Bento/PB cair na rede é negócio seguro*”, analisaremos os aspectos específicos no tocante às transformações urbanas ocorridas na cidade de São Bento,

em virtude do processo de mecanização da fabricação de redes de dormir nesse lugar. Neste capítulo, ainda sob a ótica dos relatos orais de memória, iremos analisar de fato o recorte cronológico levantado, que vai de 1960 a 1990. Nesse contexto, focaremos aqui nas abordagens acerca dos passos da remodelação do espaço são-bentense para o aprimoramento da produção das redes como também para a sua comercialização.

Serão levados em consideração as reflexões teóricas sobre os relatos orais de memória, relacionando-os às temporalidades e a dinâmica constitutiva das identidades pessoais, nos quais cada um deles se inserem. Tem-se o objetivo de traçar uma narrativa pela qual se estabeleçam as dinâmicas inter-relacionais dos são-bentenses de acordo com suas memórias narradas, o tempo vivido e o tempo lembrado. Tentando levantar de forma explicativa a relação dinâmica existente entre o trabalho e cidade.

A partir da última etapa desta pesquisa *“Da rua ao lar: um percurso acerca do curioso modo de trabalho familiar na fabricação das redes de dormir”*, analisaremos como a partir da década de 1960 o trabalho com as redes passou a moldar as relações familiares dentro do espaço aqui trabalhado. Neste terceiro e último capítulo, mas não o menos importante, tentamos escrever sobre as diversas relações existentes entre cada membro de uma família são-bentense e seus respectivos envolvimento nas fases da produção de rede.

Colocaremos aqui em debate uma visão do ‘tempo’ familiar voltado para o trabalho, observando com cuidado, todo desenvolvimento do são-bentense como agente transformador do espaço o qual pertence, desde a sua infância até sua fase adulta, imerso no mundo do trabalho.

Este trabalho é composto pelas especificidades de um ofício comum entre as pessoas de uma cidade, que usam de práticas, costumes e experiências próprias para a realização deste trabalho, e que aqui se mostram nas narrações com o desenrolar de um vocabulário particular, mesclado pelas palavras existentes dentro de uma variação linguística regional utilizada por essas pessoas, e também a utilização de termos técnicos voltados para a prática da fabricação, que tem seus significados expostos unicamente em suas experiências e vivências dentro da fabricação.

Esses termos técnicos e palavras usuais entre os narradores que serviram como fontes orais, encontram seus significados e atribuições exemplificados em um glossário ao final deste trabalho, afim de envolver o leitor nessa vivência, uma vez que não poderíamos distorcer o debate nu e cru dos narradores.

Para finalizar esta introdução, é preciso registrar que os resultados e as conclusões apresentados no presente trabalho não se pretendem únicos, nem tampouco definitivos, afinal de contas, a cidade possui diversas facetas. Tentamos traçar neste trabalho uma leitura desta cidade a partir de suas transformações mediante o trabalho da produção de fabricação das redes de dormir existente na urbe juntamente com todo arco de experiências que envolvem e moldam as séries de contextos e situações que a formam de acordo com as necessidades, porém, outras pesquisas podem revelar facetas novas e diferentes da cidade que não serão demonstradas aqui.

Este estudo possui uma extensão bastante limitada e não pretende esgotar o imenso território acerca da ainda pouco explorada São Bento/PB. Visa apenas oferecer uma pequena contribuição à sua história. É necessário que se diga que tudo que foi conquistado até aqui é resultado de um trabalho com indícios históricos e pelo tratamento dedicado a eles.

Aqui também estão inseridas opções individuais de abordagem do tema exposto, tornando de fácil percepção a valorização de determinados aspectos em detrimento de outros; de concepções teóricas e metodológicas consequentes de uma formação profissional particular e das próprias limitações desta jovem que se considera em um estágio no *métier* de historiadora que escolheu para si.

CAPÍTULO I – MORAR BEM É MORAR NA CIDADE: VISÕES DOS POPULARES SOBRE O URBANO E A CIDADE QUE COMEÇA A NASCER

Naquele tempo, São Bento era uma vila, em que todo mundo saía das suas casas nos sítios, e ia pra essa vila na segunda-feira. E São Bento era ali, aquela Rua Velha, onde tinha duas porteiras que abriam de um lado e do outro, no centro dela era a igreja, por trás da igreja tinha um galpão. Esse galpão era o mercado, toda segunda o povo ia pra “rua”. Toda semana era assim, aí se juntava o povo dos sítios todinho na Rua Velha. Era lá, na Rua Velha que o povo ia nas segundas pra fazer a feira, arrendar os trabalhos da semana, pra missa rezar, a juventude para o Passeio prosear. E foi naquela Rua Velha, que São Bento ganhou jeito de cidade².

Esta descrição provoca-nos a conhecer o cotidiano dos são-bentenses durante a década de 1950; nos convida a tomar conhecimento de uma São Bento que não passava de um simples povoado, que consistia basicamente em um único conjunto composto de duas ruas compridas e largas com um calçadão em seu centro, indo a até o final de onde está localizado o Fórum Municipal, formando um quarteirão com pouco mais de 10.100m².

Nas pequenas cidades, nos seus pequenos ‘dia-a-dia’, pessoas se movimentam a todo instante. Essas pessoas estabelecem suas relações pessoais, sociais, religiosas, comerciais, suas relações de trabalho, enfim, nos interstícios dos agrupamentos urbanos, pessoas organizam de forma bem particular e específica de cada lugar seus modos de viver cotidianos.

O trabalho na produção de redes de dormir, apesar de consistir em uma atividade genuinamente rural, como veremos no decorrer dos próximos capítulos, se mostra também uma atividade urbana, a partir do momento em que o povoado de São Bento, em fins da década de 1950, começou a se estruturar como cidade e a espelhar nos moradores ao seu redor, o anseio de participar de uma vida cidadina cada vez mais assídua.

O objetivo deste primeiro capítulo será justamente mostrar as relações sociais dos são-bentenses através de suas vivências no local de nascimento da cidade em questão, a Rua Velha. Conhecer sobre o desenvolvimento dessa rua é viajar pelas memórias desse povo sertanejo observar os pontos principais que os levaram a cada vez mais sair do campo e optar

² Diálogo comum, geralmente utilizado pelos entrevistados desta pesquisa, para especificar como se encontrava configurada a parte central do povoado de São Bento entre as décadas de 1940 e 1950.

pelo ambiente citadino. Configura-se em um estudo que lida em analisar as movimentações citadinas e todo misto de vivências e trocas de experiências que são cotidianamente vivenciadas entre si no interior da cidade

O aprimoramento da produção das redes de dormir, assim como o aumento da comercialização deste artigo têxtil, foram os principais responsáveis pelo crescimento populacional em torno desta rua.

É inegável a relevância da compreensão do desenvolvimento urbano da Rua Velha no processo de aumento e aprimoramento da produção de redes de dormir. Era na “rua” que estava a fé; o comércio; a diversão; a escola; os visitantes, que consigo traziam dinheiro para gastar com os comerciantes locais; portanto, era na “rua” que as coisas aconteciam, logo, nessas circunstâncias, morar bem seria morar na cidade.

1.1 Cotidiano e cidade: a Rua velha e a cartografia da São Bento antiga

Antes de qualquer levantamento ser posto aqui em análise, é importante ressaltar que esta pesquisa está centrada no discorrer dos relatos orais de memória que traduzem as vivências pessoais dos são-bentenses no que diz respeito às transformações urbanas ocorridas nesta cidade.

O processo de melhoramento da fabricação das redes de dormir, ocasionado principalmente pela mecanização da produção e a alimentação feroz da comercialização deste produto, foram os responsáveis pelas principais transformações ocorridas neste espaço citadino. Este espaço foi rapidamente aumentando para assim, poder atender a necessidade desta produção com mais eficiência.

Ou seja, este é um estudo voltado para as narrativas sobre o cotidiano urbano de São Bento, e as relações interpessoais que estas pessoas têm com a cidade. Serão aqui elencadas e problematizadas as visões que estes homens e mulheres formaram sobre este espaço urbano em questão em sua fase de desenvolvimento, tomando os relatos orais de memória como fonte principal para a resolução dos questionamentos acerca da São Bento que nasceu e cresceu ouvindo a pancada do tear.

A escassez de fontes documentais torna o trabalho historiográfico mais difícil e, por vezes, chega a parecer impossível sanar o desejo de encontrar evidências do passado desta São Bento mergulhada no mundo das experiências com a fabricação das redes de dormir.

Porém, esse desafio foi perdendo o caráter de missão impossível, à medida que, tivemos a oportunidade de observar que esse território perdido do passado são-bentense, se encontrava mais cristalizado no campo da memória do que seríamos capazes de imaginar.

A expansão urbana de São Bento esteve diretamente vinculada ao desenvolvimento da indústria têxtil no interior desta cidade. As dificuldades encontradas na fase inicial dessa produção genuinamente rural, até os seguidos sucessos que a produção obteve em âmbito econômico, agora dentro de um ambiente urbano, foram essenciais para estabelecer as relações que estruturam a prática da produção das redes de dormir nesta cidade.

As sucessivas transformações na prática da produção deste artigo têxtil, além de ter sido responsável pelo desenrolar efetivo das vivências cotidianas neste espaço, também foi capaz de determinar o ritmo urbano deste pequeno município paraibano.

A fabricação das redes de dormir esteve presente em São Bento desde fins do século XIX até os dias atuais. (SILVA, 2010) A rede de dormir consiste em uma espécie de leito balouçante feito de tecido resistente de linho, algodão ou qualquer outra fibra. As extremidades da rede estão terminadas em punhos, que por sua vez, são suspensos em ganchos geralmente pregados em paredes. (MEDEIROS, 2016)

O artigo que hoje é característico da indústria têxtil começou a ser utilizado mantendo um caráter utilitário para as noites de sono de alguns grupos indígenas. Não existe registro escrito sobre as redes anterior à observação europeia na América do Sul durante a colonização do século XVI, ou seja, o leito suspenso no ar, era desconhecido até então. (CASCUDO, 2003)

As práticas comuns da feitura das redes na cidade de São Bento tiveram seu início submerso no mundo das experiências familiares. Essas experiências implicaram em um estabelecimento no ‘modo de fazer’ o artigo, sendo diretamente transferida para a vida cotidiana daqueles que a produziam, gerando um saber compartilhado entre todos e transmitido entre as gerações.

Esse estabelecimento afirma-se como uma construção do saber coletivo que se transformou em um misto de peculiaridades próprias entre os agentes deste cotidiano, que participaram ou participam da produção das redes em quase todas as esferas da vivência social.

Contudo, é importante deixar claro o teor dessas peculiaridades, que nada mais são do que uma série de conhecimentos trocados entre os seres que habitam neste mesmo espaço e que compartilham entre si as experiências dessa prática de fazer redes. Esses

conhecimentos são levados adiante mesmo que essa prática em questão siga uma série de mudanças e continuidades no seu modo de fazer ao longo do tempo, sem deixar de participar efetivamente do desenvolvimento das tradições que são vivenciados neste lugar.

A fabricação das redes de dormir em São Bento nasceu no seio familiar, se modernizou a partir dos avanços técnicos da indústria em meados de 1960, sem perder o caráter de produção familiar que vai se estender por um período expressivo, sendo a base dessa prática advinda da zona rural, e adentrada na vida dos moradores do povoado, mais tarde transformado em cidade.

O povoado de São Bento, por sua vez, iniciou seu processo de estruturação e desenvolvimento do seu espaço a partir de meados da segunda metade do século XVIII. Em fins do século XIX certamente já passara a receber um número expressivo de habitantes. Em 1891, o povoado foi desmembrado da Freguesia de Nossa Senhora do Bom Sucesso (Pombal), e foi anexado à Freguesia de Nossa Senhora dos Milagres (Brejo do Cruz), respondendo a esta Freguesia até o ano de sua emancipação política em 1959.

O desmembramento de São Bento para Brejo do Cruz partiu da intervenção do então vigário desta última o Cônego Emygdio Cardoso de Souza, o qual redigiu um documento ao Bispo de Recife Dom José Joaquim Azevedo Coutinho pedindo autorização para a capela de São Bento pertencer à Freguesia de Nossa Senhora dos Milagres em Brejo do Cruz, tendo o pedido aceito em 20 de novembro de 1891. (SILVA, 2010)

Observemos o mapa (**Figura 1**) que indica a distância entre a cidade de Pombal-PB e a cidade de São Bento – PB, com relação à distância desta última e a cidade de Brejo do Cruz:

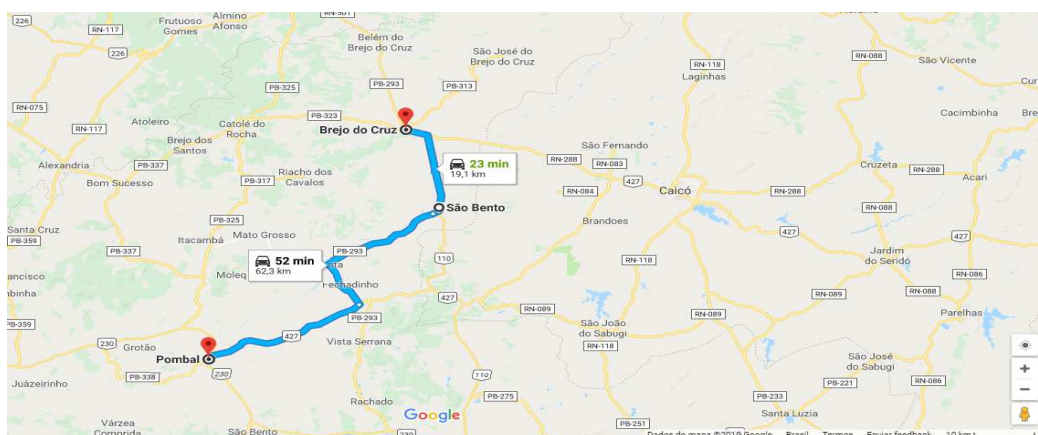


Figura 1 – Mapa da distância entre Pombal a São Bento e São Bento a Brejo do Cruz³

³ <https://www.google.com.br/maps/place/Pombal,+PB,+58840-000/@-6.2614817>

Segundo Genival Soares da Silva (2010, p. 192) em 1891 já havia no povoado de São Bento uma capela muito pequena, quase um oratório se levar em consideração o seu tamanho, mal cabia os fiéis, sendo necessário uma espécie de tenda de palha em frente da capela para abrigar o povo durante as celebrações. Esta capela foi erguida em homenagem a São Sebastião, e passou por uma reforma, sendo também ampliada em 1896 com o Padre Emygdio Cardoso à frente desses melhoramentos.

Segundo o mesmo autor, foi ao redor dessa capela que, a passos lentos, o povoado de São Bento começou a ser desenhado pelos seus habitantes, era ali que nascia a Rua Velha, o mesmo descreve esses levantamentos acerca das memórias de seu pai Genésio Pequeno da Silva, que viu o florescer da pequena vila. Seu pai também viu a construção da capela de São Sebastião, como também suas reformas até sua demolição. Os relatos orais de memória, também atestam através das histórias ouvidas por seus parentes mais velhos as mesmas elucubrações de seu Genésio, trazidas na escrita de Genival.

Nos anos que se seguiram de 1891 até 1959 é possível que tenha ocorrido um maior fluxo de desenvolvimento do povoado, uma vez que o tráfego da Freguesia de Brejo do Cruz era de melhor acesso a São Bento por questões geográficas, se comparado com a acessibilidade que o povoado tinha com sua antiga Freguesia de Pombal.

Na época aqui discutida, era necessário percorrer cerca de 64km de Pombal até São Bento, a pé, ou a cavalo e jumento que eram os transportes mais utilizados pela população da região, majoritariamente rural. Com a anexação do povoado de São Bento à Freguesia de Brejo do Cruz, essa distância cai para cerca de 20km. (**Figura 1**)

Essa anexação do povoado de São Bento à Freguesia de Brejo do Cruz foi bastante positiva para o aumento do seu desenvolvimento, principalmente se analisarmos a questão religiosa, uma vez que, as celebrações eucarísticas diversas se tornaram mais frequentes, podendo ocorrer toda segunda-feira.

Nos dias de segunda também ocorria a feira central na atual Rua Velha. Com o aumento das celebrações, aumentava o fluxo dos moradores do campo para a cidade para participarem delas. Por conseguinte, o fluxo de transeuntes na feira central após cada celebração também aumentava, dando um pulsar mais efervescente ao comércio da região.

A feira aumentava cada vez mais, pois a população não ia mais ao centro do povoado apenas para realizar suas compras semanais ou fazer suas negociações, os moradores dessa região iam se encontrar para as celebrações. O desejo de frequentar com mais assiduidade aquele ambiente urbano que começava a nascer também aumentava.

O traslado em maior quantidade de mercadorias para este povoado se tornou necessário e cada vez mais acessível. O desenvolvimento de um pequeno povoado, mais central foi se tornando possível, uma vez que as celebrações eucarísticas começariam a ser mais frequentes, devido à menor distância entre Brejo do Cruz e São Bento.

A cidade em questão começou a nascer e se desenvolver ao redor da capela de São Sebastião localizada onde hoje se concentra a Rua Velha. Esta rua foi assim denominada por seus moradores por ser o espaço mais antigo desta cidade. Local onde até aproximadamente a metade da década de 1970, funcionou como o principal centro de comercialização e interação social do município. A seguir (**Figura 2**), podemos ter contato com uma visão panorâmica da Rua Velha nos dias atuais.



Figura 2 – Vista panorâmica da Rua Velha.
Fonte – Prefeitura Municipal de São Bento.

Era praticamente neste conjunto central que até fins da década de 1960 se concentrava toda movimentação urbana de São Bento. É interessante frisarmos aqui uma discussão de uma São Bento ‘lugar’ de configurações diversas desde 1891 até sua fundação como cidade em 1959, onde podemos tratar este lugar como ‘espaço’ urbano. Essas transformações iniciais foram responsáveis pelas atuais configurações urbanas centrais deste município.

A Rua Velha consiste num conjunto de duas ruas, as mais antigas da cidade, a Rua Manoel Vieira e a Rua Leandro Pinto. Estas duas ruas estão localizadas no início da entrada

principal ao norte da cidade, logo após a ponte Governador João Agripino que corta o braço do Rio Piranhas.

São duas ruas largas (**Figura 3**), essas duas ruas funcionam como duas mãos viárias tendo em seu centro um enorme calçadão, denominado de Praça de Eventos Alzira Alves de Brito, no qual atualmente, são realizados eventos culturais públicos do município. No final desta praça estava localizada a primeira capela de São Bento, a capela de São Sebastião, demolida em 1953, para dar início a construção da atual Paróquia de São Sebastião. Ao final das duas ruas e do seu calçadão está a Praça Álvaro Silva.

A cidade de São Bento foi moldada em termos físicos e geográficos, através das diversas transformações impostas sobre a Rua Velha, principal lugar de interação social dos são-bentenses, de comercialização, de abastecimento de subsídios alimentícios de uso familiar, para os assuntos de trabalho, como também local de profissão da fé.



Figura 3 – Rua Velha.

Fonte – Joyciana da Silva Medeiros, 2018.

Os moradores do antigo povoado dedicavam-se basicamente à agropecuária e outros ao comércio. Era no seio da Rua Velha que deram os primeiros passos do mundo da comercialização nesta cidade. As mercadorias chegavam até o povoado através dos tropeiros, homens que dirigiam tropas de burros carregadas de diversas mercadorias. Em alguns relatos orais de memória, iremos nos deparar com lembranças dos entrevistados que tiveram parentes que assumiram essa profissão durante parte de suas vidas.

A população maciça do povoado de São Bento residia na zona rural e como estas pessoas viviam da agropecuária, os que residiam no povoado, logo que amanhecia o dia, se

deslocavam para seus trabalhos na roça. Geralmente, os moradores do povoado eram pessoas mais abastadas, que possuíam propriedades na zona rural, e que precisavam se deslocar até ela para realizar atividades rurais em suas terras, como demarcá-las com cercas de pedras, ou dirigir seus trabalhadores no serviço com as ordenhas de vacas, a limpeza da casa, abastecimento de gêneros de primeiras necessidades diversos, entre tantos outros serviços.

A outra parte dos são-bentenses que moravam na zona rural e que representavam o maior número de sua população, só se deslocava até o povoado nos dias de feira; na festa do padroeiro; no natal; ou, no caso de necessidade, para comprar remédio ou para fazer a manutenção dos seus equipamentos agrícolas.

Na década de 1960, a cidade de São Bento, recém emancipada, estava começando a tomar novos rumos. A capela de São Sebastião, a primeira do antigo povoado localizada na Rua Velha, havia sido demolida em 1953. Logo mais tarde, em 1956 deu-se início a construção da igreja a pouco mais de 230m de distância da Rua Velha.

A igreja só teve sua primeira missa realizada em 1957, com as paredes ainda sem revestimento de nenhuma argamassa, em fins deste mesmo ano a igreja estava revestida e preparada para mais tarde ser elevada ao patamar de Paróquia em 1959. (SILVA, 2010)

As primeiras edificações do povoado foram construídas em torno da antiga capela, assim como também todo fluxo comercial que existia no povoado se aglomeravam nas suas imediações, e se espalhavam por todo centro da Rua Velha, até ganhar também o seu entorno.

A seguir, poderemos analisar a fala de Terezinha Cruz de Araújo (dona Terezinha Benzedeira). A mesma é são-bentense, natural do sítio São Bento de Baixo, nasceu em 1944, contando hoje com a idade de setenta e quatro anos. Dona Terezinha, em uma entrevista cheia de risos e muita vontade de contar suas experiências, nos informou os detalhes a respeito da antiga Rua Velha que ainda se fazem presentes em suas lembranças.

A mesma nos rememora, os aspectos gerais da Antiga Rua Velha, dando detalhes de como era desenhada esta rua. Como funcionava o espaço central do povoado de São Bento, das construções e edificações simples que compuseram este local durante o período que cercou sua infância.

A gente vinha do sítio, aí pra entrar no povoado tinha uma cerca na entrada ali das primeiras casa da Rua Velha. Tinha uma cerca assim e outra assim e uma cancela grande no meio. Abria aquela cancela e a gente entrava. Era somente aquela rua do meio e a rua ali do outro lado, [fazendo referência às ruas que ficam do lado direito e esquerdo do calçadão onde ficava o mercado central] aquela rua ali onde fica o mercadinho de Raminho num sabe? Somente isso. Aí tinha mais ou menos perto ali do Colégio Cemo Júnior por ali, que era no centro, era a igreja, a antiga igreja que foi derrubada. Aí bem, era aquela carreira de rua, o mercado era um galpão bem grande, com aqueles... uns pilar. (...) Aí pronto, atijolado todinho,

tinha aquelas mesa, aqueles banco. Desse lado [esquerdo] era a feira dentro do galpão, era a feira, vendendo aqueles saco no chão, feijão, milho, arroz, farinha, a rapadura empilhava assim num sabe? Sabão assim do lado, sal, era ali que o povo do sítio ia e fazia a feira, levava aquele saquinho num sabe? E chegava aí: “eu quero tanto de arroz, de feijão, de milho” e ia botando tudo num saquinho. E São Bento era somente aquela Rua Velha.
(Terezinha Cruz de Araújo)⁴

A feira, que ocorria nas segundas, já fazia parte do cotidiano são-bentense desde tempos mais antigos e por volta da década de 1950 o fluxo de comerciantes que chegavam e se instalavam nas imediações desta rua era frequente e quanto mais aumentava o número de comércio nesta pequena vila, mais aumentava o anseio da população rural em estar sempre perto do burburinho desta cidade que começava a nascer.

Obviamente, as lembranças elencadas aqui por Dona Terezinha, consistem no período condizente à sua infância e início de sua adolescência, logo, entre as décadas de 1950 e início da década de 1960. Segundo a entrevistada, essas duas décadas, principalmente a de 1960, foram cruciais para as modificações expressivas na configuração urbana desta rua. A narradora nos esclarece que foi a partir de então que se deu início a uma produção de redes de dormir mais organizada no município, e que, logo em seguida, a Rua Velha começaria a se tornar pequena, seu entorno sendo mais povoado e a cidade tomando novos rumos.

Essas lembranças feitas por esta narradora trazem à tona as lembranças do comércio que existia no povoado durante as décadas de 1950 e 1960, quando a narradora ainda nem ultrapassava os dezesseis anos de idade. Trazem também as lembranças da inexistência de um comércio forte e resistente; como se dava a locomoção da zona rural até o povoado e quais eram os principais objetivos que faziam estas pessoas se deslocarem até ele.

Assim como podemos observar ainda na fala de dona Terezinha, era na Rua Velha onde acontecia toda comercialização do povoado. Este espaço servia como centro de reabastecimento da população da zona rural com produtos de primeira necessidade, como também era na Rua Velha que a população se reunia para as celebrações que aconteciam nos dias de segunda-feira.

Era na Rua velha, que as pessoas da zona Rural, acostumadas ao serviço da roça, faziam as transações de trabalho que garantiam seu sustento e de sua família, como esse

⁴ARAÚJO, Terezinha Cruz de. **Entrevista II**. (jan. 2018). São Bento/PB, 2018, p. 29.

relato pessoal de dona Terezinha sobre as relações de trabalho do seu pai estabelecidas nesta localidade central do povoado.

Era de oito em oito dias, na segunda-feira, meu pai vinha de pés pra rua. Vinha de manhã e voltava assim, umas três horas da tarde, porque meu pai trabalhava alugado, sabe? (...) Aí ele vinha pra feira, quando chegava na feira aí tinha aquele povo que morava no sítio, nas fazendas, que era que tinha mais recurso, num sabe? Que queria trabalhador pra trabalhar, e meu pai ia, toda vida foi agricultor (...) aí meu pai vinha pra rua, não só ele como os vizinhos tudinho, vinha na segunda-feira, pra feira, pra fazer a feira, e meu pai era um dos que vinha pra arrumar os dias de serviço da semana, tá entendendo? (...) Ali quando ele chegava, aqueles que era mais... mais... um jeitinho melhor de viver num sabe? [se referindo a pessoas que eram mais abastadas] Aí chegava e dizia: “Pedro cruz, você quer me dar essa semana dois dias de serviço?”, aí ele dizia: “quero”, aí já pagava a ele, entendeu? Aí vinha outro também, aí completava a semana, os cinco dias, terça, quarta, quinta, sexta e sábado, ele trabalhava os cinco dias, aí ele recebia já aquele dinheiro adiantado pra fazer a feira, aí ia pra casa, aí essa feira era pra semana, pra mim, pra mãe e meus irmãos, e ele ia trabalhar, onde ele trabalhava ele lá almoçava.

(Terezinha Cruz de Araújo)⁵

Dona Terezinha, em sua fala, demonstra uma posição de quem atualmente assume o seu local como de uma pessoa pertencente à vida urbana. Podemos fazer essa observação, quando em alguns momentos do seu exercício de memória ela usa, a partir de seu vocabulário próprio o verbo ‘vir’ no passado, como: ‘vinha pra feira’; ‘vinha pra rua’; ‘vinha toda semana’.

A narradora profere um discurso de quem hoje está habituada a uma vida na cidade, e por isso, rememora os acontecimentos passados, trazendo personagens da vida real que suas lembranças revivem para o local onde a narradora se encontra no momento, a “rua”, ou seja, o ambiente urbano.

Dona Terezinha nos relata, a partir de suas experiências de trabalho de seu pai como era a realidade do homem do campo com relação ao trabalho durante o período das décadas de 1950 e 1960, período no qual a maioria dos são-bentenses residia na zona rural.

Durante este período os poucos são-bentenses que possuíam residência no povoado exerciam funções na zona rural, demarcando terras, no criatório de animais, ou em plantações, como também trabalhavam com comercializações diversas, o que não era muito efervescente durante toda semana, uma vez que a maior concentração do comércio era realizada nas segundas-feiras, dia da feira livre neste povoado.

⁵ARAÚJO, Terezinha Cruz de. **Entrevista II**. (jan. 2018). São Bento/PB, 2018, p. 34-35.

Era exatamente no dia da feira livre que os são-bentenses que moravam nos sítios e fazendas da zona rural se deslocavam até o povoado. Outras idas aconteciam com mais frequência nas festas do padroeiro São Sebastião, na noite de natal ou nos casos de necessidade para compra de remédios ou equipamentos agrícolas.

A agropecuária chegou a se desenvolver com a criação do gado bovino e do plantio dos produtos de subsistência, como feijão e milho. Também era frequente a plantação de algodão, principalmente nos sítios Taquarituba e Jenipapo dos Lúcius. O desenvolvimento do comércio se deu a partir do giro da agricultura e da pecuária, como também a partir do crescimento das cidades vizinhas como Brejo do Cruz, Paulista, Catolé do Rocha e jardim de Piranhas, esta última localizada no estado do rio Grande do Norte. São Bento, juntamente com estas cidades, mantinham fluxo de comercialização constante entre si.

Infelizmente, por falta de fontes iconográficas que nos deem detalhes de como seria esse pequeno espaço urbano em formação, só nos resta, de acordo com a fala da narradora, traçar um retrato imaginário de como estavam estabelecidos na Rua Velha esses prédios antigos, como no caso da Capela de São Sebastião, que segundo a entrevistada ficava logo no final do calçadão da Rua Velha, onde hoje se encontra um centro de convivência composto por uma pequena praça de alimentação com dois quiosques e uma área reservada para profissionais autônomos montarem seus brinquedos para as crianças se divertirem nos fins de semana.

Esse espaço que será demonstrado a seguir (**Figura 4**) era onde se localizava a antiga capela de São Sebastião, no final do calçadão central da Rua Velha denominado hoje de Praça de Eventos Alzira Alves de Brito.



Figura 4 – Localização final da Praça de Eventos Alzira Alves de Brito na Rua Velha.

Fonte – Joyciana da Silva Medeiros, 2018.

Na maioria dos relatos orais de memória, os entrevistados, assim como dona Terezinha, levantam que devido ao fato da população rural ser o maior número, e em sua maioria praticarem a agricultura de subsistência, trabalhando costumeiramente no plantio nas chamadas vazantes⁶. Estes homens e mulheres do campo quando não possuíam um pedaço de terra, moravam nas propriedades dos seus patrões, nas quais geralmente trabalhavam na agricultura e na pecuária.

Estes sertanejos também prestavam serviços diversos aos fazendeiros da região, realizando serviços de alvenaria; erguendo cercas para limitar as propriedades; construindo cercados, celeiros e chiqueiros para os animais e fabricando artesanalmente produtos em couro e solado para o trato com os animais.

O relato de dona Terezinha é categórico em estabelecer que esses contratos de trabalho, apesar de informais e esporádicos, eram realizados com muito profissionalismo e compromisso entre ambas as partes, sendo firmados no dia de feira livre quando a população se reunia na parte central do povoado.

Ainda não havia uma produção especializada de redes de dormir, também não existia uma comercialização deste produto durante a infância e adolescência da narradora. Os são-bentenses mantinham seus teares de madeira que serviam para fazer os leitos de seus familiares; produzir as peças de enxoval para as moças que estavam próximas a contrair matrimônio; roupas e outros artigos têxteis; mas nada que levasse em consideração uma produção para comercialização.

A partir das falas dos entrevistados, é possível identificar na tessitura de seus discursos a observação comum de que entre as décadas de 1950 e 1960, os são-bentenses, de modo geral, estabeleciam cada vez mais contato com este espaço urbano. Com o desenrolar dos anos e com o desenvolvimento desse ajuntamento central no povoado era quase nula a possibilidade de não existir entre os partícipes daquela população, o desejo e a necessidade de participar deste cotidiano urbano.

É comum identificar em seus relatos orais de memória expressões como “São Bento era só aquela Rua Velha”, seguidas pelas descrições do mercado onde eram realizadas as feiras nas segundas, como também da descrição da capela de São Sebastião, e uma explicação a respeito de como estava desenhada a Rua Velha e como e para que ela

⁶ Cultivo de suprimentos agrícolas de subsistência no leito de rios durante os períodos mais secos do ano.

funcionava dentro do povoado, pudemos notar que essas especificidades se encontravam bem cristalizadas nas memórias desses são-bentenses.

Na narração que iremos apresentar a seguir, teremos outro são-bentense, o senhor Manoel Valeriano da Silva, bastante conhecido na cidade de São Bento como Seu Branco. Este senhor foi, entre os entrevistados mais idosos, o que mais demonstrou a vontade que sempre teve em pertencer àquele ambiente central, como também o que menos demonstrou nostalgia do tempo em que pertenceu à zona rural do município.

Notamos na narração de seu Branco muitas características semelhantes à narração de dona Terezinha no que diz respeito à cartografia da Rua Velha, porém, seu Branco foi um dos entrevistados que quando permeou os assuntos que diziam respeito à saída da zona rural para a zona urbana não utilizava de expressões bastante comuns entre os mais velhos como por exemplo: “como eu tenho saudade do tempo que morava no sítio”; “me lembro com muita saudade do tempo em que eu morava no sítio; “se eu pudesse, hoje eu moraria no sítio”.

Uma percepção comum que tivemos nos relatos orais de memória dos narradores que fizeram esse êxodo campo/cidade, um número exato de 7 narradores, foi o fato de que essas pessoas possuem uma nostalgia desse tempo em que viviam no campo. Talvez pelo fato da idade transportar para si a saudade daquele tempo em que estes desfrutavam do mais profundo gosto de ser jovem, da sagacidade, da força, da saúde, que a infância e a adolescência os proporcionavam, se comparado aos cansativos anos de trabalho que foram vivenciados no ambiente urbano, atribuímos a esses fatores o motivo de tamanha nostalgia.

Porém, é difícil não perceber a alegria que tiveram em poder desfrutar do prazer de mudar para o ambiente urbano e as facilidades que o viver no ambiente citadino lhes proporcionava, garantindo mais trabalho, evitando o percorrer de grandes distâncias entre suas residências até o povoado para realizarem suas obrigações diárias ou semanais.

Talvez seu Branco não utilize da palavra ‘saudade’ pois, para ele, era muito difícil o período em que vivera no campo, e também porque para a mentalidade do mesmo “o progresso é uma coisa muito linda, e boa”⁷, só conseguia enxergar que o futuro era a “rua”, o mesmo nos relata o porquê:

MS. Vinha de pés, era muito longe o sítio Recanto até aqui, muito longe, vixe...
MO. Era, de pés. Só vinha quando tava precisando de comprar alguma coisa.
MS. Quando... quando tinha um povo lá que fazia o queijo, né? Aí tinha... botava num jumento uma cassuá, umas çaçamba, trazia o queijo e levava a feira que a

⁷ SILVA, Manoel Valeriano da. **Entrevista I**. (jan. 2018). São Bento/PB, 2018, p. 75.

gente comprava, depois era que trazia a nossa feira. E olhe, quando tava no tempo das cheia, aí era pior, o rio num era perene, atravessava aquele rio com os basculi que trazia da rua tudo nas costa. Era difícil. Depois que começaram nessas rede o povo foi saindo dos sítio, foi ocupando mais aqui o centro, né? A produção foi aumentando, o comércio também, e tudo foi ficando melhor, bem melhor, num tem nem comparaça. Pra mim num tem não.

MO. Mas nesse tempo não tinha comércio de rede ainda não?

MS. Num tinha não. Aqui não, só era... só tecia a produção... Pra casa mesmo... Pra uso da casa, né? Nessa época, né?

(Manoel Valeriano da Silva & Maria Adelaide de Oliveira)⁸

Seu Branco nasceu e passou toda infância e adolescência no Sítio Recanto, assim como também o início de sua fase adulta, tendo retirado seu local de moradia deste sítio apenas em 1952 quando contraiu matrimônio com sua esposa Dona Maria Adelaide de Oliveira. O entrevistado nos explica, que sua saída da zona rural para o povoado aconteceu pelo fato do mesmo ter sido chamado para trabalhar na produção de redes de dormir de Martinho Lúcio.

Mesmo sem ter frequentado escola gradualmente, nem tendo terminado sequer as séries iniciais do primário, como se chamava na época, Seu Branco possuía um grande conhecimento no que competia aos entendimentos geracionais que se precisava para gerir qualquer negócio e o entrevistado em questão também desempenhava muito bem as funções matemáticas.

O narrador explica que nunca conversou muito bem com a agricultura e que o casamento e a oportunidade de um trabalho que ainda engatinhava foram os principais motivos para o mesmo ter saído da zona rural. Outro fator significativo para seu êxodo, teria sido o fato de encontrar tudo no povoado com mais facilidade, sem precisar percorrer longas distâncias para ter em mãos seus artigos de primeiras necessidades de uso familiar, além do que, agora seu local de trabalho estava localizado na região central do povoado.

Seu Branco nos evidenciou que, em 1952 Martinho Lúcio colocou 3 teares de redes em sua casa e que precisava de pelo menos mais duas pessoas para produzir redes de dormir junto a ele. No ano em questão, ainda não havia uma comercialização de redes de dormir, como ele citou no fragmento de sua fala anteriormente citada e a confecção desse produto servia simplesmente para fazer as redes que os são-bentenses compravam para usarem como os leitos individuais dos membros das famílias.

⁸SILVA, Manoel Valeriano da. *Entrevista I*. (jan. 2018). São Bento/PB, 2018, p. 68-69.

Tendo em vista que nem todas as famílias possuíam um tear de madeira, conhecido na época como **tear de três panos*, foi bastante interessante começar a produzir redes de dormir para vender a população que precisava com frequência adquirir este produto, tendo em vista que as famílias eram numerosas, e que o produto em si, não consistia em um artigo com durabilidade estendida. Deste modo começava um fluxo de comercialização das redes de dormir no centro do povoado de São Bento.

No que compete ao início dos desdobramentos da configuração urbana do pequeno povoado de São Bento, em um relato muito parecido com a tessitura das memórias de Dona Terezinha, podemos avaliar, os traços da antiga Rua Velha que ainda são marcantes em suas lembranças, sempre entrecortada pelas colocações de sua companheira, desde 1952, Dona Adelaide, que sempre contribuía quando a memória do entrevistado apresentava rastros de esquecimento:

MS. Era só a Rua Velha. Eu me lembro até hoje como era. Era assim, logo no início a feira era lá na primeira Rua Velha ali, num sabe? A rua quase do meio.

MO. Ali onde mora o povo de seu Belízio. Sabe onde é? Só era aquela rua todinha até o final.

MS. Tinha um mercado... tinha um mercado feito, era da largura do mundo, cada tijolo era dessa largura [mostrando nas mãos a grandeza dos blocos de tijolo] pra fazer o prédio. Aí era aberto, só coluna, aí botava debaixo, aí a feira era grande, vinha de fora muita gente.

MO. Era cheio de coluna.

(Manoel Valeriano da Silva & Maria Adelaide de Oliveira)⁹

E foi dessa forma que o espaço urbano de São Bento começou a se formar, a partir dessas movimentações comerciais dentro do povoado, com mais assiduidade entre as décadas de 1950 e 1960. Desde então o povoado, mais precisamente na então Rua Velha, passou a sediar as tramas de interação de troca e venda de produtos tanto dos são-bentenses, como também dos cidadãos das circunvizinhanças.

As dificuldades enfrentadas para fazer o deslocamento da zona rural para a região central do povoado era tamanha, que se tornava inviável um deslocamento constante rotineiramente durante o decorrer da semana, esse também foi um fator significativo para grande parte da população buscar espaços de moradia no ambiente urbano.

O discurso de Seu Branco foi carregado de sensibilidades particulares pelo fato deste senhor, de idade avançada, ter nos concedido um pouco do seu tempo para discorrer através dos fios entrelaçados da tessitura de suas memórias. Nas palavras do narrador ‘já velhas e cansadas’, mas que carregavam em sua voz um orgulho de ter pertencido àquele passado, e

⁹ SILVA, Manoel Valeriano da. **Entrevista I**. (jan. 2018) São Bento/PB, 2018, p. 65.

ter vivenciado um período de tantas transformações naquela cidade que o mesmo viu nascer como o próprio entrevistado nos lembrava durante toda entrevista, sempre com um aberto sorriso no rosto ao nos relatar os rastros e indícios de sua memória ‘cansada’¹⁰.

As falas de Dona Terezinha, Seu Branco e Dona Adelaide se encaixam perfeitamente na análise de Halbwachs (1990) sobre a memória coletiva, uma vez que essas memórias trazidas ao debate pela narradora fazem parte de um conjunto de referências que estruturam a memória tanto da narradora em questão, como de outros narradores e moradores da cidade que estão na mesma faixa etária.

Ou seja, são lembranças que se inserem na memória da coletividade à qual essas pessoas pertencem. Nesse conjunto de memórias estão os monumentos que fazem parte de riquíssimos lugares de memória, pois todo patrimônio arquitetônico de um lugar acompanha as pessoas do seu entorno por todo decorrer de suas vidas, como também as paisagens, as datas, personagens históricos, as tradições e costumes e também certas regras. (POLLAK, 1989, p. 03)

Numa perspectiva em torno da escolha de uma temática relativa à história urbana, como é o caso da presente pesquisa, Gisafran Jucá observa:

Simboliza o ingresso do pesquisador num emaranhado de trilhas e atalhos, na busca de testemunhos que possibilitam a “representação” de ocorrências, muitas vezes registradas num passado distante, na tentativa de aprofundar a compreensão acerca de uma determinada temporalidade ou período histórico. (2011, p. 15)

É necessário perceber que existe uma dimensão no espaço social existente na vida urbana que, assim como podemos identificar assuntos que se encontram cristalizados na memória dos seres humanos que habitam um determinado espaço, notamos também uma pluralidade de assuntos e de agentes históricos que se entrecruzam.

Por estas razões, o trabalho com a memória nos foi muito caro para o desenvolvimento dessa pesquisa, pois à medida em que, nos colocamos de frente com estes depoimentos, carregados com as lembranças desses são-bentenses, pudemos analisar que cada uma dessas memórias constituía-se numa espécie de divulgação de olhares diferenciados sobre a realidade em questão.

¹⁰ Seu Branco era categórico em dizer durante toda entrevista que já estava muito cansado, que sua memória já não era mais a mesma, e que por isso se sentia muito bem quando sentava com alguém para falar do seu passado no Sítio Recanto, depois na cidade de São Bento e que, ainda ficava muito mais feliz quando alguém aciona suas lembranças dos vários anos de trabalho com a produção de redes de dormir.

Um exemplo dessa pluralidade está no relato dos dois próximos narradores. A primeira dessa sequência, a senhora Gilvânia Lúcio da Silva, nos relata que nasceu na zona urbana da cidade de São Bento, no ano de 1962. Em um depoimento que como a mesma nos diz “é um depoimento que fala mais da relação dos outros com a fabricação das redes e a cidade de São Bento, e menos da minha relação com a fabricação e a cidade”.¹¹

A narradora coloca esse adendo, já no início de sua entrevista, pelo fato da mesma ter se disposto a nos fornecer seus depoimentos com base em suas memórias como moradora da cidade de São Bento, assim também como partícipe do processo de desenvolvimento da produção de redes de dormir na cidade, uma vez que, como a mesma estabelece: “Desde que eu me entendo de gente, que eu nasci e me criei dentro de uma fábrica de redes”¹².

Porém, existe uma característica peculiar em seu discurso, que é o fato desta narradora expor em seus relatos, uma trajetória que é narrada, boa parte, através da óptica de sua mãe, dona Geni Lúcio da Silva. Gilvânia nos contou um misto de memórias que permanecem guardadas em suas lembranças sobre a história da cidade de São Bento e do desenvolvimento da prática de fabricar redes, através das histórias de vida de sua mãe.

No que compete às experiências na antiga Rua Velha, vivenciadas pela mãe da nossa entrevistada, ela discorre um discurso cheio de entusiasmo, principalmente ao lembrar que sua mãe lhe contava que ir na Rua Velha nas segundas-feiras, no tempo da sua infância e adolescência, era para ela, sempre motivo de muita festa:

(...) A festa pra minha mãe era vir na segunda-feira na rua, existia uma igreja, na rua, que a gente chamava antigamente de Rua Velha, uma igreja católica, meu tio comprava um pacote de pão, o pacote que a gente chama, antigamente era pacote, não existia sacola, plástico, né? O que a gente chama hoje de uma sacola de pão, cheia de pão, minha mãe se sentava com meu tio na calçada da igreja e comer esses pão e levar os livros dela pra casa e passava a semana lá no sítio, lendo e relendo(...).¹³

Até 1959, toda parte central do povoado de São Bento se concentrava basicamente onde hoje está localizada a Rua velha. Essa localização consiste em conjunto de ruas com uma área de aproximadamente 10.100m², levando em consideração todo o quarteirão, sem contar as medidas onde hoje estão localizadas as residências e calçadas, assim como destacado na imagem a seguir. (**Figura 5**)

¹¹ SILVA, Gilvânia Lúcio da. **Entrevista**. São Bento/PB, 2018, p. 88.

¹² *Ibidem*, p. 88.

¹³ *Ibidem*, p. 89.

A Rua tem início logo no acostamento de onde hoje está a Avenida Prefeito Pedro Eulâmpio até o final de toda extensão da chamada Rua Velha, na Rua Manoel Vieira (a esquerda) que vai do início da Rua Velha até onde hoje localiza-se o Fórum Municipal de São Bento, em seu centro está a Praça de Eventos Alzira Alves de Brito, e do seu lado direito a Rua Leandro Pinto.



Figura 5 – Imagem panorâmica da Rua Velha via satélite¹⁴

Uma parcela pequena da população residia nessa parte central da cidade, outra na zona rural, principalmente nos sítios mais distantes como Taquarituba, Jenipapo dos Lúcius, Várzea da Serra e Recanto. Outra parte morava no que chamavam “Rua do Rio”, pois consistia na região na qual atualmente se concentra o Bairro Beira Rio, próximo à Rua Velha.

A Rua do Rio ficava logo após a Rua Velha, o que separava uma da outra era apenas um braço do Rio Piranhas que passava entre elas. Até 1958 com a perenização do Rio Piranhas. (SILVA, 2010) Era comum que são-bentenses morassem ‘do outro lado do rio’, como era de costume chamar a região onde hoje está localizado o Bairro Beira Rio.

Como podemos observar na narração do senhor Gilberto Lúcio da Silva que, através das memórias contadas pelo seu pai, ele nos informa que durante toda infância do mesmo, por volta dos anos de 1930 a 1940, morando do outro lado do Rio Piranhas, a aproximadamente 2km de distância da Rua Velha...

¹⁴ <https://www.google.com.br/maps/@-6.4840402,-37.4486015,336m/data=!3m1!1e3>

O meu pai morava do outro lado do rio, era pertinho da rua o que dividia era o rio, até porque naquele tempo que meu pai morava aqui... meu pai se eu não me engano nos anos 1930 foi quando ele trabalhou na construção do açude de Condado, até então ele morava do outro lado do rio e o rio de São Bento não era perenizado (...) E naquele tempo meu pai falava que tinha uma vila e eles vinham na segunda pra feira e a vida era assim, tinha muita pobreza.
(Gilberto Lúcio da Silva)¹⁵

Gilberto nos relata, uma parte marcante da memória do povoado de São Bento, a pobreza que era bastante vista na região. O pai de Gilberto, o senhor Manoel Lúcio da Silva, é conhecido na cidade como o homem que alavancou a produção de redes de dormir, e tido como ‘um homem à frente do seu tempo’, mas que enfrentou diversas dificuldades no período de desenvolvimento da cidade.

Como podemos observar através da fala de Gilberto, Manoel Lúcio trabalhou na construção do Açude Público Engenheiro Arcoverde, mais conhecido como Açude de Condado localizado na cidade paraibana de Condado, que foi construído pelo DNOCS Departamento Nacional de Obras Contra as Secas, entre os anos de 1932 e 1936, segundo relatório da Agência Nacional de Águas ANA.¹⁶

O DNOCS se constituiu no mais antigo órgão federal de atuação no Nordeste brasileiro nas Obras de Combate a Seca, que na década de 1940 ocupou o lugar do antigo IFOCS Instituto Federal de Obras Contra as Secas. Desde então, o DNOCS se estabelece como a principal instituição que estuda e realiza projetos em benefícios para a problemática da seca no semiárido nordestino.¹⁷

Como podemos ver, a exemplo do Pai do nosso entrevistado Gilberto, de fins da década de 1930 até meados da década de 1970, muitos jovens enfrentaram o drama da pobreza ocasionada pelas secas nos sertões, trabalhando na construção de açudes e barragens, como também na construção de estradas e rodagens.

(...) Ele com vinte e poucos anos trabalhou no açude de Condado, ele saía daqui de jumento, passava ali por onde hoje é Vista Serrana, por aquelas serra assim de Vista Serrana, no interior de Vista Serrana, que antigamente era Desterro de Malta, e ele ia de jumento daqui, trabalhava lá, de quinze em quinze dias ele vinha deixar alguma coisa. Trabalhava só pra comer e trazia algo pra sustentar os irmãos, que era assim uma pobreza muito grande, São Bento naquele tempo muita seca, não tinha nada pra trabalhar e ele ia e voltava. Ele tinha até um nominho que o pessoal dizia desse pessoal que trabalhava com jumento, tropeiro.
(Gilberto Lúcio da Silva)¹⁸

¹⁵ SILVA, Gilberto Lúcio da. **Entrevista**. (jan. 2018) São Bento/PB, 2018, p. 10.

¹⁶ <http://www3.ana.gov.br/porta/ANA/@busca?SearchableText=a%C3%A7ude+p%C3%BAblico+engenheiro+arcoverde>

¹⁷ <https://www2.dnocs.gov.br/historia>

¹⁸ Ibidem, p. 10.

O trabalho era árduo, as condições precárias e quando se fornecia todos os dados pessoais do jovem para trabalhar em uma empreitada necessitavam de dias longe da família, para receber a quantia equivalente a ela, para voltar com algum recurso proveniente para a família que tinha ficado em suas cidades. Essa foi a realidade de muitos jovens como também de pais de família entre as décadas de 1930 e 1970.

O espaço só se define através de uma disposição prévia de elementos que antecipa o que viria a ser o espaço em si, este último, por sua vez, é o autor das ressignificações da prática e do discurso humano. Toda essa movimentação do povoado como ‘lugar’ foi responsável na modelação do ‘espaço’ como um centro urbano, como também na sua formação como cidade. Assim como averigua Certeau (2014), o lugar é um conjunto de coordenadas que partem da ordem do extensivo e da coexistência de determinadas relações que formam o espaço.

Os homens produzem espaço à medida que agem e se articulam através de sua ação e do discurso. Os seres humanos transformam o lugar em espaço, a partir do momento em que articulam os elementos dispersos que ainda não possuem significados. Logo, um lugar consiste em dispersão de elementos que, só compõem um conjunto quando o homem os articula. O espaço se cria através dessas articulações e das narrativas próprias e intrínsecas de determinado lugar.

A cidade consiste em um dos principais exemplos de espaço articulado e ressignificado, pois, a urbe está sob constante ação humana, ela está sendo em todo momento praticada e relatada. A cidade é um conjunto constante de práticas e relatos, ela é variada, não consiste em um espaço único, uma vez que ela é constantemente vivenciada, praticada e relatada de maneiras diversas e por pessoas diversas, “a cidade é um conjunto de camadas de significados humanos”. (CERTEAU, 2014, p. 172)

Uma vez que a cidade está em constante vivência e sendo diariamente praticada, ela passa a possuir facetas próprias, através do trabalho exercido dentro dela, através das narrativas elencadas por seus moradores que moldam o ‘eu’ das pessoas que ali habitam e se ressignificam juntamente com ela.

A cidade se transforma, seus moradores são seus transformadores diretos. Cidadãos modificam o espaço urbano para se adequarem a ele, para adequar o trabalho, para adequar a vivência social e cultural. Pessoas em todo momento escolhem em aderir o ambiente citadino para viver, e por fazer determinadas escolhas, elaboram um discurso sobre as visões que formam sobre esses espaços de tramas e modelos específicos de convivência.

O olhar do homem (mais precisamente o são-bentense) no tempo e através do tempo traz em si a marca da historicidade contida neste trabalho. “São os homens quem constroem sua visão e representação das diferentes temporalidades e acontecimentos que marcaram sua própria história”. (MONTENEGRO, 2007, p. 36)

As análises feitas aqui seguem com o objetivo de frisar como os são-bentenses avaliam o desenvolvimento da cidade até seguirmos uma narrativa nos capítulos posteriores, de como as transformações urbanas estão intimamente ligadas à fabricação das redes de dormir e sua comercialização.

1.2 Cotidiano e trabalho: as práticas artesanais na fabricação das redes de dormir

Como já vimos, a cidade é um espaço que está sendo articulado e ressignificado cotidianamente. Em todo momento encontramos, no interior do ambiente urbano, um misto de transformações que ocorrem justamente pelo motivo da cidade possuir um conjunto de práticas que são articuladas todos os dias por seus moradores e também pelos seus visitantes.

Ou seja, cotidianamente a cidade é praticada, vivenciada, experimentada, sim, pois os seres humanos estão, todos os dias, experimentando novas possibilidades de melhor aproveitar o ambiente citadino; seja um aproveitamento dos seus espaços físicos, como por exemplo, com a construção de casas, indústrias, pontes, avenidas, viadutos, edifícios residenciais ou comerciais, escolas, entre tantos outros.

Esse aproveitamento pode ser dado também através da utilização das subjetividades existentes dentro das cidades, uma vez que, elas são praticadas por seres humanos, e esses homens e mulheres comuns em qualquer parte do planeta terra, estão sempre colocando em prática também suas subjetividades.

Mas o que seriam essas subjetividades? Ora, levando em consideração o sentido literal da palavra, ela é entendida pelo Dicionário Aurélio, de Língua Portuguesa, como o espaço íntimo do indivíduo, ou seja, como ele ‘instala’ a sua opinião ao que é dito (mundo interno) com o qual ele se relaciona com o mundo social (mundo externo), resultando tanto em marcas singulares na formação do indivíduo quanto na construção de crenças e valores compartilhados na dimensão cultural que vão constituir a experiência histórica e coletiva.

Através das subjetividades humanas é possível se construir um espaço relacional entre homens e mulheres que dividem um mesmo espaço físico, ou seja, as subjetividades coordenam e fazem a intermediação na maneira de como nos relacionamos com o ‘outro’.

Este relacionamento nos insere dentro de esferas de representações sociais em que cada sujeito ocupa seu papel de agente dentro da sociedade.

Estes sujeitos desempenham papéis diferentes de acordo com o ambiente e a situação em que se encontram, e isso pode ser visto, ou interpretado como as ações nua e crua dos atores sociais envolvidos dentro deste ambiente, no caso aqui levantado, dentro da cidade. A subjetividade é capaz de contemplar, coordenar e conhecer as diversas facetas que compõem o indivíduo.

Os indivíduos de determinado espaço, por sua vez, podem muito bem possuir subjetividades em comum, levando-os a moldarem os espaços onde se relacionam entre si, transformando-os em espaços de transmissão, transformação e de prática das suas subjetividades em comum.

As experiências envolvidas nas trocas dessas subjetividades ajudam a moldar e construir as experiências históricas e coletivas dos cidadãos. No caso particular da cidade de São Bento, a subjetividade envolvida na articulação e ressignificação do espaço social, a partir do dia-a-dia voltado para as experiências com a fabricação das redes de dormir, está presente dentro do espaço em questão desde as raízes indígenas.

A produção de redes de dormir se tornou parte integrante da vida social do povo são-bentense, perpassando o ambiente de trabalho e adentrando na família, na cultura, nos grupos sociais, na educação, entre tantas outras áreas. (MEDEIROS, 2016)

Isso porque a prática de se produzir esse artigo, desde suas origens mais remotas, traduzidas na utilização dos leitos balouçantes pelos ancestrais indígenas, até ser transferida para o uso do homem de localidades diversas entre o Norte brasileiro e o sertão nordestino, se configurou na causa cabal para o homem do sertão paraibano, e mais precisamente o são-bentense, utilizar esse artigo para servir de leito confortável e preciso para suas noites de sono. (CASCUDO, 2003)

A falta de fontes documentais torna-se geralmente um problema para historiadores que tentam estudar as experiências comuns entre grupos específicos de seres humanos, por isso, cada vez mais se tem recorrido ao uso da História Oral, que embora muitas vezes não seja objetiva, nos permite chegar bem mais perto das vivências e práticas das pessoas tidas como excluídas do discurso esclarecido da historiografia. (THOMPSON, 1998)

Implica em agregar toda carga de conhecimento adquirido da vivência cotidiana nesse recanto do Brasil, com suas disparidades, seus benefícios econômicos, o engajamento das pessoas nessa prática, o envolvimento dos são-bentenses de todas as esferas sociais, para

analisarmos as brechas dos emaranhados de fios da história da experiência social e cotidiana da fabricação de redes, fazendo da tessitura dessas experiências uma análise da vivência do homem ‘comum’, analisado por Thompson (1998) como a massa esquecida.

Michael Pollak (1992), averigua que a memória parece ser um fenômeno individual, algo relativamente próprio da pessoa. Porém, o mesmo rebate que em meados das décadas de 1920-1930 Maurice Halbwachs (1990) já havia mencionado que os fatos memorialísticos devem ser entendidos como um fenômeno coletivo e social, e que por serem construídos coletivamente são submetidos a transformações e mudanças constantes.

Isso ocorre porque o fato de serem coletivos, não impede que a forma a qual os variados seres que os compartilham sejam diferenciados de acordo com a sua vivência com determinado fator lembrado pelo exercício da memória. Contudo, é importante frisar que, na urdidura e na tessitura da memória em forma de relatos de ‘histórias’, ela pode e vai funcionar em sua maioria como fatos que contém marcos ou pontos relativamente invariantes e imutáveis entre si.

Segundo Câmara Cascudo (2003), a rede no sertão é herança indígena. Em sua pesquisa sobre a origem etnográfica das redes de dormir, o folclorista faz um balanço dos documentos mais antigos nos quais, esse artigo têxtil é mencionado verificando que a primeira citação nominal do leito datava de abril de 1500, no qual Pero Vaz de Caminha denominava de ‘rede’ a *hamaca* sul-americana, devido sua semelhança com a rede de pescar, em sua descrição dos Tupiniquins.

O resultado de seus estudos nos possibilitou percorrer a história e a geografia da rede, e nos baseamos nestes dados para analisarmos os caminhos desse artigo a partir do século XVI, que servia para diferentes grupos indígenas amenizar o incômodo das noites de calor de algumas regiões sul-americanas, e protegerem-se durante o sono, dos animais rasteiros das selvas, sempre acompanhada de um luzeiro de fogo, para espantar insetos e animais selvagens.

A tradição da fabricação de redes presente nas origens do Brasil indígena nos fornece subsídios necessários para avaliarmos a existência da rede em si, dentre os índios ou caboclos que habitaram as margens do Rio Piranhas. A existência desse rio na região funcionou como um fator de agregação populacional, oferecendo vantagens para os seus habitantes na área da agricultura e da pecuária. (BEZERRA, 2013)

A fabricação utilitária das redes de dormir pelos indígenas foi passada para os futuros habitantes da região, transformando a cidade no cenário de um processo de formação

histórico-social da produção de práticas artesanais, que consiste no modo de trabalho familiar da fabricação das redes. (MEDEIROS, 2016)

O início do artesanato das redes se deu na zona rural do município. Através da historiografia regional nota-se a predominância dos seus primeiros habitantes na zona rural como vimos anteriormente. São Bento esteve em suas origens voltada para o desenvolvimento das atividades agropecuárias. (SILVA, 2010)

Com base nessas informações avaliamos a fabricação de redes em sua fase inicial artesanal, com o uso de rudimentares teares de madeira, partindo do campo, como uma atividade secundária nessa região, que “se desenvolve e torna-se dominante no contexto econômico local, colocando em segundo plano na cidade em questão, as atividades típicas do semiárido nordestino”. (CARNEIRO, 2001, p. 82)

A partir de diálogos com os narradores, observamos que todos atribuíram que, a fabricação das redes de dormir se iniciou na zona rural, e que aos poucos foi adentrando no povoado. Esses relatos são base dos testemunhos de seus pais e muitas vezes avós, que ficaram guardados na memória do povo são-bentense.

A fabricação das redes de dormir em São Bento nasce no seio familiar, se moderniza a partir dos avanços técnicos da indústria em meados de 1960, sem perder o caráter de produção familiar que vai se estender por um longo período. Sendo a base dessa prática advinda da zona rural, e adentrada na vida dos moradores do povoado, mais tarde transformado em cidade.

A prática da fabricação das redes, não está presente em São Bento de forma única, esse tipo de trabalho específico é desenvolvido em muitas cidades sertanejas ainda hoje. O que podemos retirar dela para a realidade do espaço em questão é que, através do modo de vida da população são-bentense que encontrou na fabricação das redes a obrigação de uma sobrevivência, puderam assim transformar essa prática, de modo que, oferecesse seu cotidiano juntamente com os valores que permeiam o envolvimento mútuo dos mesmos, para uma troca de conhecimentos práticos e coletivos. Tal envolvimento, transformou uma prática comum dentre outras cidades, em uma cultura própria, à medida que modelou a mesma a partir do seu modo de vida. (MEDEIROS, 2015, p. 29)

No caso particular de São Bento, as dificuldades encontradas na agricultura fizeram com que as pessoas desse local desenvolvessem e aprimorassem a prática de fabricação de redes, de modo que todas as etapas do processo adquirissem um estilo próprio de fazer dos são-bentenses, desde a fabricação até a comercialização. Esta última, também assumiu um papel importante no que condiz às necessidades, pelo fato de ter incentivado os são-bentenses a levar o artigo têxtil para além das fronteiras de São Bento, da Paraíba e do Brasil.

Deste modo, podemos perceber que apesar da fabricação de redes nesta cidade ter se transformado em uma espécie de atividade econômica secundária na vida dos são-bentenses, não tivera sido por acaso que tenha se desenvolvido com tamanho grau de envolvimento dos moradores daquele local.

No Brasil o artesanato de redes era uma atividade disseminada em grande parte do território, com maior ênfase no Norte e Nordeste. Em seu início era uma atividade puramente doméstica, que passou a ter um valor de troca entre os artesãos especializados, em sua maioria mulheres. (ROCHA, 1983)

Situando o leitor para dentro do início de uma produção profissional das redes de dormir, ela teve seu início na zona rural, sendo realizada de modo totalmente artesanal e em nível familiar. A partir da década de 1950, o êxodo rural nesta cidade aumentava gradativamente, devido ao anseio da população em pertencer ao ambiente citadino e poder desfrutar das facilidades que a cidade, por menor que seja, garante a seus moradores, principalmente com relação às questões de trabalho.

Estima-se que a prática de produzir redes de dormir para a venda desse artigo, teve seu início a partir do momento em que houve um aumento da produção, mediante os melhoramentos aplicados na fabricação, principalmente a mecanização do processo da tessitura do pano por volta da década de 1960.

As movimentações comerciais diversas, já eram existentes na região central do povoado, mais precisamente na atual Rua Velha desde fins do século XIX, e aumentaram gradativamente a partir de 1891, quando o povoado passou a responder pela freguesia de Nossa Senhora dos Milagres em Brejo do Cruz, desintegrando-se da freguesia de Nossa Senhora do Bom Sucesso em Pombal.

A partir de então, até sua emancipação política em 1959 a comercialização na Rua Velha era cada vez mais frequente, perdurando até a década de 1970. Os relatos orais de memória nos respondem que já na década de 1950, havia uma produção de redes para venda, porém, na antiga Rua Velha, durante esse período, ainda não havia uma comercialização de redes de dormir, no aglomerado da feira semanal nesta antiga rua, como podemos avaliar nos seguintes relatos:

Nessa época já tinha uma movimentação de feira na Rua Velha, já tinha. Eu sei também que naquele tempo... naquele tempo se fazia redes, como eu disse, de três panos, né? Eu não sei te afirmar se nesse mesmo período, mesmo havendo a produção, e tendo também a feira, se essas redes eram vendidas ali na feira da Rua Velha, eu acredito que não. Papai mesmo dizia que as redes só começaram a serem vendidas em feira depois de 1960, quando ele já tinha colocado a fábrica aqui na

cidade, e que São Bento já tinha até crescido um pouco mais, e a feira já não era mais nem na Rua Velha, já era ali onde hoje é o centro comercial, né!
(Gilberto Lúcio da Silva)¹⁹

Como podemos observar nesta narração específica de Gilberto, acerca da comercialização das redes de dormir na antiga Rua Velha, o mesmo averigua que, segundo as informações de seu pai, o mesmo era categórico em afirmar que a comercialização das redes de dormir, na feira-livre da cidade, só teve início após a implantação da sua fábrica, por volta da década de 1960.

Levando em consideração que a feira-livre localizada onde atualmente se encontra o centro da cidade de São Bento, só teve início por volta da década de 1970, fica nítido tanto no discurso de Gilberto, quanto nas próximas narrativas, que a comercialização desse produto não foi organizada na antiga Rua Velha.

Na década de 1950 já havia uma fabricação de redes de dormir dentro do ambiente urbano. Como seu Branco já havia nos contado anteriormente. Seu Branco, em 1952, logo após contrair matrimônio, mudou-se para o povoado de São Bento para trabalhar produzindo redes para Martinho Lúcio. Mas deixa claro que a produção era simples, ainda com a utilização do *tear de três panos*, e que a produção era destinada, basicamente para abastecer a população, que precisava do artigo com certa frequência

O tear de madeira, ou mais conhecido tear de pau, horizontal, o mais antigo, o *tear de três panos*, só permitia tecer um pano de 60 cm de largura de cada vez, para a rede ficar pronta nos padrões de 1,80m de largura, eram necessários três panos, que eram juntados em um processo posterior de costura, por isso o nome *tear de três panos*.

Em outro relato de Seu Branco, sempre acompanhado dos adendos de sua esposa dona Adelaide, podemos observar um discurso comum acerca da produção artesanal das redes de dormir, ainda na zona rural:

MS. Em 1950 a gente fazia as rede no sítio, quem tinha tear né? Quem num tinha ajeitava o fio, aquela coisa toda, quase todo mundo tinha o engenho, que ajeitava o fio nesse engenho, num sabe? Aí as mulher, elas fazia tudo junto, era umas cinco ou seis mulher saía com as redes nas costas pra trabalhar numa casa, passava o dia tecendo, tecia as redes da casa, né? Aí fazia as redes [Interrupção da sua esposa Maria Adelaide de Oliveira].

MO. A rede que eu fiz na época do meu casamento, foi fiada num dia. Porque tinha que ser uma rede nova e bonita pra levar, e a minha rede foi fiada num dia, e a gente fez a rede na casa da minha irmã Severina.

MS. A rede do meu casamento.

¹⁹ SILVA, Gilberto Lúcio da. **Entrevista**. São Bento/PB, 2018, p. 10-11.

MO. Era.

[risos]

MO. Foi fiada num dia essa rede, aí levaram pra casa duma mulher que tinha aqui na Várzea da Serra que chamava Mariquinha Serafim, aí ela tecia os três panos e a gente emendava, costurava né!

(Manoel Valeriano da Silva & Maria Adelaide de Oliveira)²⁰

A fabricação das redes de dormir é, genuinamente um trabalho feminino. Em pesquisa realizada no ano de 2015, analisamos que dentro das fases existentes no processo de melhoramento da produção, a fase inicial esteve voltada para o trabalho feminino, na zona rural, com a preparação das massas de fio, que serviam para a tessitura dos panos, e que após serem tecidos três panos, eram costurados uns aos outros para formar o pano de uma rede. (MEDEIROS, 2016)

Na colocação de Dona Adelaide, podemos notar que não era em todas as residências rurais que havia a existência de um tear, mais precisamente do *tear de três panos*. Porém, a prática de fiar os novelos de algodão, em um processo manual era comum entre as mulheres da zona rural, e que, as que possuíam os teares, recebiam os fios já transformados, para realizar a tessitura, e, posteriormente, seguir com o processo de costura.

Uma particularidade bastante interessante e rica em sensibilidade no discurso de seu Branco e dona Adelaide, está presente quando eles levantam essa experiência com a prática de fabricar redes de dormir, colocando o exemplo da rede que Dona Adelaide junto com sua irmã e algumas amigas produziram para o seu casamento.

Se analisarmos a fabricação das redes como um processo de transmissão, veremos que desde sua feitura pelos indígenas, apenas como objeto de utilidade, da fabricação até o ato de dormir em redes, acaba por se transformar em um costume. O costume se transforma em experiências vividas e compartilhadas a partir do momento em que o mesmo reflete sua prática entre os demais que dividem um espaço.

A prática artesanal da fabricação das redes se baseou em um trabalho que envolvia todo núcleo familiar, com uma pequena exceção do pai, que se envolvia com mais intensidade na lida da agricultura. Os demais filhos ajudavam a mãe a descaroçar o algodão, para fazer o fio em uma espécie de engenho manual.

O artesanato de redes em São Bento foi disseminado por toda parte do espaço em questão, sendo uma prática genuinamente doméstica, que passou a ter um valor de troca entre os artesãos especializados, em sua grande maioria mulheres.

²⁰ SILVA, Manoel Valeriano da. **Entrevista I**. (jan. 2018) São Bento/PB, 2018, p. 59-60.

As modificações que ocorreram e ainda ocorrem dentro do processo, estão mais voltadas para a complementação do que mesmo com a utilização de aparelhos mais sofisticados para a fabricação, sendo que suas etapas não mudaram muito desde a década de 1950 com o início da produção na zona urbana, passando pelo processo de mecanização durante a década de 1960 até os dias atuais.

Sobre a comercialização das redes de dormir na feira temos o relato de Dona Terezinha que nos recorda que na antiga Rua Velha não houve um comércio de redes. A mesma assegura, através de suas vivências no povoado de São Bento, que as redes de dormir só começaram a ser vendidas em feira-livre depois da década de 1960, quando o senhor Manoel Lúcio já havia dado início ao processo de mecanização da fabricação desse produto.

É bastante perspicaz na narração de dona Terezinha a maneira como ela recorda alguns fatos interessantes da história da cidade ao relembrar que somente quando os são-bentenses começaram a desenvolver uma mentalidade mais aguçada de comercialização das redes a partir da década de 1970, foi que, uma vez que a cidade aumentada, passou a não consistir mais apenas na Rua Velha e atingindo onde hoje conhecemos como o centro da cidade.

Mais precisamente as mulheres, começaram a ocupar esses espaços urbanos para praticarem a comercialização das suas redes, a partir da ideia de um são-bentense, outros começaram a dispor seu artigo para venda e ocupar todo centro da cidade, num espaço onde até o ano 2018, nos dias de segunda, ficou conhecido como *feira da pedra*.

Olhe, na Rua Velha num vendeu rede não. A rede aqui só começou ser vendida em feira mesmo, num sabe? Quando o povo começou a sair mais dos sítio num sabe? E começou a produzir as rede aqui. Aí depois que Manoel Lúcio começou também a vender os pano pronto, a vender os material, e a colocar gente pra trabalhar lá aí começou as venda na Feira. Tinha até uma mulher lá da Barra de Cima, era Lucinha o nome dela, ela vinha toda segunda aí botava, trazia aquele pacote de rede e botava na calçada de João da Mata, ali onde hoje é o centro, por ali mesmo todo mundo né, inclusive nós aqui de casa, começaram a se juntar naquele canto ali do centro e colocando os mói de rede pra vender.

(Terezinha cruz de Araújo)²¹

²¹ ARAÚJO, Terezinha Cruz de. **Entrevista II**. (jan. 2018) São Bento/PB, 2018, p. 38.

As fontes vivas, utilizadas nesse trabalho, possuem uma leitura de caminhanças da cidade, capazes de entender as movimentações citadinas de forma bem familiarizadas a elas. Porém, a narrativa de sobrevoo aparece-nos como uma ferramenta bastante perspicaz uma vez que, é através dela que nos é transmitida a visão de uma São Bento vista do alto, e assim poderemos ter acesso ao espanto arrebatador que é acometido ao são-bentense, quando este tem a oportunidade de observar a cidade de cima, e a partir daí fazer a ligação desse espanto ao crescimento urbano, e em contrapartida, ligar esse crescimento urbano ao desenvolvimento da indústria têxtil existente nesta cidade.

O objetivo de lançar mão também sobre essa discussão com a narrativa do sobrevoo foi o fato de ter notado algo de muito interessante na fala de dona Terezinha, ao questioná-la se, mediante tudo que a mesma já havia nos relatado até o momento, ela atribuiria o crescimento e desenvolvimento da cidade, ao aprimoramento da fabricação das redes, à mecanização do processo e a avançada comercialização dos artigos têxteis que são vendidos dentro e fora desta cidade.

A resposta da narradora ao citar sua experiência de sobrevoo ao observar a cidade a partir do nono andar do Edifício Residencial Riviera está imbuída de espanto, admiração e certeza em cada palavra que é proferida:

(...) Eu fico bestinha mulher, quando eu saio de casa que eu vejo. Pronto, eu vou lá no Riviera, aí no Riviera eu já fui bem umas quatro vezes rezar numa menina. Aí eu vou pro nono andar e quando eu chego lá em cima, que eu olho assim, eu digo: “não, eu não tô acreditando no que eu tô vendo”. Porque eu, nos meus cinco anos eu já estava conhecendo São Bento, conhecendo, e só tinha isso que eu já te falei e hoje eu ver um mundo desse mulher, um mundo desse, porque pode-se dizer que aquele prédio é um edifício grande, né? Na minha cabeça, não tem como todo esse crescimento não ter sido por causa dessas rede viu.
(Terezinha cruz de Araújo)²²

Como podemos notar, a narradora se distancia da movimentação da urbe, é acometida de um arrebatamento de uma visão ampla daquela cidade que ela viu nascer, com todas as pequenas características iniciais que já havia citado anteriormente. Ao mesmo tempo sem perder de vista suas experiências pessoais de que, se a cidade em questão não tivesse se doado de forma tão interina à produção de redes, se seus moradores não tivessem se entregado a essa produção específica, talvez a cidade não tivesse alcançado tamanha grandeza, e tivesse estagnado um crescimento urbano e econômico como aconteceu com as cidades vizinhas.

²² ARAÚJO, Terezinha Cruz de. **Entrevista II**. (jan. 2018) São Bento/PB, 2018, p. 33-34.

Num sei quantos andar um negócio daquele. Aí a multidão de casa que tem por todo canto, evoluiu demais, demais mesmo.

É... São Bento é um povo que trabalha muito viu, que se esforça, é... que quer ser alguém na vida, assim, que luta... na luta mesmo, e é um povo que vive assim trabalhando pra ter o seu, pra ter a sua sobrevivência. E desde que eu me entendo de gente, que eu vi o negócio da rede mesmo ir pra frente, foi que eu percebi que São Bento não parava, mas ela não parava por causa do trabalho, porque vamo dizer assim, mais ou menos em 1960, antes o povo já fazia rede, né! Mas assim... como diz... em 1960 mais ou menos, que foi quando o povo inventou de colocar esses tear mesmo, e todo mundo começar a trabalhar, e isso homens e mulheres, adulto criança, todo mundo num sabe? Aí eu acho que São Bento ficou do jeito que ficou, por causa dessas rede. E tem uma coisa, aquele pedaço ali da Rua Velha, num tem! São Bento só saiu daquele pedacinho de terra, porque o povo começou de trabalhar, de fazer as redes mesmo, nos sítio, e vieram trabalhar aqui na rua, aí pronto. (Terezinha cruz de Araújo)²³

A partir desses discursos, pudemos traçar um roteiro da produção artesanal das redes de dormir, para situar melhor o leitor nos espaços de produção artesanal desse artigo, assim também como mostrar o dinamismo da produção ainda na zona rural, e como a transferência para o ambiente urbano, dessa prática de produzir redes de dormir, se tornou a mola mestra para o aumento da cidade, o crescimento da mesma ao redor da Rua Velha, e como a cidade se molda a partir das necessidades, expressas em todos processos das etapas de fabricação das redes nesse município.

Do alto do Riviera, atualmente a maior edificação da cidade de São Bento em termos da construção civil, é possível captar a olho nu uma visão panorâmica da cidade. O prédio situado na rua Dr. Odilon Maia, localizado no Bairro Dão Silveira, a aproximadamente dois quilômetros do centro da cidade, nos dá a possibilidade de observar uma São Bento fisicamente diminuta, através de catorze andares e seus quarenta e oito metros de altura que o topo do prédio nos proporciona.

A sensação de arrebatamento dos domínios físicos da cidade é tão forte quando nos encontramos no topo deste edifício que, de lá, adquirimos uma visão mais ampla de seu entorno geográfico que, conseqüentemente, nos deixa distanciar do burburinho citadino que existe até mesmo numa cidade de pequeno porte, situada no sertão paraibano, como é o caso de São Bento.

Nos deparamos com a possibilidade da visão de um quadro avassalador que reproduz nos nossos olhos a imagem de todo o perímetro urbano, imerso no centro da vegetação hostil da caatinga, típica daquele clima semiárido predominante na região.

²³ ARAÚJO, Terezinha Cruz de. **Entrevista II**. (jan. 2018) São Bento/PB, 2018, p. 34.



Figura 6 – Edifício Residencial Riviera.
Fonte - Carlos Pedrosa (Acervo pessoal).

Do alto deste edifício, a cena é ampla e pitoresca, com uma riqueza de detalhes em perspectiva artística que só as melhores pinturas expressionistas são capazes de oferecer. Porém, o distanciamento do nosso corpo físico das ruas da cidade, que nos possibilita andar, entrecruzar seus limites, penetrar as diferenças que se misturam entre si no percurso de toda extensão do corpo urbano, consistem em apenas algumas das inúmeras perdas que temos da análise cidadina, se compararmos com o contato físico de caminhante da cidade.

A narrativa de sobrevoo que formamos a partir do alto de um enorme edifício, por exemplo, não possui um maior comprometimento do sujeito que observa, para com o ‘objeto’ cidade que é observado, se comparado à narrativa do caminhante que está em contato direto com a massa urbana, responsável por toda identidade existente ali, as quais fornecem leituras amplas sobre a urbe, tanto para os autores diários que fazem, escrevem e reescrevem a cidade cotidianamente, quanto para seus espectadores, ou, por que não dizer, seus leitores. (CERTEAU, 2014)

Neste sobrevoo, que também consiste em uma leitura específica da cidade, depara-se o leitor com uma cidade imobilizada frente a seu olhar. É uma leitura violenta sobre a amplitude do espaço citadino que aguça o olhar do leitor que se interessa em ver o conjunto, de observar a superação, a totalização do espaço, é ter sob seus pés o domínio geral da cidade.

Porém, através desta observação, o leitor da cidade não se depara mais com o movimento das ruas que o enlaça e o fazem se movimentar por meio de toda sua extensão urbana, tendo acesso às leituras das entrelinhas daquele lugar, das notas de rodapé que

exemplificam com mais clareza o que não se pode ser lido a partir apenas do resumo da obra, ou seja, do alto do prédio.

Caminhar pela cidade é se deparar com um texto dotado de significados. As ruas, casas, calçadas têm sentidos, pois elas foram projetadas pelo homem, e projetados com um dado sentido e uma dada significação. O espaço urbano possui um sentido dado a ler, e, à medida que caminhamos pela cidade.



**Figura 7 - Visão panorâmica da cidade de São Bento-PB.
Fonte - Carlos Pedrosa. (Acervo Pessoal)**

CAPÍTULO II – NA CIDADE DE SÃO BENTO CAIR NA REDE É NEGÓCIO SEGURO

Ao longo da história de São Bento, a rede fica cada vez mais associada à imagem desta cidade. (BEZERRA, 2013) Os usos e a confecção desse artigo têxtil utilizaram desse espaço (a cidade) como o principal campo de produção que se associa ao cotidiano do homem são-bentense. Sendo assim, dificilmente analisaremos a trajetória desta urbe se a desassociarmos da produção das redes de dormir.

Este capítulo tem o profundo desejo de juntar as características envoltas na mecanização da fabricação das redes de dormir, uma vez que, esse evento se configurou como a principal causa pelo aprimoramento, crescimento e escoamento da produção, consequentemente contribuiu para o desenvolvimento urbano de São Bento.

Este processo teve sua origem na cidade em questão a partir da década de 1960 se intensificando por todo restante do século XX, e conseguindo manter a produção de redes de dormir como principal meio econômico da cidade. (CARNEIRO, 2011) Analisar a mecanização da produção de redes significa, buscar compreender como este evento foi responsável pelo desenvolvimento urbano são-bentense, se traduzindo como principal fator de agregação compulsória desta população no interior do ambiente citadino.

2.1 As controvérsias acerca da introdução dos fios industrializados na produção de redes de dormir em São Bento

É indiscutível que no interior do ‘cotidiano urbano’ (MATOS, 2002) o trabalho ganhe uma maior visibilidade, uma vez que ele possui papel fundamental para a sobrevivência, e também pelo fato de ocupar grande parte da vida cotidiana.

Em São Bento, podemos perceber que todo princípio das movimentações cidadinas, está diretamente ligado ao desenvolvimento técnico de um trabalho que se encontra fincado na tradição do lugar desde períodos mais remotos. Por isso, fica bastante obvio perceber que, esta pesquisa está imbuída no mundo do cotidiano em duas esferas distintas entre si, mas que, ao mesmo tempo, se tornam dependentes uma da outra. São elas: o cotidiano e a cidade; o cotidiano e o trabalho. Podemos resumir esses dois blocos de análise em: o cotidiano do trabalho na cidade.

O fervilhar dessas movimentações citadinas, específicas da fabricação e comercialização das redes de dormir, começou a atingir uma aceleração frequente, quando esse tipo de produção artesanal começou a se modificar a partir da utilização do fio industrializado para a tecelagem do pano, que eram trazidos por alguns comerciantes que vendiam os poucos produtos manufaturados consumidos na região. (ROCHA, 1983)

No Nordeste brasileiro, a utilização do fio industrializado começou a ganhar espaço no início do século XX, em meados da década de 1920 e 1930. (JOFFILY, 1977) Quando esses fios começaram a ser introduzidos na região do alto-sertão paraibano, onde está localizada a cidade de São Bento, eram adquiridos diretamente de seus locais de produção que podiam ser Campina Grande/PB, Natal/RN, Fortaleza/CE ou João Pessoa/PB. (ROCHA, 1983, p. 40)

Sobre o início da utilização dos fios industrializados na produção de redes em São Bento, podemos notar que os primeiros autores acadêmicos que se dedicaram ao estudo dessa fabricação observaram que, a comercialização do fio industrializado em São Bento teve sua introdução no processo de produção a partir da década de 1920 acompanhando assim, o processo de introdução do fio industrializado na indústria têxtil paraibana.

O trabalho de Rocha se traduz numa obra riquíssima e que inaugura os estudos sobre a atividade produtiva de redes nesta cidade. Como o autor bem trata na introdução, ele tem por objetivo principal “examinar as transformações que ocorreram numa atividade singular e tradicional existente no Nordeste – a manufatura de redes-de-dormir.” (1983, p. 11) O mesmo autor analisa esta atividade como um processo contraditório, principalmente se levar em consideração o espaço que ele escolheu como principal para as suas análises que é, a cidade de São Bento.

Por consistir em uma atividade que tem seu processo evolutivo não muito claro e determinado, e por, a princípio, se tratar de uma atividade primitiva tipicamente indígena, fica evidentemente difícil realizar um mapeamento mínimo do início dessa produção. Contudo, Rocha deixa claro que é terminantemente desafiador estudar uma atividade razoavelmente recente no Brasil como é o caso da manufatura das redes de dormir, ligando o contexto dessa produção aos estudos existentes sobre as atividades não capitalistas no país.

E de fato isso foi feito neste trabalho. Porém, seguir apenas o rastro do advento das atividades não capitalistas no país, seguindo principalmente o rumo que a industrialização do fio tomou dentro do Nordeste brasileiro, para assim traçar hipóteses de como a manufatura das redes de dormir em São Bento alçou voos mais altos, não foram necessários

para se elencar informações verídicas, no mínimo, das hipóteses, no que compete à introdução do fio industrializado na produção de redes de dormir nesta cidade.

Assim podemos analisar em Rocha.

Além do controle do comércio de fio, que havia sido introduzido na cidade a partir da década de 20, os comerciantes locais contaram também com outro elemento para realizar em escala cada vez maior a subordinação dos produtores individuais. Este elemento foi o novo tear (batelão); introduzido na região entre o fim da década de 20 e início da década seguinte, pois este, além de dificilmente poder ser construído pelos próprios artesãos – exige conhecimento especializado de marcenaria, medidas exatas, madeira adequadamente tratada, etc. (1983, p. 41)

A partir dos relatos orais de memória, alguns já citados no capítulo anterior desta pesquisa, pudemos analisar que a introdução dos fios industrializados em São Bento não seguiu meramente o rastro da comercialização inicial desse produto dentro do Estado da Paraíba. Na década de 1920 a cidade de São Bento não passava de um simples povoado, onde toda movimentação comercial não compreendia mais do que uma região central denominada de Rua Velha.

O total de nove entrevistados dessa pesquisa, juntando as informações de questionários informais, colhidos com donos de tecelagens de São Bento, não revelaram a presença de fio industrializado no povoado antes da década de 1940, assim como também afirmaram os mais velhos, através de sua própria vivência, e os mais novos através dos relatos de seus pais, que na década de 1920 e 1930 a presença do *tear de três panos* era unânime em todas as unidades domésticas de produção de redes.

A maioria dessas unidades estavam na zona rural, e segundo eles, não havia durante essas duas décadas, a utilização do **tear batelão* ou *tear de cia*, não havendo também sequer uma comercialização de redes de dormir na feira central que acontecia nas segundas feiras, na antiga Rua Velha.

Isso não quer dizer que a obra de Rocha não nos conceda um rigor acadêmico apurado, nem nos possibilite um acesso à informações verídicas, pelo contrário, se deixarmos de lado o suposto equívoco com relação a introdução do *tear batelão* e do fio industrializado dentro da produção de redes são-bentense, avaliaremos que a pesquisa deste autor foi fundamental para traçarmos as bases de futuras pesquisas com relação ao passo a passo da produção de artesanal para manufatura e desta para a maquinofatura.

Podemos dizer que Rocha utilizou da empiria da análise dos documentos estaduais sobre a comercialização do fio na Paraíba para fazer um traçado de como este foi importante para o desenvolvimento desta prática na cidade em questão. Porém, a análise dos fatos

levando em consideração a vivência das pessoas da produção não foram trazidas à tona com a mesma intensidade, fazendo com que entendamos através dela que esse processo acompanhou o desenvolvimento industrial paraibano.

O trabalho de Rocha deu início a uma série de análises acadêmicas, em sua maioria nos campos de pesquisa voltados para os estudos socioeconômicos na geografia humana, dentre eles, destacamos de modo particular, os trabalhos de Rosalvo Nobre Carneiro, que consistem em monografia de conclusão de curso em Geografia (2001), dissertação de mestrado para Programa de Pós-graduação em Geografia (2005), e tese de doutoramento também em Programa de Pós-graduação em Geografia (2011).

A tese de doutorado de Carneiro já atenta para possíveis controvérsias com o que temos escrito sobre a produção de redes em São Bento com relação aos registros orais das pessoas que viveram no fervilhar de todas essas transformações. Carneiro realizou este último estudo comparando também o desenvolvimento da produção de redes de dormir em São Bento, Jardim de Piranhas/RN, Jaguaruana/CE e Tacaratu/PE.

O rol das pesquisas acadêmicas que seguiram o rastro de Rocha e Carneiro, seguem numa sequência de trabalhos na área da Geografia, nos exemplos das pesquisas monográficas de Francisco Heleodorio de Araújo Alves (2010), na qual elucida a importância da indústria têxtil para o desenvolvimento socioeconômico da cidade de São Bento; a pesquisa de Francisco Clésio Medeiros Dantas de Araújo (2011) que, analisa os impactos ambientais decorrentes da indústria têxtil nesta cidade.

Trabalhos monográficos voltados para a área da Economia, como é o caso do estudo da indústria da rede como fonte de renda e de emprego no município de São Bento, realizado por Hannelore Diniz Nobre (2003).

E trabalhos monográficos na área de História que, engatinharam nas pesquisas nos campos da cultura e da sociedade são-bentense mediante a prática de fabricação das redes de dormir nesta cidade, representada por Adailton Rodrigues Bezerra (2013) não só como principal meio econômico de sobrevivência dos são-bentenses, mas também como arte de fazer que carrega em si técnicas e aprendizagem de seus fabricantes. E por conseguinte como experiências compartilhadas entre os são-bentenses analisadas por Joyciana da Silva Medeiros (2016).

São Bento é dona de uma de uma história completamente mergulhada no mundo da produção de redes de dormir, mas essa história ainda se encontra dividida em muitos retalhos, que aos poucos estão sendo costurados graças ao empenho de seus pesquisadores.

Costurar esses retalhos torna-se o principal objetivo do historiador que estuda o cotidiano urbano:

O historiador do cotidiano tem como principal preocupação restaurar as tramas de vidas que estavam encobertas, procurar no fundo da história figuras ocultas, recobrar o pulsar no cotidiano, recuperar sua ambiguidade e a pluralidade de possíveis vivências e interpretações, desfiar a teia de relações cotidianas e suas diferentes dimensões de experiência, fugindo dos dualismos e polaridades e questionando as dicotomias. Ao recuperar o processo histórico, pretende perceber suas mudanças e permanências, descontinuidade e fragmentação, as amplas articulações, as infinitas possibilidades dessa trama multidimensional, que se compõem e recompõem continuamente. (MATOS, 2002, p. 26-27)

Tecer uma história sobre a produção de redes nesta cidade não é tarefa fácil, ainda mais se levarmos em consideração o fato de não dispormos de documentação escrita, nem oficial, nem mesmo de particulares, para se poder fazer um mapeamento do seu início. Se pudéssemos contar com pelo menos os registros de documentação de compra de fios de particulares por volta das décadas de 1920 e 1930 seria de suma importância para preenchermos algumas lacunas ainda existentes.

Não sendo possível dispormos de tais informações, os registros orais foram essenciais para sanarmos essas dúvidas. Tornaremos possível a leitura da cidade de São Bento, imbuída no mundo do trabalho, através do ato de ‘dar a palavra’ às pessoas ordinárias. (CERTEAU, 2014, p. 25)

A partir dessa abertura da palavra, traduzida através dos relatos orais de memória, referentes à produção das redes e às transformações urbanas, capazes de transmitir essa história, com seus mocinhos e vilões. A partir desse método podemos pôr em voga a coleta oral da cultura do espaço citadino construído, visto e descrito pelos são-bentenses, desde seus locais de moradia e trabalho, até a cidade em si.

2.2 A tessitura mecanizada das redes de dormir e a cidade

A utilização de fios industrializados na produção de redes de dormir em São Bento, ao que parece, teve seu início voltado para fins da década de 1940, aumentando progressivamente na década seguinte, acompanhando a produção de redes de dormir nesta cidade que já se encontrava fincada em sua tradição de trabalho desde o século XIX, respondendo aos resquícios do artesanato da tradição indígena na região.

Com a “facilidade” em adquirir fios industrializados e em maior quantidade, a produção de redes seguiu a tendência de aumentar progressivamente, dia após dia, ano após

ano. Citamos essa facilidade entre algumas aspás, porque através dos relatos orais de memória tivemos a oportunidade de perceber que o início da comercialização dos fios não foi tão abrangente assim.

Notamos que, essa comercialização teve seu início marcado por apenas cerca de dois a três comerciantes locais que, começaram a vender esses fios a crédito e, logo em seguida, receber redes prontas como pagamento pelo fio. Com o monopólio de fio no domínio desses poucos comerciantes, que davam para se contar nos dedos de uma única mão, seria de praxe que seus preços não fossem tão acessíveis para os pequenos produtores que, na década de 1940 eram a maioria na região.

Portanto, durante essa década seguiu-se a produção ainda nos moldes artesanais. Estima-se que basicamente, cerca de 85% da população do povoado que produziam este artigo ainda trabalhavam utilizando seus fios feitos manualmente, com base no plantio, ou na compra do algodão que eram usados para serem descaroçados, fiados em um fuso manual, para a partir de então se formarem os novelos de fios que seriam tingidos, urdidos, e postos nos teares de madeira para serem tecidos. (CARNEIRO, 2011)

Segundo alguns depoimentos, somente a partir da década de 1950 foi que a utilização do fio industrializado começou a se expandir de modo mais acelerado, e o sistema de troca de fio por panos de redes prontas começou a ficar cada vez mais frequente. Rocha (1983) levanta que, a produção de redes só começou a se modificar com a utilização do fio industrializado na tecelagem do pano, trazidos por alguns comerciantes locais que vendiam os poucos produtos manufaturados consumidos na região.

Levando em consideração que a produção segue em seu modo artesanal até meados da década de 1950, com início do processo de manufatura em 1958, esse sistema de troca dava aos pequenos produtores a possibilidade de mesmo sem dinheiro para a aquisição dos fios industrializados, poderem adquiri-los trocando-os por suas mercadorias.

A partir da fala da narradora mais idosa dos dois grupos de entrevistados, a senhora Ana da Silva Medeiros, Dona Ana como é mais conhecida na cidade, tendo nascido no ano de 1923, contando hoje a idade de 96 anos, poderemos notar como ainda era bastante frequente a utilização de fios artesanais para a tessitura das redes de dormir durante a década de 1930.

Comecei com doze anos trabalhando de noite e de dia, fazendo rede dos outros (...) os meus irmãos tudo trabalhava em fio (...) eu mesmo junto com eles preparava o fio (...) tudo manual, o engenho era, pra fazer o cordão num engenho manual sem ter nada. Era tudo na mão. Descaroçava o algodão, fiava o algodão todinho,

num fuso num sabe? Ia fiando, fiando, fiando, até formar os carretel de fio pra colocar no tearsinho. Aí depois passava a **mamucaba*, fazia tudo.
(Ana da Silva Medeiros)²⁴

Podemos perceber no relato de Dona Ana, o gosto que se tem ao contar a trajetória de sua “luta cotidiana pela existência” (SOUSA, 2011, p. 09) quando nos relata o início do seu trabalho com a produção de redes por volta do ano de 1935. Observamos que o trabalho de beneficiamento do fio era feito totalmente de forma artesanal, utilizando apenas de um fuso de madeira pra formar os carreteis de fios que seriam utilizados na tessitura, e contando com ajuda de alguns dos seus irmãos mais novos.

O depoimento de Dona Ana representa a realidade da grande maioria dos produtores locais da época, que em grande medida, produziam redes para usufruto pessoal, ou seja, leito dos componentes da família, como também para produção de redes encomendadas por parentes e amigos para este mesmo fim.

O senhor Cícero Clementino da Silva é um dos irmãos da narradora anterior, através de seus relatos, pudemos observar que durante toda a década de 1940, a utilização do fio não industrializado continuava sendo constante, o próprio entrevistado só teria começado a utilizar fios industrializados a partir de 1958.

Seu Cícero Emídio, como é mais conhecido na cidade, nasceu em 1939, hoje possui a idade de 80 anos, e nos levantou em uma entrevista realizada no ano de 2015, que desde 1948, com apenas dez anos de idade, já trabalhava no tratamento do fio para o tear de sua irmã mais velha Dona Ana, primeiramente em um sítio denominado de Boqueirão e, posteriormente, no sítio Xique-xique.

Olhe, em 1948 nós ainda num sabia o que era fio, aí tingia aquela listrinha, com jenipapo, casca de jenipapo cozinhada com angico, dava... A casca de jenipapo dava um azul bem... Um azul escuro decorado que eles achavam até bonito, mais grande, não é? E o angico dava um vermelho que nós chama escarlate não é? Era as duas cor. Agora isso acabava o pano e num mudava a cor tá entendendo? Segurava mais do que mesmo a tinta.
(Cícero Clementino da Silva)²⁵

O narrador é agricultor e ainda produtor de redes de dormir, é um dos moradores da cidade com maior experiência na fabricação das redes, uma vez que, começou na produção ainda na sua infância. Como Seu Cícero Emídio, colhemos outros relatos de memória que compartilham da mesma experiência, pelo fato de estarem engajados na produção desde muito cedo, e que são capazes de compartilharem suas lembranças acerca desse processo.

²⁴ MEDEIROS, Ana da Silva. **Entrevista**. (out. 2015). Bento/PB, 2015, p. 113, 114, 115.

²⁵ SILVA, Cícero Clementino da. **Entrevista I**. (set. 2015). São Bento/PB, 2015, p. 58.

“A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual”. (BOSI, 1994, p. 55) Percebemos que essas lembranças se fazem presentes de forma coletiva, porém, devemos levar em consideração que, apesar de estarem nítidas na memória desses são-bentenses, não consiste na mesma lembrança que eles viveram, os narradores também já não são mais os mesmos, e seu olhar sobre esse passado é trazido por eles através do olhar perspicaz do presente.

Este breve adendo sobre a introdução dos fios industrializados naquela região, nos serviu de base para percebermos que apesar de ter sido muito importante, esse início de modernidade da fabricação não atingiu de forma maciça todos os produtores. Também nos serve como meio de perceber que essa modificação inicial não foi responsável por uma migração expressiva de moradores da região para o ambiente central do povoado, assim como também não representou uma modificação expressiva no processo de produção, tampouco acelerou o processo, aumentando assim, o número de redes produzidas.

A chegada do *tear batelão* ou *tear de cia* no final da década de 1940, foi responsável pela substituição progressiva do antigo *tear de três panos*²⁶. Esse evento teve um impacto positivo no aumento da produção de redes, mais alarmante do que a introdução dos fios industrializados no processo de tessitura.

O *tear de três panos* era um tipo primitivo de tear horizontal, de reduzidas dimensões, o motivo pelo qual era assim denominado, consistia no fato dele apenas permitir a obtenção de um pano com, no máximo, 60cm de largura, sendo necessário realizar a tessitura de três panos para, em uma fase posterior costurá-los entre si e assim obter um pano de rede com aproximadamente 1,50m de largura.

Lembro, começou... começou tecer com um tear de pau né, que antigamente era um tear de pau, Só depois de muito tempo passou a ser é... esses tear que a gente vê hoje, tear elétrico, né! Aí era um tear de três pano, tecia três pano pra juntar e fazer uma rede, costurava ela. A pessoa costurava manual num sabe? E fazia aquela rede, depois.
(Terezinha Cruz de Araújo)²⁷

Como podemos observar no relato acima, a narradora nos informa, de acordo com as memórias das histórias contadas por seus pais, padrinhos e tios que, entre as décadas de 1920

²⁷ ARAÚJO, Terezinha Cruz de. **Entrevista I**. (jan. 2018). São Bento/PB, 2018, p. 24.

e 1930 e ainda se estendendo para os primeiros anos da década seguinte, o processo de produção de redes de dormir se traduzia em uma prática puramente artesanal, e que o mesmo exemplo do tipo de produção realizada pela sua família no sítio São Bento de Baixo, era o estilo comum entre todas as famílias que praticavam a fabricação das redes em seus locais domésticos de artesanato, espalhados pelas residências na zona rural.

É interessante também observar o emprego da expressão “antigamente”, para Certeau (2013), esta palavra assume uma função mítica. Ao transmitir essa força de expressão, a narradora insiste em retornar a este passado, que não tem mais volta, mas que se apresenta diante dos seus olhos, como se a mesma estivesse vivendo novamente essas mesmas experiências. “Antigamente” representa o transporte do passado para o presente e representa também um misto de referências simbólicas.

A narradora ainda nos fala que tendo nascido em 1944 ainda lembra de no fim dessa década, ter visto e guardado na memória a imagem do *tear de três panos* utilizado pela sua mãe, assim como também a imagem do fuso de fiar, utensílio de madeira utilizado para o processo de transformação dos novelos de algodão em fio para a tessitura.

A mesma situação podemos observar no relato a seguir:

Teu avô, todos eles trabalharam nesses tear, *tear de três panos*. Mamãe... lá as nossas redes mamãe era quem fiava, fazia... em algum lugar ela fiava, num engenho de fio, aí ela mandava pra essas mulher que tinha esses tear de três redes, aí costurava as rede, fazia uma rede, aí uma rede durava a vida toda, era feita com fio bom, com esses algodão mocó que o povo chamava. [...] Até roupa, mamãe fazia um fio bem fininho e fazia roupa pra nós, era, costurava, as mulher tecia nesses tearzinho que fazia redes.
(Manoel Valeriano da Silva)²⁸

É importante salientar que, quando os narradores falam no *tear de três panos* e no período que eles ainda conseguiram compartilhar da presença desse utensílio na produção de redes em seus cotidianos, nos afirmam que, houve por um curto momento, a coexistência do *tear batelão* (**Figura 8**) com o *tear de três panos* (**Figura 9**), ou seja, mesmo o primeiro tendo sido responsável pela ‘aposentadoria’ do segundo, o *tear de três panos* ainda se manteve presente.

²⁸ SILVA, Manoel Valeriano da. **Entrevista I**. (jan. 2018). São Bento/PB, 2018, p. 60.



Figura 8 – Tear Batelão.
Fonte – ROCHA, 1983, p.20.



Figura 9 – Tear de três panos²⁹

Essa presença do *tear de três panos* se prolongou, até que as condições dos produtores melhorassem, e conseguissem a obtenção do agora *tear batelão*, que já não era um tear simples de ser fabricado por eles, exigindo a contratação do serviço de carpintaria para a confecção desse tear mais moderno.

Além do que, a troca de um tear por outro, representava também o uso do fio industrial em detrimento do uso do fio artesanal, o que encarecia a produção. Porém, o

²⁹https://www.google.com/search?q=tear+de+tr%C3%AAAs+panos&rlz=1C1GCEA_enBR834BR834&source=lms&tbn=isch&sa=X&ved=0ahUKEwio7E7cnjAhUUlKGHANqDFIQ_AUIESgB&biw=1280&bih=953#imgrc=wejN0x1JBdMVoM:

sistema de troca estabelecido pelos comerciantes de fio tratou de resolver rapidamente essa pendência comercial e produtiva.

A troca da mão de obra feminina pela masculina na tecelagem dos panos representava um certo temor aos chefes de família uma vez que, eles passaram a assumir as funções de tecelão como atividade de trabalho principal para o sustento familiar. Porém, como o início da produção dentro do ano acontecia de maneira parcelada, esses homens tiravam uma parte do ano (verão) para a produção em massa de redes, e outra parte do ano (inverno) para a lida com a agricultura.

(...) o inverno marca o ponto de partida para as duas atividades, a agricultura e a fabricação e comercialização das redes. No período mais rigoroso do inverno no nordeste brasileiro, ou seja, de janeiro a março como é levantado, o homem campesino, do espaço discutido, que também divide seu tempo entre a fabricação e venda das redes, vê-se obrigado a estancar a este último meio econômico para começar na lida com a agricultura. (MEDEIROS, 2016, p. 36)

A década de 1940 marca o início da utilização do *tear batelão*, este tear, por sua vez, possuía dimensões maiores e permitia tecer o pano na largura apropriada para a confecção da rede e incluindo o uso da **lançadeira*. Por ser maior, mais pesado e exigir mais esforço físico para sua operação, foi introduzida o uso da força de trabalho masculina no processo de tecelagem. Na década de 1950, com o uso expressivo do *tear batelão*, foi possível aumentar, substancialmente, o volume de redes produzidas. (CARNEIRO, 2001)

Para os ainda poucos comerciantes vendedores de fios industrializados, o *tear batelão* representou um aumento nos lucros, uma vez que, esse tear foi responsável pela introdução de toda família na esfera de produção, aumentando-a e, por sua vez, aumentando também a aquisição de fios. Podemos aferir que a partir de então, a divisão interna do trabalho começou ser melhor executada, como também houve o aumento das unidades de trabalho familiar principalmente dentro da cidade, na zona rural na década de 1950 os chamados teares de três panos ainda existiam.

Mesmo com a introdução do *tear batelão* dentro do processo de tessitura das redes, é notório perceber que esta fase, continuou nos mesmos moldes anteriores da produção totalmente artesanal, tendo como único fator de mudança o escanteio do antigo *tear de três panos*, pela utilização do *tear batelão*.

Com esse novo mecanismo, o pai de família entra cada vez mais no trabalho com a tecelagem, a dona de casa que, além da lida doméstica também tecia nos *teares de três panos*, passou a tessitura para seus maridos realizarem, sendo que estas se deteriam aos vários

processos da fase do acabamento das redes, juntamente às outras mulheres do seu convívio que podiam ser mães, irmãs, filhas, sobrinhas, comadres ou amigas.

Essas pequenas transformações naquilo que Certeau atribui às “maneiras de fazer” (2014, p. 41), constituem uma miríade de práticas pelas quais se apropriaram do espaço organizado pelas técnicas da produção sociocultural.

A crescente divisão de trabalho aumentou a produção, aumentou também a busca por fios industrializados, os comerciantes de fios, além de vendê-los, também passaram a trocá-los por panos de redes. Esse sistema de troca foi um dos fatores para a aceleração da terceirização do acabamento. Essa terceirização era realizada, em sua grande maioria na zona rural do município, depois de 1958 com o início da primeira manufatura de redes, o processo de acabamento começou a se intensificar dentro do ambiente citadino, e por sua vez, foi responsável por desenhar as características principais desta cidade como veremos no capítulo 3 deste trabalho.

A terceirização da fase do acabamento possibilitou que pessoas autônomas formassem unidades de trabalho voltadas para este fim, recebendo panos de redes para realizar os diversos processos desta fase da produção. Estes autônomos inicialmente, começaram a receber redes de comerciantes de fios que não teciam suas redes, mas que recebiam como pagamentos diversos principalmente pela venda a crédito dos fios. Posteriormente passaram a receber esses panos também dos industriais donos de tecelagens.

O desenrolar dessa transformação na divisão do trabalho com a fabricação possibilitou uma efervescência na comercialização desse artigo têxtil dentro da cidade. E já que estamos falando em cidade, para São Bento essas transformações possibilitaram o avanço da procura dos são-bentenses pelo ambiente citadino para estabelecerem seus locais de moradia, concomitante com seus locais de trabalho. Esse avanço do aumento populacional da cidade foi ainda maior quando, em 1958, teve início a abertura da primeira grande manufatura de redes de dormir na cidade.

A criação da primeira fábrica de redes de dormir em São Bento se caracterizou como um marco importantíssimo para a história da atividade dessa produção no espaço discutido. Esse aspecto também foi de bastante relevância para as principais transformações urbanas deste local. A instalação dessa unidade produtiva marca um momento chave para a produção e para as principais transformações do aparato urbano são-bentense.

Este evento característico está bastante relacionado ao contexto ‘cidade-memória’ (MATOS, 2002), uma vez que, através de determinada transformação em uma técnica

específica, os participantes assíduos de determinado cotidiano citadino conseguem relacioná-la com as tensões urbanas que emergem através dela, e que passam a ser vivenciadas de forma fragmentada e diversificada por seus habitantes.

Este pedaço da história da produção de redes vai estar muito centrado no sabor das velhas histórias que trazem com elas um discorrer de informações sobre pessoas específicas, geralmente responsáveis, segundo os depoimentos populares, por grandes feitos, e grandes transformações, que foram capazes de modificar, de forma maciça, as características da produção, a imagem da cidade e, conseqüentemente, a vida de muitas pessoas. Buscaremos analisar esses fatos fazendo isso, como nos escreve Cabral Filho, “voltando às ruínas”, para assim tentar encontrar “sob os escombros, restos de ações, sangue de práticas, pulsações de processos”. (2004, p. 25)

As principais transformações do processo de fabricação de redes de dormir em São Bento, ocorridas pela implementação da primeira manufatura no local tem nome e sobrenome e se chama Manoel Lúcio da Silva, advindo de uma família de agricultores, mas que sempre tiveram em suas raízes familiares a prática da tecelagem.

A história desse empreendedor já é carregada de muitas experiências com o trabalho. Desde muito cedo, em meados dos anos de 1932 e 1936 Manoel Lúcio, já enfrentava as dificuldades da seca e da pobreza na região sertaneja onde se encontra a cidade de São Bento. Durante esses anos, Manoel Lúcio já se deslocava de São Bento a Malta para trabalhar na construção do Açude Engenheiro Arcoverde na cidade de Condado.

Sempre que havia o recrutamento para esse trabalho, este homem se empenhava para ir até lá, para contribuir na construção e assim ajudar os pais e os irmãos que dependiam expressivamente do trabalho na agricultura. Como a construção do açude aconteceu de maneira bastante parcelada, Manoel Lúcio também se viu durante esse período realizando o trabalho de tropeiro para contribuir com o sustento da família.

No final da década de 1930 Manoel Lúcio saiu de sua terra natal e se dirigiu para fazer morada na capital amazonense, Manaus, permanecendo naquela cidade até aproximadamente o ano de 1948. Lá Manoel Lúcio, desenvolveu o ofício de carpinteiro, se transformando em um artífice primoroso na arte da carpintaria. Esta personagem em questão, já havia saído de São Bento dominando a arte de tecer ensinada pelo seu pai Antônio Lúcio. Manoel Lúcio juntou essas duas experiências no final da década de 1940 e início da década de 1950 para se juntar ao seu irmão Lauro Lúcio na abertura de uma pequena manufatura de redes de dormir na cidade de Mossoró/RN, local de morada de seu irmão na época.

Manoel juntamente com Lauro fabricavam os teares que utilizavam na manufatura de Mossoró, era uma fábrica modesta, mas que teve bastante probabilidade de sucesso. Os mesmos saberes utilizados na empresa matriz também foram utilizados na filial sediada em São Bento.

O filho de Manoel Lúcio, o senhor Gilberto Lúcio, nos relatou em entrevista que o ofício primário de seu pai esteve voltado para a carpintaria, tendo ele mesmo construído os primeiros teares de madeira para sua tecelagem em Mossoró, e que este ofício, havia aprendido a desenvolver com seu pai, o senhor Antônio Lúcio, responsável pela confecção dos pequenos *teares de três panos* utilizados em sua tecelagem artesanal e doméstica.

Eu sei que começou a cada vez crescer mais essa fábrica de rede com tear de pau. Só que a fábrica de papai já era toda com tear de um pano só. Aí o tecido dessa fábrica era de um pano só, porque até então, inclusive o pai dele, que era Antônio Lúcio fazia rede de um tearzinho, antes, anos 1940, muito antes, ele tinha teares, que começou com o de três panos, depois passou pra um tear de um pano só. E como meu avô, tinha outras pessoas que fazia também, mas era uma coisa assim bem familiar, o pessoal fazia dentro de casa, no tempo de *tear de três panos* as mulheres teciam, quando não teciam era quem emendavam os panos pra fazer uma rede, era três panos. E meu pai em 1958 trouxe essa fábrica pra cá né? Toda de *tear batelão*, a maioria ele quem fazia, fez todos mais meu tio Lauro, e em 1966 só teve a ficar maior porque aí ele começou trazer teares elétricos, aí foi que a coisa bombou mesmo.
(Gilberto Lúcio da Silva)³⁰

A figura de Manoel Lúcio dentro da cidade de São Bento é conhecida por todos como ‘um grande empresário’, um ‘homem à frente do seu tempo’, uma ‘pessoa de posses’, um homem que viveu para seguir em frente nos seus planos de industrializar a produção de redes de dormir em São Bento, e que conseguindo este feito, conseguiu formar para si uma grande fortuna, um verdadeiro império. Porém, uma das marcas da história de vida deste homem está intimamente ligada à sua vida de trabalho.

Manoel Lúcio passou por diversos ofícios, desde contribuidor das construções de açudes e barragens para o Governo Federal, até se embrenhar pelos caminhos da Paraíba e alguns estados vizinhos como tropeiro, se aventurar em uma vida como carpinteiro e também ajudante de pedreiro no Norte do país, até se estabelecer como tecelão em Mossoró e se firmar como empreendedor de uma das maiores fábricas que São Bento já viu.

A história de sofrimento e trabalho da vida deste homem, assim como também dos muitos trabalhadores que ele empregou, são muitas vezes sublimadas pelos atos da Macro

³⁰ SILVA, Gilberto Lúcio da. **Entrevista**. (jan. 2018). São Bento/PB, 2018, p. 72.

História que, em grande medida, nos oferece um discurso pronto acerca da pessoa aqui discutida, um discurso do homem sério, rico, empresário, industrial e gerador de emprego e renda dentro da cidade. A pureza e o rigor historiográfico imbuídos no estudo voltado para a metodologia da História Oral está justamente em descobrirmos pedaços da história que os ditames da oficialidade historiográfica são incapazes de nos mostrar.

A História Oral é uma história constituída em torno de pessoas. Ela lança a vida para dentro da própria história e isto alarga seu campo de ação. Admite heróis vendo-os não só dentre os líderes, mas dentre a maioria desconhecida do povo. Traz a história para dentro da comunidade e extrai a história de dentro da comunidade. (THOMPSON, 1992, p. 44)

O trabalho pesado por trás das conquistas de Manoel Lúcio fica à sombra da imagem do homem que trouxe ‘o progresso para a cidade’, Gilberto Lúcio traz à luz a imagem do homem cabeceiro³¹, que trabalhou pesado na construção de açudes, que foi tropeiro e carpinteiro, antes de se tornar esse símbolo de progresso. Por isso, tentamos privilegiar ao máximo o ato de falar, pois esse ato: “coloca em jogo uma apropriação, ou uma reapropriação, da língua por locutores; instaura um presente relativo a um momento e a um lugar; e estabelece um contrato com o outro (interlocutor) numa rede de lugares e de relações”. (CERTEAU, 2014, p. 40)

A partir da manufatura de redes na cidade de São Bento colocada, implementada e aperfeiçoada por Manoel Lúcio é que se começou uma rotina empregatícia dentro da cidade. O pequeno empresário que, como pequeno passou pouquíssimo tempo, teve que contratar diversos funcionários para a preparação do fio e tessitura dos panos de rede.

Mesmo que em 1958 todo fio utilizado na tecelagem de Manoel Lúcio já fosse industrializado, ainda precisava de funcionários no trabalho de preparação desse fio, pois havia todo processo de urdidura. Depois de estarem devidamente urdidos, uma vez que, em sua maioria consistiam nos chamados fios crus, ou seja, da cor bege, passavam pelo *alvejamento e pelo *tingimento, tendo o fio colorido começado a se popularizar a partir do final da década de 1960.

Manoel Lúcio precisou contratar também a mão de obra para a tecelagem, este era o serviço mais procurado, entretanto, era o que necessitava de mais conhecimento técnico, pois o manuseio com o *tear batelão* exigia mais força, habilidade com a *lançadeira* e

³¹ Expressão sertaneja utilizada para atribuir pessoas que trabalham em serviços pesados como pedreiro, tropeiro, carpinteiro, carregador ou descarregador de produtos ‘no lombo das costas’, boia fria, entre outros.

domínio com a perfeição no momento de tecer a trama, também uma observação perspicaz nos fios para se manterem firmes e não se quebrarem durante a tessitura.

O trabalho com a tecelagem era também o ofício que oferecia os melhores salários por produção, e desde a implantação da manufatura de Manoel Lúcio em 1958, e a abertura de novas manufaturas da década de 1960 até a década de 1990, o processo de tessitura se manteve prioritariamente realizado por homens, em sua grande maioria os chefes de família, seguidos de seus filhos homens, que ao completar aproximadamente a idade de 16 anos, já eram introduzidos nos primeiros passos na arte e trabalho de tecer.

Porém, o trabalho feminino não era posto em escanteio nos trâmites do funcionamento da tecelagem de Manoel Lúcio. Dentro da fábrica em si, a existência da mão de obra feminina era bem reduzida se comparada com a masculina, e se concentrava basicamente nos serviços de auxílio gerencial e organizacional, como era o caso da narradora Maria Silva Araújo Cunha, que por volta de 1958 até 1962 trabalhava contando as redes prontas tecidas na tecelagem, para realizar o processo de dividi-las para posteriormente fazer o seu envio para as dezenas de *feiteiras* espalhadas por toda cidade, principalmente na zona rural, para realizarem os vários processos de acabamento das redes.

Eu trabalhei lá bem... uns quatros anos, de três pra quatro anos, porque eu saí do sítio em 1958 e já fui trabalhar lá. Quando eu casei fui embora pra o sítio, isso foi em 1962, aí foi aí que eu saí lá de Manoel Lúcio. Quando cheguei no sítio fui trabalhar em rede, do mesmo jeito, toda vida nós só trabalhava em rede. E enquanto eu trabalhei lá na fábrica de Manoel Lúcio, era só entregando rede, despachando rede para aprontar num sabe? Para o acabamento. As redes que saíam prontas de lá, era tudo eu mais pai que despachava que era pra o pessoal fazer o acabamento, num sabe?

(Maria Silva Araújo Cunha)³²

Seu Manoel Lúcio contava com uma folha de pagamento bastante extensa, destinada às funcionárias mulheres, porém, esses trabalhos eram realizados fora da tecelagem, pois na grande maioria, essas *feiteiras* trabalhavam em suas próprias residências que podia estar tanto na zona urbana, quanto na zona rural, as que trabalhavam na tecelagem como o caso de dona Maria, consistia em uma pequena exceção.

O trabalho se realizava tanto de forma individual, como em equipes de mulheres que dividiam as etapas do acabamento entre si, quanto maior a equipe, maior o montante das

³² CUNHA, Maria Silva Araújo. **Entrevista**. (out. 2015). São Bento/PB, 2015, p. 108.

redes enviadas para os locais de trabalho. A distribuição do envio das redes para o acabamento sempre era realizada aos sábados, iniciando às 08 da manhã até o meio dia.

O conjunto dessas transformações nas “maneiras de fazer” ou nas “práticas de fazer” funcionam como pano noturno dessa prática social, ou seja, elas aparecem, na maioria das vezes, apenas na obscuridade dos fatos. Porém, são elas quem desenham nos bastidores dos eventos toda a trama envolvida em toda a fabricação das redes, até esta ter se tornado produto de consumo cultural. Essas transformações funcionaram como criações anônimas nascidas da prática do desvio no uso desses produtos. (CERTEAU, 2014)

Segundo relatos de seu Manoel Valeriano da Silva (Seu Branco), na época gerente da tecelagem, no sábado ele punha em mãos a listagem de redes que estavam para serem devolvidas a fábrica devidamente acabadas, como também a listagem das redes que estavam de saída para serem levadas ao processo de acabamento, que seria realizado no decorrer da semana vindoura.

Todo trabalho do sábado dentro da manufatura de Manoel Lúcio, era voltado para continuar a tecelagem dos panos até o meio dia, mas o principal exercício deste dia era levar mais panos de redes às equipes de acabamento, e trazer desses mesmos locais as redes prontas que haviam sido acabadas no decorrer da semana.

As redes eram levadas de carro até o início do Rio Piranhas e atravessadas pelo pontão para a outra margem do rio, e assim seguiam viagem para a zona rural do município. Esse processo foi realizado dessa forma até 1971 com a inauguração da ponte Governador João Agripino.

Seu Branco nos conta com muita saudade, que eram muitas mulheres, mulheres muito trabalhadeiras, que se desdobravam durante toda semana para realizarem as atividades com o acabamento das redes e ao mesmo tempo cuidar nas lidas domésticas, incluindo a criação de seus filhos e filhas os quais geralmente muito cedo, frequentavam os ambientes de trabalho de suas mães e também ajudavam nos serviços mais leves, que iam desde selecionar as redes para o **empunhamento*, ou colocar um **caré*, e até mesmo dobrar as redes no fim do expediente.

Pois pronto. Quando era a fábrica de *tear batelão* já tinha muita gente fazendo acabamento pra ele, porque era uns quinze teares num sabe? Aí depois ele foi aumentado, passou pra tear elétrico e já teve muita produção aqui, já ficou com trinta tear elétrico tecendo, era uma produção de quatro mil rede por semana, né? Isso depois de 1960. Eu fui gerente da fábrica quinze anos eu era quem tomava de conta de todo esses acabamento das redes. Era muitas mulheres alistada, fazendo rede pra fábrica de Manoel Lúcio, nesses sítio aqui tudinho por arredor, e aqui

dentro da cidade também, aqui pelas rua, por onde você passasse, você via as mulher mais os menino trabalhando no acabamento das redes de Manoel Lúcio. (Manoel Valeriano da Silva)³³

Por sua experiência com a tecelagem em Mossoró, e também por desde cedo, estar habituado a conviver com a tecelagem doméstica de redes, dentro da sua casa, atividade primeiramente realizada pela sua mãe e, posteriormente por ter trabalhado como tecedor para seu pai, Manoel Lúcio não enfrentou grandes dificuldades no que compete às habilidades necessárias para a produção em maior escala.

Podemos dizer que as maiores dificuldades encontradas estavam voltadas para a infraestrutura urbana, principalmente quando começou a pensar em uma produção mecanizada. A infraestrutura citadina era bastante rudimentar, não tendo sequer energia elétrica antes das 18 horas da tarde. Cícero Emídio que trabalhou durante anos para Manoel Lúcio e que também era seu grande amigo, nos relata conversas e discussões entre Manoel Lúcio e pessoas da elite são-bentense, comerciantes de fio, a respeito do seu intuito de mecanizar a produção.

Já, tinha muita tecelagensinha pequena, tinha muita tecelagem pequena. Na era de 60 e tanto pra chegar, de 60 pra 70 não é? Manoel Lúcio comprou seis tear elétrico, duas **espuladeira* e uma **urdideira*. Aí até... antes disse, ele procurava Toim Tumba pra conversar, eram dois homem rico já, eles ali conversava, se aconselhava, mas aí desde o tempo que foi pra ele botar os tear elétrico eles morreram diferente Toim Tumba com Manoel Lúcio não é! Porque Manoel Lúcio via Toim Tumba para comprar gado, pedaço de terra não é? Aí quando Manoel Lúcio foi comprar essas máquinas, disse a Toim Tumba: “Toim Tumba eu vou comprar, eu vou comprar máquina pra fazer rede”. (...) Aí quando foi pra comprar os tear ele foi começar conversando com Toim Tumba, aí eu sei que essa teima ficou alta não é? Até que Toim Tumba Chamou ele de besta: “Eu pensei que você fosse mais sabido, mas eu já vi que você tá fazendo é uma grande besteira essa sua, comprar máquina elétrica, que nem energia tem”. Porque nesse tempo tinha um motor ligando até dez horas da noite não é? Ele disse: “Mas Toim, o operário tá precisando de fio, e nós temos que crescer a produção, e num tem como crescer, para não arranjar máquina”. Aí nisso eles ficaram diferente, mas só foi por causa dessa teima num sabe? (Cícero Clementino da Silva)³⁴

A questão do deslocamento para a zona rural também era muito dificultosa uma vez que a ponte que corta o Rio Piranhas ainda não existia, tendo que muitas vezes, realizar o trânsito da produção por um pontão que era utilizado para atravessar o braço do rio e seguir para as diversas localidades da zona rural.

³³ SILVA, Manoel Valeriano da. **Entrevista I**. (jan. 2018). São Bento/PB, 2018, p. 59.

³⁴ SILVA, Cícero Clementino da. **Entrevista I**. (set. 2015). São Bento/PB, 2015, p. 61.

Aí era distante pra o pessoal levar o fio na cabeça e trazer, eu mesmo já levei muitas vezes saco de fio na cabeça, no dia de segunda-feira passando no rio aqui. A produção de Manoel Lúcio tinha que atravessar num pontão que tinha lá no rio, pra poder levar as redes pro acabamento pras mulheres dos sítios fazerem, quando atravessava já tinha um carro do outro lado esperando pra colocar aquelas rede em cima pra se destinar pra essas casa.

(Manoel Valeriano da Silva)³⁵

Houve também uma certa dificuldade na implementação de um novo estilo de trabalho dentro da cidade, uma vez que, os são-bentenses estavam altamente habituados ao trabalho familiar, e pouco amigáveis aos estilos modernos de trabalho assalariado e com horários e regras a cumprir. Porém essa foi uma dificuldade que rapidamente foi solucionada, como nos relatava dona Terezinha “O povo de São Bento tinha muita vontade de trabalhar, nada era difícil minha filha, olhe nada, nada, nada. O que tivesse de novo num instante aprendia, era uma coisa de dar gosto”.³⁶

Em 1966 Manoel Lúcio começou a implementar teares elétricos em sua fábrica, processo que iremos discutir em um tópico posterior, e nisso, é interessante frisar que, mesmo com a ampliação da divisão de trabalho com a criação da manufatura de redes, e principalmente depois de sua mecanização, que esse processo de fabricação das redes se encontrava industrializada apenas em seu processo de tecelagem, as demais fases da fabricação continuaram a ser desenvolvidas por trabalhadores independentes e autônomos, podendo muitos deles, posteriormente, instalar o seu próprio empreendimento de fabricação.

2.3 *As tecelagens e a cidade: o desenho urbano por meio da mecanização da produção*

São Bento é uma jovem contemporânea, seus principais traços de modernização só começaram a despontar entre fins da década de 1960 e todo o decorrer da década de 1970, e o acelerado crescimento da fabricação das redes foi responsável, em grande medida, pelos impulsos modernizadores que a cidade precisava para seguir em frente no seu projeto de mecanização da produção levada mais a sério pelo senhor Manoel Lúcio e por aqueles que acreditaram que esse projeto poderia dar certo.

Como já vimos, a introdução do *tear batelão*, posteriormente a implantação da primeira manufatura de redes de dormir em 1958 formaram o alicerce sobre o qual se ergueu

³⁵ SILVA, Manoel Valeriano da. **Entrevista I**. (jan. 2018). São Bento/PB, 2018, p. 70.

³⁶ ARAÚJO, Terezinha Cruz de. **Entrevista II**. (jan. 2018). São Bento/PB, 2018, p. 49.

todo o desenvolvimento da produção de redes de dormir e com ele, as transformações urbanas mais marcantes que são fundamentais para a imagem da cidade que temos hoje.

Nos processos de transformação das cidades, elas funcionam como seres agentes da história, juntamente com as pessoas que as transformam mediante o misto de práticas e técnicas que moldam seu cotidiano. Nesse sentido, assim como afirma Bosi (1994), destaca-se na cidade a noção de territorialidade, que pode ser identificada no espaço como experiência individual ou coletiva, onde ruas, praças, becos, calçadas são percursos plenos de lembranças, experiências e memórias.

O senhor Manoel Lúcio trouxe a prática da manufatura das redes para o município, traduzida no modelo mais pujante de tecelagem existente naquela região durante a década de 1950. Os maiores problemas que o empresário veio a enfrentar foram, sem dúvida, problemas voltados para questões de infraestrutura do aparelhamento urbano para o desenvolvimento da prática. Este problema não seria um grande empecilho tendo em vista que conseguiu lucrar de pontos positivos vigentes na época que foram cruciais para o segmento do seu ideal.

O primeiro desses pontos positivos foi o fácil acesso aos polos industriais fabricantes de fios industrializados, devido a localização geográfica de São Bento com relação às cidades de fabricação desses fios, como era o caso das fiações de Cajazeiras/PB, Recife/PE, Fortaleza e Jaguaruana no estado do Ceará. Seguindo desse ponto, os poucos comerciantes de fio, incluindo o senhor Manoel Lúcio (e é interessante frisar que dentre eles também estavam grandes aspirantes políticos da cidade), conseguiram adquirir os fios industrializados e vender ou trocar com os pequenos produtores.

Os comerciantes de fio traziam grandes quantidades deste produto dessas cidades, esses fios chegavam aqui divididos entre os já totalmente prontos para a tessitura e todo processo de fabricação, e outros que não chegavam totalmente preparados, necessitando realizar ainda nos locais de produção, os processos de *alveamento* e *tingimento*, ou até mesmo, realizando a tessitura do pano de rede cru com a utilização desses fios que não eram 100% acabados. (ALVES, 2010)

É importante ligar a prática de comercialização do fio em São Bento a questões políticas acirradas. Como vimos anteriormente, haviam poucos comerciantes distribuidores de fios na cidade em questão, os que desenvolviam essa prática eram donos de um poder aquisitivo significativo dentro do contexto de pobreza que ainda assolava os sertões do Brasil durante o decorrer da segunda década do século XX.

É possível notar que do primeiro prefeito da cidade o senhor João Silveira Guimarães (Seu Dão) até o décimo o senhor Jaci Severino de Souza (Galego Souza), todos foram comerciantes de fio, com exceção de dois, do primeiro até o décimo, que foram o Prefeito Milton Lúcio Filho³⁷ e Marcio Roberto da Silva.³⁸

Ou seja, é possível notar através dessa análise, que todo processo de desenvolvimento da indústria têxtil nesta cidade e a comercialização do fio, estariam envoltas por barganhas políticas para mesclar possíveis melhorias no processo de desenvolvimento da produção, como também com relação às melhorias de infraestrutura da cidade, para serem usadas em campanhas eleitorais e com isso angariar mais votos, uma vez que paulatinamente quase toda população passou a viver de alguma das inúmeras etapas da produção de redes de dormir.

O primeiro prefeito de São Bento, o senhor João Silveira Guimarães, foi eleito na campanha eleitoral de 1959, juntamente com seu vice o senhor Milton Lúcio da Silva, ambos comerciantes de fio, e pertencentes à União Democrática Nacional UDN, eleitos em 03 de agosto de 1959, assumindo os respectivos cargos em 30 de novembro de 1959. (SILVA, 2010)

O segundo prefeito de São Bento foi o senhor Milton Lúcio da Silva, que venceu a campanha eleitoral do ano de 1963, como candidato único, também pela União Democrática Nacional UDN, e teve como seu vice, nada mais nada menos que o senhor Manoel Lúcio da Silva, o empresário “visionário”, dono da maior manufatura de redes de dormir dentro da cidade. Os dois, que eram irmãos, tomaram posse em 30 de novembro de 1963 e permaneceram no cargo até dezembro de 1968, quando novamente o senhor João Silveira assume a gestão da cidade em janeiro de 1969 tendo agora como vice o senhor Francisco Pereira de Oliveira do partido da Aliança Renovadora Nacional ARENA. (SILVA, 2010)

Porque jugamos interessante fazer um breve percurso pela história do poder político são-bentense? Simples, a história do desenvolvimento da infraestrutura urbana de São Bento e do melhoramento da produção de redes estão altamente ligadas às campanhas eleitorais para prefeito da cidade. As promessas de melhoria urbana eram sempre pano de fundo para as campanhas, e as trocas de favores, como ceder quantias elevadas de fios, para pequenos produtores pagarem como pudessem, assim como também ceder teares para dar início ao processo de produção, eram marcas essenciais das barganhas políticas forjadas desde fins da

³⁷ Filho do segundo Prefeito da cidade, Milton Lúcio.

³⁸ Filho do quinto Prefeito da cidade, Pedro Eulámpio da Silva.

década de 1960 até o período final aqui estudado que consiste na década 1990, no interior da cúpula política da cidade com a massa são-bentense.

Poderemos ver que, os melhoramentos impostos no aparelhamento urbano de São Bento foram desenvolvidos para sanar os problemas encontrados pela produção das redes, e claro, tendo em vista que na década de 1970, praticamente toda população desta cidade, já trabalhava em algum dos processos da fabricação e comercialização das redes de dormir, era mais que propício para elite política são-bentense utilizar desses fatores para angariar votos em troca de promessas para o melhoramento da infraestrutura da cidade, e melhores recursos para a produção dos pequenos fabricantes.

O primeiro fator de infraestrutura a ser debatido pela classe política juntamente com a população foi a questão da falta de energia elétrica. Em 1963 o senhor Manoel Lúcio já era vice-prefeito de São Bento e, como vimos em narração explícita pelo senhor Cícero Emídio, ele já dividia seus planos de mecanização da produção com seus amigos que compunham a elite tradicional são-bentense. Porém, como pudemos ver na fala do senhor Cícero Emídio que representou um diálogo entre Manoel Lúcio e Toim Tumba, São Bento em 1963 nem possuía energia elétrica.

Até 1951 com a ausência de energia elétrica, as residências e as casas comerciais eram iluminadas através do uso de lamparina, candeeiro e lampião que podia ser a gás, querosene ou azeite de mamona, “ou ainda com tochas fumantes de sebo, que tinham um pavio de algodão embebido com cera de abelha ou de carnaúba.” (SILVA, 2010, p.83)

Com relação a iluminação pública era à base de carboreto, que funcionava a partir de um vasilhame de flandres na forma de funil abastecido com água de carboreto a fim de produzir a chama. Essa iluminação era também usada nas noites de festas como a do Natal. As lamparinas eram colocadas nas frentes das residências, em um cabide de madeira ou um suporte alto. Esses candeeiros e lampiões produziam uma claridade de meia luz, mas serviam para clarear as noites escuras.

Somente a partir de 1951 foi que o prefeito de Brejo do Cruz Joaquim Ribeiro de Souza, adquiriu com recursos da Prefeitura daquele mesmo município, um gerador de energia, ou motor, como era mais chamado pelos populares. Este gerador passou a fornecer energia elétrica durante a noite para a população. Em 1961 foi trocado por um segundo gerador, este mais potente e que funcionava todas as noites, das 18:00 horas às 22:00. (SILVA, 2010)

É recorrente os são-bentenses lembrarem da figura de seu Tinim, eletricista experiente, natural de Jardim de Piranhas, que por sua experiência em eletricidade passou, juntamente com a sua família, a estabelecer residência em São Bento para trabalhar no gerador de energia elétrica.

O nome do senhor que trabalhava nesse motor era... num sei o nome dele, só sei que o apelido era Tinim. (...) Quando era sete hora (correção da narradora) seis horas ele ascendia a luz, aí dava a luz de São Bento num sabe? As lâmpadas. Quando era 10 horas, 10 horas da noite aí ele dava um circuito num sabe? Aí a gente já sabia que ele ia desligar, aí a gente já tinha preparado as lamparina, puxava o pavio, botava o gás, tudo ali num canto só, na hora que faltava a energia ascendia a lamparina. (tosses) Menina, olhe, eu me lembro de tudo isso, acredita? (Terezinha Cruz de Araújo)³⁹

Como popularmente lembram os moradores de São Bento, imbuídos por um sentimento de gratidão “Manoel Lúcio só sossegou quando trouxe a energia elétrica pra São Bento.”⁴⁰ Estes são-bentenses, muitas vezes carregados pelo sentimento da inocência, custava perceberem que determinado fato, só foi efetivado, devido aos altos acordos com o então Governador do Estado da Paraíba o senhor João Agripino, que angariou os recursos necessários para que no dia 20 de janeiro de 1968, fosse inaugurada a energia elétrica na cidade para funcionar diariamente e por 24 horas. (SILVA, 2010)

A data era simbólica pois era o dia dos festejos alusivos ao padroeiro da cidade o santo São Sebastião. Cerca de dois meses antes da inauguração da rede elétrica na cidade, era possível ver os postes de cimento espalhados pelo chão da cidade como podemos ver no caso da Rua Velha, entre os meses de outubro a novembro de 1967. (**Figura 10**)

Mesmo a energia elétrica só tendo começado a ser uma realidade efetiva a partir de janeiro de 1968, é importante notarmos que em 1966 Manoel Lúcio já possuía cerca de dois teares mecânicos em sua tecelagem, que funcionavam todas as noites das 18:00 às 22:00 horas. A utilização desses teares enfrentava diversos problemas em decorrência da baixa força de distribuição da energia, o que fazia o tear dar diversos disparos durante a noite, devido às inúmeras quedas de energia. Manoel Lúcio com certeza utilizou desse período como uma fase de teste para a produção mecanizada.

O acordo entre o prefeito Milton Lúcio e seu Vice Manoel Lúcio funcionou como uma via de várias mãos, onde o mesmo utilizava do recurso cedido pelo então governador para produzir mais e mecanizado, lucrar com a sua produção, ceder fios a crédito para

³⁹ ARAÚJO, Terezinha Cruz de. **Entrevista I**. (jan. 2018). São Bento/PB, 2018, p. 31.

⁴⁰ SILVA, Cícero Clementino da. **Entrevista I**. (set. 2015). São Bento/PB, 2015, p. 61.

pequenos produtores em troca de votos para o cacique paraibano João Agripino, assim como também para os candidatos a prefeito e vereadores que o empresário viesse a apoiar.



Figura 10 – Postes no chão da Rua Velha para a implantação da distribuição elétrica
Fonte – Noelma Ramalho. (acervo pessoal)

Podemos agora partir para o segundo ponto positivo que contribuiu em grande medida, para que Manoel Lúcio assim como outros produtores não estancassem a produção, este ponto é o da chamada ‘vista grossa fiscal’. Em 1969, agora na segunda gestão do Prefeito Municipal João Silveira Guimarães, é importante perceber que já existia nesse período, na cidade em questão mais de 50% do número de unidades produtivas legalizadas vigentes até o ano de 1983, isto é, com registro na Junta Comercial do Estado e inscrição no Cadastro de Contribuintes.

Os outros 50% dos produtores trabalhavam de forma 100% clandestina, e os que minimamente trabalhavam legalizados, não pagavam os devidos direitos trabalhistas aos seus funcionários, e também operavam de forma a sonegar os totais que de fato eram produzidos em suas fábricas, isso tudo com o auxílio da gestão municipal e do Governo do Estado.

A legalização foi obtida pelo prefeito (que havia sido o maior negociante de fio local e ainda possuía interesses na cidade), junto ao Governo Estadual, em excelentes condições: sem o pagamento de nenhuma multa e na categoria de “estimado”, isto é, tendo que pagar uma quantia fixa de imposto, independente do volume real dos negócios. O Governador era o Sr. João Agripino, político da região e com influência em São Bento. Este fato, junto com a relativa inoperância, falta de meios e, sobretudo, interesse do pessoal local do fisco estadual, foi bastante benéfico para a atividade, de modo geral. Nas pequenas cidades o cargo de coletor de tributos estaduais possui grande importância e tem conotações claramente políticas, em outras palavras, o tipo de atuação do coletor dependerá

do esquema político que estiver com o poder. Um tipo de atuação “inconveniente” determinará a remoção ou outro tipo de punição, que pode ir até a coação física. (ROCHA, 1983, p. 52-53)

Segundo os relatos orais de memória, em São Bento sempre houve uma coexistência pacífica entre as vigilâncias e controles fiscais com relação aos produtores e a Coletoria Estadual. O que quer dizer que, sempre se sabia com precisão e certa antecedência quando iria aparecer os chamados comandos, que nada mais eram do que as patrulhas volantes do fisco estadual, que podiam causar alguns problemas devido ao desconhecimento dos esquemas locais.

Esse fator da chamada ‘benevolência fiscal’ (ROCHA, 1983) por parte do Estado aos produtores de redes locais, contribuiu para o crescimento da manufatura de redes em São Bento. Em primeiro lugar, a própria localização do município, distante 400km da capital do Estado e em zona fronteiriça com o Rio Grande do Norte, facilitava certos mecanismos como o contrabando de matéria prima e de redes.

Com relação a matéria prima, foi comum, por exemplo, um negociante local abrir uma firma na cidade vizinha de Serra Negra, situada no Estado do Rio Grande do Norte, em nome de um terceiro, pago para este fim, e comprar grandes quantidades de fio sem nunca pagar impostos, até ser decretado a falência da firma pelo fisco deste Estado da Federação. O fio era todo revendido em São Bento, após o fechamento de uma firma assim criada, outra era aberta já em nome diferente, e assim sucessivamente.

Sem nenhum interesse existente na época para contrariar tais ações que envolviam os produtores e os órgãos de fiscalização, essa situação perdurou de forma corriqueira até fins da década de 1990, uma vez que, não havia como há atualmente, uma concorrência elevada por mercado. No período de 1969 até 1990 os produtores têxteis dessa cidade apresentavam-se em franca expansão, beneficiando a todos.

A despeito da antiguidade da tecelagem de redes em São Bento, o mais interessante ao analisarmos o desenvolvimento desta prática é que, a atividade não havia experimentado grandes modificações desde a introdução de um tear mais moderno, o batelão, assim como também a utilização do fio industrializado, na década de 1940.

Até 1958 com a implantação da primeira manufatura de redes de dormir pelo senhor Manoel Lúcio, o trabalho assalariado ainda era pouco comum na cidade pois, a produção provinha basicamente das unidades familiares, e sua maior concentração ainda se resumia na população da zona rural.

A partir de 1958 o trabalho assalariado começou a se tornar frequente devido ao crescimento da manufatura de redes. O processo de produção, até mesmo com o início da utilização de teares mecanizados a partir de 1966, se intensificando em 1968 com a implantação da energia elétrica, não cominou em um processo de estagnação do trabalho artesanal, pelo contrário, a fabricação se manteve até a década de 1990 com cerca de apenas 40% da sua produção industrializada e os outros 60% artesanal.

Isso porque a industrialização só havia chegado até a aquisição dos fios para produção, e o processo de tessitura do pano. Todo o restante da produção das redes que ainda consistia em grande medida no processo de preparação do fio para a tessitura, que era o *tingimento e alvejamento* do fio, que ainda ficaram sendo realizados de forma artesanal, utilizando de produtos químicos como tinturas diversas e anilinas para o *alvejamento*, mas realizando o processo pelas prática dos homens que desempenhavam essa função utilizando apenas de tachos movidos a lenha e tanques de cimento.

A urdidura do fio também continuou de forma artesanal até fins da década de 1990, acompanhando também todo o processo de acabamento das redes, que continuaram a ser realizados de forma artesanal, tendo apenas na década de 1990 começado a implementar máquinas para a confecção de varandas, como também algumas máquinas para a realização do processo de urdidura do fio, os demais serviços de acabamento seguiram em seus processos artesanais, principalmente os que competem ao *empunhamento* e colocação do *caré*.

Diante desse novo quadro estabelecido a partir de 1968, o empreendimento da fabricação de redes de dormir na cidade aqui discutida representou uma verdadeira revolução. Aos poucos o perfil do trabalhador são-bentense começava a assumir as características de trabalhador assalariado. Só a fábrica do senhor Manoel Lúcio passou a comportar uma produção em grande escala com cerca de vinte teares mecânicos, algo realmente grande em relação ao tipo de produção mecanizada até então vigente, precisando cada vez mais de funcionários, e aumentando também o trabalho terceirizado de acabamento distribuído por toda extensão urbana como também a zona rural do município.

A partir de 1970, novos pequenos produtores começavam a colocar teares elétricos em suas fabriquetas de fundo de quintal. Nesta etapa a tessitura começa expandir da esfera familiar e começa a contratação de homens para a tessitura e preparação do fio dentro dessas unidades domésticas.

A partir daí houve um crescente êxodo, a população rural são-bentense começa a intensificar o traslado de suas famílias para o interior do ambiente urbano na busca de melhores opções para a produção. Morar na cidade a partir de meados da década de 1970 representava para o são-bentense a otimização do tempo, uma vez que cortaria do seu cotidiano os vários deslocamentos dos sítios para a cidade para realizar compras de matéria prima, comercialização dos produtos acabados, sem falar nas suas responsabilidades pessoais.

A partir de então, entrar no mundo das negociações da produção e comercialização das redes se tornou um empreendimento altamente lucrativo, usando da máxima popular “naquela época cair na rede era negócio seguro.”

(...) Aí foi aquele começou, começando, começando, começando aí fomos entrando na cidade porque ficava mais fácil para vender. O freguês vinha por aqui, num ia lá no sítio olhar a rede no meio de semana, perdia tempo indo até lá, ficava só por aqui visitando e lá vai, o cabra: “rapaz vou para rua!”. Vou para rua, e lá vinha para rua, na rua foi botando tear, e foi botando mais tear. Aí começou, e o povo entrando, e o povo entrou em São Bento, e a zona Rural foi ficando, foi ficando, foi ficando pra trás, e o povo entrando em São Bento, e ganhando dinheiro, e “vamos pra lá que fulano tá rico, fulano tá rico”, comprava logo um carro fiado e lá vai: “e fulano tá rico, fulano tá rico”, comprava logo tudo fiado, fazia uma casa: “fulano tá rico, e vamos pra lá também”, e lá vem o povo, e lá vem o povo, com dinheirinho no bolso já, alguns, e os que ainda não tinha fizeram dinheiro, comprava tudo fiado pra começar, mas pagava e assim foi.
(Francisco Vieira da Nóbrega)⁴¹

Os teares mecânicos adquiridos por Manoel Lúcio, inicialmente em 1966, eram advindos da região Sudeste, principalmente de São Paulo, eram teares novos, porém, já obsoletos naquela região, trazidos por Manoel Lúcio, apropriados para tecer pano comum, mas adaptado para a tecelagem de panos de rede, pelos especialistas em mecânica trazidos por Manoel Lúcio também da cidade de São Paulo.

(...) Você sabe que no início papai passou muito tempo pra cá, até os anos 70 eu acho, 70 e pouco, só... só tinha a fábrica de papai, né? Naquele tempo. Quando começou avançar em 75, mais ou menos, ou depois, começaram outras fábricas, início dos anos 70, por aí. Aí começou a aumentar, aí daí foi até o seu tempo, né? 1990 até hoje. Mas que antes não tinha muito porque só tinha mesmo de grande a tecelagem de Papai. Papai começou a industrializar de 1966 pra 1968, por aí. Eu me lembro que ele comprou um *tingimento* de fio, o fio dele a maioria era tingido nessas máquinas, que hoje a gente chama da Pancor, porque depois ele vendeu pra Pancor, mas hoje eles não tem mais não, é tudo mais moderno, e também os fios hoje já vêm tudo tingido né. Ele trouxe muitas máquinas pra cá, pra tecer né! Papai trouxe a mecanização do tear pra São Bento. E todo o maquinário pra modernizar a produção foi ele quem trouxe. Ele ia pra São Paulo, de lá ele trazia muitas

⁴¹ NÓBREGA, Francisco Vieira da. **Entrevista**. (ago. 2015). São Bento/PB, 2015, p. 46.

máquinas, algumas não deram pra trabalhar com rede, mas como ele viajava muito pra São Paulo ele já trazia outras, ele já trazia os mecânicos especializados de lá, pra poder fazer as adaptações nos teares né! Ele já vinha com esses homens, porque ele sempre trazia muitas coisas, trouxe muitas máquinas pra ver se dava certo de trabalhar com rede, mas não deram, mas as que deram, ele pegava e colocava lá na fábrica. Depois, nos anos 70 e 80 ele já com muito conhecimento lá por São Paulo, ele começou a chamar os representantes de montadoras de teares elétricos pra cá, pra vir apresentar os teares pra os outros fabricantes que já tinha muito na cidade, e foi assim que foi expandindo.
(Gilberto Lúcio da Silva)⁴²

Como pudemos observar até aqui, fica evidente que todas estas inovações não vieram de uma só vez. E um fator a ser também relatado é que, ao que compete as inovações técnicas referentes a mecanização da produção, boa parte foi copiada das indústrias de redes de Fortaleza, num trabalho que envolveu desde algo que se pode classificar de espionagem industrial, com a compra de técnicas de fabricação de concorrentes.

Até lances de audácia ainda maiores como ocorreu com a aquisição de teares mecânicos em meados da década de 1960 trazidos de São Paulo. Para se ter noção do impulso significativo que a cidade de São Bento deu, a indústria de redes de Fortaleza, muito mais antiga e tradicional, só iria iniciar a mecanização da tecelagem em 1979, mais de dez anos depois. (ROCHA, 1983)

O tipo de rede fabricado passou a igualar-se às melhores redes populares produzidas no Ceará e, segundo depoimentos de alguns produtores da época, muita rede vendida como do Ceará, era fabricada mesmo em São Bento. Por outro lado, o conhecimento das técnicas mais adiantadas de produção, passou a ser compartilhado por um número maior de pessoas.

Em 1979, pelo menos seis dos proprietários de fábricas que se situavam entre os maiores, foram mestres ou equivalentes da fábrica do senhor Manoel Lúcio, eles iriam repetir as técnicas aprendidas lá, num processo que resultou na criação de um sólido núcleo de fábricas e de nova expansão da atividade a nível artesanal, dentro de outra configuração. (ROCHA, 1983)

Além disso, iniciou-se a venda regular para outros Estados através de veículos próprios, inaugurando um sistema de comercialização. Através dos relatos orais de memória, podemos perceber que em 1958, Manoel Lúcio começou a se aventurar em um trabalho de adaptar carros de redes para mandar vendedores para as cidades dos estados vizinhos, para

⁴² SILVA, Gilberto Lúcio da. **Entrevista**. (jan. 2018). São Bento/PB, 2018, p. 19-20.

fazerem a comercialização de redes produzidas em sua manufatura, era o início das chamadas “praças de venda de redes.”

O que aconteceu em São Bento, que andou muito, é que os homens foram vendo que só vendendo rede em São Bento, não ia dar pra jogar a mercadoria fora. (...) Agora o primeiro carro que foi encapotado aqui em São Bento, o primeiro carro que saiu ambulante com mercadoria daqui foi de dentro da fábrica de Manoel Lúcio, uma fordinha verde com o teto branco. Nós botemo a capota dela que foi feita lá. (...) Tinha rede que ele vendia até por três preço lá fora, três valor daqui não é! Aí foi aonde tanto fazia quanto vendia, aí foi passando carro, foi copiando, copiando, aí começaram a comprar carro (...) [interrupção por terceiros] e eu fazendo capote e eles jogando em cima de carro não é! Aí daí foi aonde correu mais ligeiro, porque quanto mais mercadoria fizesse ia poder passar pro freguês não é! E ficava fabricando.
(Cícero Clementino da Silva)⁴³

O que ocorreu de extraordinário em São Bento para ela ter se sobressaído na produção foi o fato de os produtores locais terem literalmente, ido atrás dos seus consumidores. Com efeito, ocorre um intenso crescimento migratório na sub-região do meio-Norte a partir de fins da década de 1950 com as frentes pioneiras de expansão.

Logo depois, pequenos comerciantes também começaram a se aventurar no mundo da comercialização além fronteira, como podemos analisar através dos depoimentos orais, os fabricantes começaram a procurar meios para comprar veículos para então fazer suas praças de vendas. Gilvânia Lúcio nos relatou em entrevista que sua mãe, em meados da década de 1970, logo após se firmar na cidade como uma grande fabricante de redes, começou juntamente com seu esposo a elaborar um sistema de venda de carros juntamente com grandes concessionárias da região, como podemos ver a seguir:

Minha mãe produzia a rede e meu pai saía pra vender, botava num caminhão, no caso, ele não começou com um caminhão, ele começou com uma caminhoneta, que a gente chamava caminhonete. Então ele começou numa caminhonete e vendendo no Maranhão, porque na época quando se começou vender rede começou vender rede fora, começou pelo Maranhão. (...) Começou numa caminhonete, depois ele conseguiu comprar um caminhão e depois ele conseguiu adquirir o crédito na Santorres em Caicó, que ainda é da mesma família a Santorres de Caicó, aí ele comprava. Todas as pessoas que trabalharem no mercado de rede de dormir vendendo pra fora, vendendo rede pra fora de São Bento, os primeiros carros grandes, de cada pessoa que fez a história da rede em São Bento, com exceção de tio Manel, que comprava também direto na Santorres, com exceção dele, todos os outros comerciantes de redes e exportadores do produto conseguiram carros porque pai comprava o caminhão na Santorres e vendia pra essa pessoa aqui. (Gilvânia Lúcio da Silva)⁴⁴

⁴³ SILVA, Cícero Clementino da. **Entrevista II**. (set. 2015). São Bento/PB, 2015, p. 68.

⁴⁴ SILVA, Gilvânia Lúcio da. **Entrevista**. (jan. 2018). São Bento/PB, 2018, 93.

Na tecelagem dos pais de Gilvânia, que funcionava em um prédio amplo, vizinho à residência da família, era sempre muito frequente avistar Seu Jaci Lúcio chegar com novos carros, adquiridos através do crédito que ele possuía com a Santorres. (**Figura 11**)

Esses carros eram comprados para revender aos são-bentenses mais audaciosos que compravam a mercadoria através da tecelagem de Seu Jaci e Dona Geni e que, por meio do arrecadado da comercialização da mercadoria entre os estados do Nordeste e do Norte brasileiro, pagavam as prestações do carro, o valor da mercadoria, pagavam os vendedores que o acompanhavam na empreitada, e ainda tiravam seu lucro.



Figura 11 – Caminhão adquirido por Jaci Lúcio através de crédito fornecido pela Santorres Caicó/RN
Fonte – Gilvânia Lúcio da Silva (acervo pessoal)

Com o aumento do fluxo citadino, pessoas a todo instante procuravam a cidade para estabelecerem suas residências, para assim, facilitar nas suas lidas com a fabricação. A cidade começou a cada vez mais, precisar de incentivos públicos para o melhoramento da infraestrutura urbana. São Bento começou a receber muitos visitantes de cidades vizinhas que começaram a procurar matéria-prima como também produtos acabados para realizarem a comercialização em suas cidades de origem.

Com isso, outro problema de infraestrutura começava a despontar com muita pressa, que era a questão de a cidade não contar com uma ponte que ultrapassasse o braço do rio Piranhas, afluente que corta o aparato urbano bem no espaço da entrada norte principal da cidade. Era grande a dificuldade que existia naquela época para se deslocar de um município para outro, assim como também era muito dificultoso o acesso para algumas localidades da zona rural. Outra grande dificuldade era a elevação das águas do rio Piranhas no inverno.

Para atravessá-lo era necessário utilizar canoas, não havia nenhuma estrutura para passagens de automóveis, estes ficavam do outro lado da margem antes do rio encher.

Em 1954 chegou um pontilhão na cidade, ou como é mais conhecido pelos populares ‘um pontão’, que nada mais era do que uma plataforma flutuante para transportar automóveis pequenos e grandes. Só havia um único pontilhão no povoado e pertencia ao Sr. Alexandre André da Silva. (SILVA, 2010)

Nas entrevistas realizadas com são-bentenses que alcançaram essa época, eles nos relataram que o trabalho de transportar esses automóveis de um lado para outro da margem, era feito com muita dedicação e com muita responsabilidade. Havia plantões que se alternavam durante as 24 horas do dia para tentar atender a todos que chegassem às margens do rio para realizar a travessia.

Como é de se esperar, não custou para a classe política verificar tal necessidade dentro da cidade, para começarem um debate nos palanques durante as campanhas eleitorais com as famigeradas promessas da construção da ponte. Na cidade há quem diga que, certa vez João Agripino quando ainda era deputado, chegou em São Bento numa hora avançada da noite e foi prontamente atendido pelo senhor Alexandre para realizar a travessia do rio com o pontilhão. O deputado teria ficado tão agradecido que, em todos os comícios, não só lembrava do fato, como prometia que um dia, sobre o rio Piranhas, a ponte seria construída.

Em 1965 nos palanques políticos de São Bento, quando o Prefeito Milton Lúcio e Vice Manoel Lúcio eram apoiadores fiéis a João Agripino ele levou a sério a promessa da construção da ponte bradando em alto e bom som que seria o responsável pelo progresso da cidade, e que além da ponte, traria também a energia elétrica. Até hoje, todos os são-bentenses relatam passagens de comícios calorosos, nos quais os gritos de aclamação ao futuro governador, chamado pelas iniciais JA podiam ser ouvidos por grandes distâncias como um grande coral, quase adoradores daquela figura “J A já já; J A já já; J A já já”.

Essa situação era favorável ao poder político local vigente na cidade, visto pela população como os principais responsáveis pelo olhar do governador para a cidade que, em 1968 sob a responsabilidade de Milton e Manoel Lúcio que junto ao então governador, trouxeram luz elétrica para a cidade. A construção da ponte começou em 1969 já no mandato de João Silveira Guimarães.

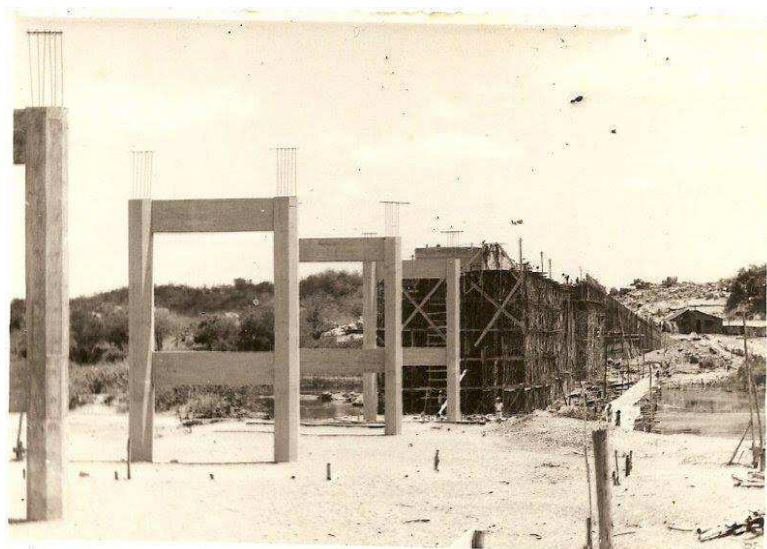


Figura 12 – Construção da Ponte João Agripino sobre o Rio Piranhas
Fonte – Noelma Ramalho (acervo pessoal).

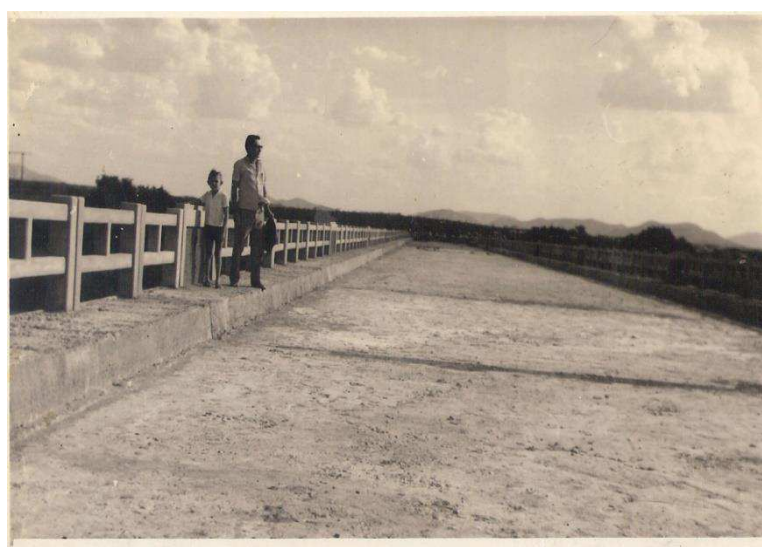


Figura 13 – Ponte João Agripino em fase de conclusão
Fonte – Noelma Ramalho (acervo pessoal)

A ponte foi concluída em 1971, tendo sido inaugurada no dia 09 de março daquele mesmo ano, moradores da cidade relatam que após a inauguração da ponte a cidade passou por uma semana de grande festa.

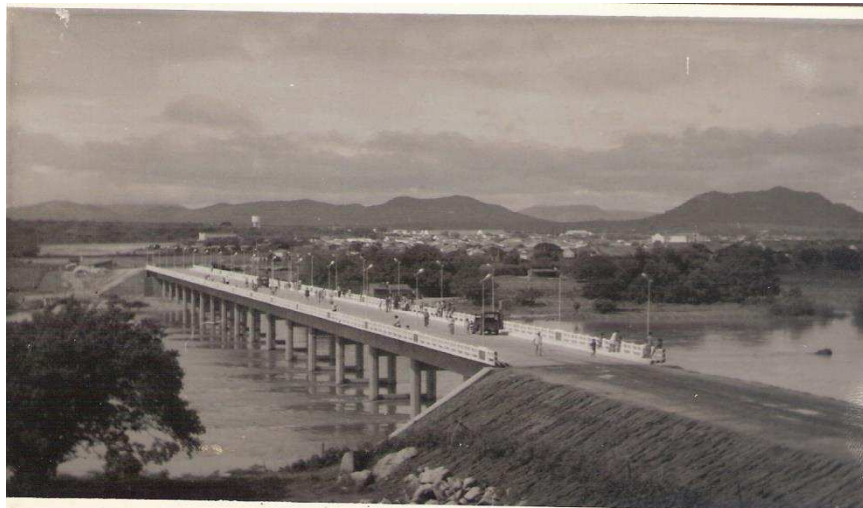


Figura 14 – Ponte João Agripino Concluída e inaugurada
Fonte – Noelma Ramalho (acervo pessoal)

Depois de ter sanado os principais problemas de infraestrutura do aparelhamento urbano, e depois de ter organizado todo método de produção e comercialização das redes de dormir, os produtores e comerciantes da cidade estava prestes a expandir os negócios. Para atingir os melhores mercados, São Bento encontrava-se numa excelente posição estratégica, podendo contar com o acesso pela rede rodoviária pela região Nordeste e também pela região Norte do país.

As modificações ocorridas no setor interno da atividade e da própria cidade, proporcionaram também maior poder de competitividade em relação a outras áreas. Embora o aprendizado das técnicas ligadas à tecelagem e acabamento da rede seja inteiramente informal, quando a produção começou a se expandir, tornou-se necessário buscar mão de obra para acabamento, além da mão de obra já existente na zona rural que, a cada dia estava sendo abandonada e aumentando a entrada de moradores na zona urbana. Os municípios vizinhos também começaram a receber produtos inacabados para a realização do processo de acabamento das redes.

Com o crescimento urbano acelerado na cidade, principalmente a partir da década de 1970, a feira livre também tomou novos rumos, o mercado público que havia sido construído em 1956, onde hoje se localiza o centro da cidade, foi construído em uma localidade onde

na época era ainda pouco movimentada, a região do novo mercado público só começou a ter mais visibilidade depois da abertura da manufatura de Manoel Lúcio em 1958.

Antes disso, muitos comerciantes, a maioria deles, ainda realizavam a feira livre nas segundas feiras na antiga Rua Velha. Somente em meados da década de 1960 é que a feira começava a se efetivar no mercado público e nas suas mediações. Somente a partir do final dos anos 1960 e início da década de 1970 (não se sabe exatamente o ano), que se deu início a comercialização das redes de dormir na feira livre, a chamada ‘feira da pedra’, que com pouco tempo, conseguiu tomar todo centro da cidade atingindo bairros como o Herculanos e Beira Rio.

Na feira da pedra os comerciantes da cidade, da zona rural e de cidades vizinhas se juntavam para agora fazer a comercialização das redes de dormir, posteriormente, realizar a comercialização de todos os artigos que a indústria têxtil são-bentense começou a produzir. A Feira da Pedra se tornou a maior feira livre da região por todo restante do século XX. Atualmente a feira foi retirada do centro da cidade e colocada em um espaço próprio de comercialização de artigos têxteis, denominado de Shopping das Redes.

Com o crescimento da produção, era necessário ensinar as pessoas que iniciavam na prática da fabricação das redes, através dos relatos orais de memória verificamos que, as tarefas eram rapidamente aprendidas devido a uma habilidade inata das pessoas da região. As mulheres, por exemplo, rapidamente aprendiam as operações referentes à fase do acabamento das redes. Na verdade, parece-nos, isso se deveria à antiga tradição do artesanato de redes na área, ao seu relativo isolamento, que contribuiu para a preservação desse conhecimento, e por fim, ao adensamento populacional nas margens de um rio que corta a área, permitindo a existência de uma mão de obra mobilizável e abundante.

Em resumo, a expansão e concentração da atividade na área parece ter resultado sobretudo no novo caráter impresso após a criação desse novo empreendimento, de certo modo, mais capitalista, que criou também algumas economias externas para o estabelecimento posterior de novas unidades. Entre tais economias externas pode-se citar a instalação de uma infraestrutura formada pela concentração do comércio de fio; de fabricação de teares manuais e acessórios; da mão de obra treinada e, finalmente, de comércio para as redes, que em tudo facilitavam a concentração espacial da atividade.

Além disso, a atividade, por conta desta expansão, pode aproveitar alguns estímulos externos que cabe referir agora; após a instalação da primeira manufatura houve um intervalo de alguns anos para que surgisse novas iniciativas – é interessante observar que os

comerciantes de fio que antes detinham o controle da atividade não aplicaram seu capital na nova forma de produção. Eles permaneceram no ramo, mas nos velhos moldes, e foram se retirando paulatinamente quando já haviam perdido a hegemonia; passaram a diversificar a aplicação do seu capital, buscando outras áreas de atividades e locais. Em outras palavras, houve como que uma exportação de capital para o comércio de automóveis, pecuária, construções e etc.

Voltando a examinar a evolução da atividade, constatou-se que ocorreu um verdadeiro surto de novas unidades produtivas, a partir de 1969. Recorde-se, em primeiro lugar, que há uma coincidência entre a expansão da atividade a nível local e a recuperação geral da economia, após a crise de 1967 e 1968. (FAUSTO, 2012)

Tal recuperação influiu no setor local através da melhoria e expansão do crédito, sobretudo o crédito fornecido pelas fiações aos produtores. O crédito bancário também se tornou mais acessível. Além disso, um melhor tratamento fiscal para os produtores obtido através de barganha política das lideranças locais como o Sr. João Agripino – cacique político paraibano e, à época, Governador do Estado – contribuíram também para o crescimento da atividade.

Um terceiro fator também importante foi o representado pelo enorme crescimento da rede de estradas pavimentadas, ocorrido nesse período. Só no Nordeste teria ocorrido um crescimento de 37.3% entre 1965 e 1974. (FAUSTO, 2012)

Para os produtores de rede essa expansão foi significativa, sobretudo no que diz respeito à melhoria das ligações com o Meio-Norte (Maranhão e Pará) e a região Norte (é importante ressaltar que a Transamazônica foi iniciada em 1970). Por outro lado, isso significou um melhor acesso a Belém-PA. Também maior acessibilidade à região Centro Oeste, por meio da rede de estradas que levam até a região de Brasília (aberta desde 1960), que seria importante para o crescimento da produção local.

Os estados do Piauí, Maranhão e Pará, desde a década de 1950 representavam um mercado para as redes de São Bento, contudo, devido às dificuldades de transporte, esse comércio realizava-se em pequena escala, de maneira não muito regular, e por meio de um pequeno número de aventureiros.

Como já vimos anteriormente, os primeiros a aproveitar-se dessas novas oportunidades foram os produtores maiores, que possuíam mais capital, mas ao mesmo tempo, sobrevieram melhores perspectivas para os pequenos produtores já estabelecidos,

assim para o estabelecimento de novos produtores, devido à abertura de espaço no mercado mais próximo, que passou a ser menos interessante para as unidades produtivas maiores.

Atualmente, quase 60% da produção local é exportada para outros Estados, com as vendas sendo realizadas na maior parte através de um sistema de comercialização próprio. A manufatura das redes transformou-se na atividade mais importante do município, superando a agricultura e pecuária tradicionais.

CAPÍTULO III – DA RUA AO LAR: UM PERCURSO ACERCA DO CURIOSO MODO DE TRABALHO FAMILIAR NA FABRICAÇÃO DAS REDES DE DORMIR

O aumento do trabalho com a produção das redes de dormir na cidade de São Bento começou a pulsar mais forte em 1958, com a abertura da primeira manufatura na cidade, e começou dar passos mais largos a partir da década de 1966 com a mecanização da fabricação das redes, iniciada na tecelagem do senhor Manoel Lúcio.

Até meados da década de 1990, essa produção foi responsável por moldar as relações familiares entre os são-bentenses, uma vez que, todo o processo de produção ainda era executado de forma expressiva dentro dos ambientes domésticos, ou seja, no aconchego do lar.

Tentaremos aqui, além de mostrar as diversas relações existentes entre cada membro de uma família são-bentense e seus respectivos envolvimento nas fases de produção das redes, mostrar também como essa relação trabalho-lar se transmite também para uma experiência de uso dos espaços citadinos para o aperfeiçoamento da produção das redes.

A marca dessa produção se encontra espalhada por toda extensão da cidade, seja nos espaços dedicados a ela, seja nas festividades que fazem alusão à rede, seja nas inúmeras etapas do processo de fabricação, ou até mesmo nos espaços urbanos como as calçadas, que são utilizadas pelos artesãos, tanto como lugares de produção, quanto como lugares de transmissão da prática de produzir redes de dormir.

3.1 São Bento em cores e sons: as experiências sensoriais do caminhante da cidade

Muitos são os discursos que se apropriaram da rede como símbolo da cultura deste lugar, e é através desses discursos que, conseguimos identificar a possibilidade de uma leitura do tempo, do espaço e das pessoas dessa cidade mediante os significados expressos no trabalho com a produção de redes.

Até meados da década de 1990, o caminhante da cidade de São Bento conseguia verificar, de forma bastante perceptível, todos os trâmites e práticas estabelecidos pelos próprios são-bentenses, dentro do ambiente citadino, de modo que, todas as características do cotidiano dessas pessoas, imbuído no mundo do trabalho com a fabricação das redes de

dormir eram facilmente observado e diagnosticado, fazendo apenas uma caminhada pela cidade. E explicaremos por que.

Partindo das leituras que elucidam o trabalho com a fabricação das redes nesta cidade, assim como também dos relatos orais de memória de seus moradores e de experiências particulares através da vivência na cidade, podemos compartilhar, de modo simplificado, de uma leitura aprazível, simbólica e mergulhada em significados do enredo desta trama envolta dentro do aparelhamento urbano de São Bento.

Caminhar por São Bento até a década de 1990, era ter diante dos nossos olhos um cenário avassalador, o qual nos transmitia o aspecto de uma cidade que, literalmente, vivia para o trabalho. Para Matos (2002), o tempo da nossa história está em constante movimento de aceleração, esse tempo está marcado por mudanças, transformações e destruições, que se contrastam com o tempo da permanência, da continuação e da memória.

Os “trajetos da memória” (SOUZA, 2011, p. 7) são fundamentais para lançarmos nossa visão nesses dois tempos que, estão altamente imersos nas narrações expostas neste trabalho, principalmente neste capítulo. É nítido observar como cada um deles, ligam ou ligaram acontecimentos pessoais ao mundo do trabalho, assim como, às transformações urbanas decorrentes do desenvolvimento da prática de fabricação das redes de dormir, assim como podemos verificar no relato a seguir:

Eu desde que me entendo de gente, eu tenho exatamente cinquenta e seis anos, eu nasci dentro de uma fábrica de rede, minha mãe iniciou, porque meu pai trabalhou como tecedor na fábrica de Manoel Lúcio da Silva e minha mãe quando ela estava grávida do primeiro filho, Jarques Lúcio da Silva, ela grávida, ela casou com o primo, eles eram primos meu pai com minha mãe, as mães dos dois eram irmãs. (Gilvânia Lúcio da Silva)⁴⁵

No relato da narradora ela se refere ao fato de já ter nascido num ambiente familiar voltado também para a fabricação das redes de dormir. Ela nos conta que devido as várias dificuldades, sua mãe se viu obrigada a iniciar a fabricação de redes em sua casa, para suprir as necessidades que uma vida conjugal exigia.

(...) A minha mãe casou já com vinte e sete anos de idade, meu pai dizia, como ela era, meu avô sempre dizia “ela era a princesa da família”, apesar de ter nascido de uma família pobre, mas meu tio Milton Lúcio, por ela ser a mais nova das mulheres, ele tinha uma amizade muito grande, um carinho muito grande por ela em especial e ele a protegia muito. (...) Aí resultado, minha mãe já estava grávida, esperando meu irmão mais velho, Jarques Lúcio da Silva e não tinha nada, meu

⁴⁵ SILVA, Gilvânia Lúcio da. **Entrevista**. (jan. 2018). São Bento/PB, 2018, p. 88.

pai vinha na segunda-feira pra feira, e ele toda vida gostou de beber, aí ele fazia uma feira assim, bastante açúcar, bastante feijão, não fazia diversificado com o dinheiro que tinha ele não sabia. Aí minha mãe saía trocando a feira e quando foi um belo dia, tio Milton chegou, que tio Milton já morava aqui na rua, também já casado, chegou e aí mãe disse: “Milton eu tô muito aperrriada, porque eu já tô grávida, com esse bucho desse tamanho e eu não tenho nada, eu não tenho um pano pra esse menino”, menino que se chamava, né? Aí tio Milton disse: “você tem coragem de tecer?”, aí ela disse: “tenho”, “pois eu vou lhe dar um tear”. Então meu tio deu esse tear a minha mãe, minha mãe morava numa casa que até hoje é a casa... a gente chama a casa de Antônio Tumba, em frente a atual igreja católica de São Bento, a Paróquia de São Sebastião, e ela botou esse tear no quintal... no muro, no quintal atrás e começou a tecer. Então, o que eu sei... eu sei que minha mãe cresceu dentro de uma fábrica de rede, que meu avô tinha uma fábrica de rede, e eu já nasci dentro de uma fábrica de rede. Ela mesmo confeccionando, porque ela começou a fábrica de rede, ela tecendo no muro da casa dela, hoje a gente chama de quintal, mas era muro, onde ela botava o tear. E a partir dessa data... minha mãe nunca mais pediu uma caixa de fósforo a meu pai.⁴⁶

O relato de Gilvânia nos apresenta o início da fabricação das redes na sua família, ela advinda de um núcleo familiar de seis irmãos, sobrinha de Manoel Lúcio, este irmão de sua mãe. Gilvânia nos relata que seu pai já trabalhava como tecedor para seu tio, mas que mesmo assim as condições não eram favoráveis devido ao estilo boêmio que ele apresentava, mas que pela força e dedicação de sua mãe e a boa vontade de seu tio Milton sua mãe começa a tecer, e logo depois colocou seu pai também para tomar conta dos negócios que começou a despontar.

Gilvânia é categórica em nos afirmar que sua mãe já nasceu dentro de uma fábrica de rede. Em relatos anteriores do senhor Gilberto Lúcio, pudemos analisar que seu pai Manoel Lúcio também cresceu em um ambiente doméstico no qual a tessitura já era presente. Estamos tratando de um único núcleo familiar uma vez que, Manoel e Geni Lúcio são irmãos, e compartilharam do cotidiano no qual seu pai Antônio Lúcio já produzia redes para seus usos, como também por encomenda dos vizinhos que necessitavam do artigo.

Essa realidade foi bastante corriqueira nesta cidade, e quando a introdução no mundo da fabricação das redes não se dava pela boa vontade de um familiar mais abastado que cedia um tear, como foi o caso de dona Geni, a introdução se dava por meio do trabalhador que se dedicava por anos na fábrica de terceiros, começar a tecer para si próprio com tear cedido pelo patrão, como podemos analisar no relato a seguir do senhor Boqueirão. O pagamento do tear se dava quando o empregado começava a lucrar com a comercialização do produto, o que acontecia bastante rápido entre as décadas de 1960 e 1990.

⁴⁶ SILVA, Gilvânia Lúcio da. **Entrevista**. (jan. 2018). São Bento/PB, 2018, p. 89.

Pronto, teve outro aqui, um menino que trabalhava comigo como diarista um menino muito bom. “Boqueirão, a minha irmã tem uma casa lá com um muro e ela disse que se eu quisesse botar um tear eu podia botar que ela nunca ia cobrar e tal”. “você conversou direitinho com ela?”, “conversei e tal” ele sabia fazer tudo, um bom menino, “então, eu vou lhe dar um tear”, “você me dá o tear Boqueirão?”, “dou”. Aí botou o tear lá, sentou e disse: “Boqueirão, ficou primeira, primeira, para está lá tal, sei o que, e coisa e tal, fulano me deu as telhas tal”. “Boqueirão e o fio?”, “mas como assim?”, eu disse. “Porque se você me arrumasse o fio de duas *barcadas eu tirava o pano e lhe fornecia”.

(Francisco Vieira da Nóbrega)⁴⁷

A partir da abertura da primeira manufatura de redes na cidade em 1958, e com a chegada dos teares mecânicos em 1966, conseqüentemente com a abertura do crédito pelo senhor Manoel Lúcio para a compra desses teares, a fabricação das redes dentro do ambiente urbano se intensificou, e começou a crescer ano após ano o número das fábricas de fundo de quintal dentro da cidade.

Durante a década de 1960 até fins da década de 1990, podia-se notar que partindo do centro comercial da cidade, que se misturava substancialmente com a parte residencial do município, era notório como as residências também eram utilizadas como espaços para a realização do trabalho com a fabricação. Saindo do centro da cidade e seguindo para os demais bairros e regiões periféricas, essa percepção era semelhante.

Trabalho e residências comungavam do mesmo ambiente, uma vez que, as chamadas ‘fábricas de fundo de quintal’ assumiam papel fundamental dentro daquela vivência cotidiana. Era comum observar nas residências um aspecto singular, no qual as frentes das casas ou possuíam um portão lateral, ou um corredor, os chamados ‘becos’ que davam para os fundos desses locais de moradia e trabalho.

A leitura desses becos já era em si, bastante simbólica e repleta de representações. Geralmente, nesses becos, quando adentrávamos, já percebíamos alguns aparelhos encostados nos ‘pés de parede⁴⁸’, estes serviam para realizar alguns dos trabalhos do processo de produção.

Atravessando esses becos e adentrando nos quintais, ou por melhor chamar, as ‘fabriquetas’, víamos um ou mais teares elétricos. Algumas vezes, nesse mesmo espaço, nos deparávamos com uma *urdideira artesanal, aparelho voltado para o processo de urdidura do fio. Em lugares alternados desse ambiente de trabalho também podíamos ver alguns tanques de cimento que serviam para realizar o processo de *alvejamento* dos fios, assim

⁴⁷ NÓBREGA, Francisco Vieira da. **Entrevista**. (ago. 2015). São Bento/PB, 2015, p. 42.

⁴⁸ Expressão popular utilizada para explicar, mostrar ou dizer que algum objeto se encontra encostado nas paredes.

como também tínhamos acesso aos chamados tachos onde se realizavam o *tingimento* das malhas de fios que seriam postos para secar e posteriormente preparados para a tessitura.

Uma observação que talvez não fosse muito notória dentro do espaço discutido, ou que, imbuídos pelos costumes diários não havia tanta significação ou simbologia para àquelas pessoas, mas que, para este trabalho, está carregada de significados, é a porta existente dentro dessas fabriquetas que davam direto para a cozinha da residência.

Sem se dar conta, os são-bentenses utilizavam essas portas como uma espécie de portal entre os mundos do trabalho e da família. É comum, nos relatos orais de memória ouvir das mulheres que comungaram e ainda comungam desse cotidiano, expressões como: “tinha dia que eu nem saía na calçada, não precisava sair de casa pra ir fazer minhas redinhas”⁴⁹, ou então “ali, quando era ‘meidia’ da porta da cozinha mesmo chamava todo mundo pra almoçar, eles almoçava, se deitava um pedaço, e já voltava a tecer de novo”.⁵⁰

É interessante aqui atentarmos para a perspectiva democratizante sugerida por Paul Thompson (1992) quando percebemos o recorrer aos relatos de pessoas comuns, levando em consideração seus pontos-de-vista sobre o passado e o presente, essas pessoas são assim incluídas na história como “autores sociais dela tradicionalmente excluídos e cuja existência é quase sempre ignorada.” (CABRAL FILHO, 2004. p. 27)

Saindo do ambiente familiar de moradia e de trabalho, fazemos uma leitura das calçadas e das ruas desta cidade. Era comum observar por estes caminhos que, as calçadas das casas dos são-bentenses também funcionavam como ambientes de trabalho, eram homens e mulheres; crianças; jovens e pessoas de terceira idade, todos empenhados em algum dos processos da fase de acabamento.

Estendia-se por esses espaços um misto do colorido das redes que lá eram postas para que essas pessoas realizassem os diversos processos da fase de acabamento das redes como, por exemplo, o *empunhamento*, ou como também se costuma falar, ‘colocar os punhos’. Também para fazer o *caré*, **casear*, **torcer*, **entrançar*, fazer **mamucaba* e também as varandas.

Em 1990 a fase de acabamento já estava muito bem distribuída entre homens e mulheres, e em alguns processos dessa fase, era costumeiro tanto observar a presença feminina, quanto a presença masculina, esta última era marcante nos trabalhos com o *empunhamento* e a colocação do *caré*, mas devemos deixar explícito que, este também era

⁴⁹ MEDEIROS, Ana da Silva. **Entrevista**. (out. 2015). São Bento/PB, 2015, p. 122.

⁵⁰ CUNHA, Maria Silva Araújo. **Entrevista**. (out. 2015). São Bento/PB, 2015, p. 109.

um trabalho bastante desempenhado pela mão de obra feminina. Já em outros processos realizados nesta fase de acabamento era raríssimo notar a presença da mão de obra masculina, como é o caso do trabalho com as varandas.

Geralmente esse trabalho de fazer varandas era realizado por mulheres, mães de família e, mais de costume ainda, as moças da cidade, que usavam de sua criatividade, seu tempo, habilidade e determinação para colocar os fios nas laterais das redes e elaborar um entrelaçamento magnífico de fios que davam origem às mais belas varandas. (**Figura 15**)



Figura 15 – Artesã fazendo varandas.
Fonte: Joyciana da Silva Medeiros, 2015.

Este processo da fase de acabamento das redes está mais voltado para o seu embelezamento do que para a sua funcionalidade em si. As varandas estão englobadas em uma variedade de formas, das mais simples às mais sofisticadas e seu processo artesanal exige esmero e paciência das *feiteiras*, já que os cordões são colocados um por um, nas duas extremidades laterais da rede, e sendo desenhada em um processo de entrelaçamento de fios.

Atualmente já existem máquinas de fazer varanda em São Bento e movimentam uma boa parcela de produtores que procuram aumentar a produção. Tendo em vista que as varandas feitas industrialmente são fabricadas em um número bem maior do que as artesanais, que muitas vezes levam de dois a três dias cada uma para o término da colocação de varanda em um número de mais ou menos cinco redes.

Já o *empunhamento* e a colocação do *caré*, consistem em um processo do acabamento que está totalmente voltado para a funcionalidade da rede, uma vez que vão se transformar nos punhos os quais usamos para armar a rede nos **tornos* dispostos nas paredes das residências.

Em seguida podemos observar (**Figura 16**) um homem realizando o processo de fazer o *caré* da rede. Notemos que todas as redes já prontas eram deixadas nas calçadas, as quais de lá, só eram retiradas no fim da tarde quando, as mesmas eram dobradas para fazer os fardos das redes acabadas naquele dia.



Figura 16 – Artesão fazendo o *caré*.
Fonte – Joyciana da Silva Medeiros, 2015.

Nesses espaços de trabalho, como podemos observar na figura acima, as redes possuíam diversas serventias. Ela representava o meio de produção, as que ainda não tinha recebido o *empunhamento* serviam de tendas, que eram estendidas para amenizar a entrada dos raios do sol ardente do sertão nos locais de trabalho, muitas outras também serviam para forrar os bancos de madeira, nos quais os artesãos permaneciam sentados por horas e horas.

O trabalho artesanal de acabamento das redes era realizado, em sua grande maioria, por trabalhadores autônomos, que recebiam redes das tecelagens, como também de comerciantes de redes, e de outros autônomos que compravam os panos, para vendê-los depois de transformados em redes.

Na figura anterior e na figura seguinte (**Figura 17**) temos o exemplo de dois irmãos que trabalham realizando o processo de *empunhamento* e colocação do *caré*. Segundo relatos informais dos mesmos, fornecidos em pesquisa anterior no ano de 2015, eles realizavam este trabalho para cerca de dois fabricantes de redes, e cerca de quatro vendedores que não fabricam seus panos, apenas compravam panos prontos para que, depois de acabados, realizassem sua comercialização.

Eles nos relataram que além dessa clientela, eles ainda realizavam esse acabamento nos seus panos de redes que também são mandados para feira livre da segunda para serem comercializados. Geralmente, donos de tecelagens ou trabalhadores autônomos mandam

suas redes para que grupos de artesãos realizem esse processo. Na maioria das vezes, esses grupos de artesãos fazem parte da mesma família, e utilizam muitas vezes do interior das suas residências (**Figura 17**), até atingir as calçadas da mesma (**Figura 16**).



Figura 17 – Artesão empunhando redes.
Fonte – Joyciana da Silva Medeiros, 2015.

Para melhor exemplificar essa relação entre os artesãos dos vários processos de acabamento das redes e os produtores, podemos utilizar da fala do senhor Boqueirão, que nos explicou de forma pormenorizada, o exemplo de como o mesmo realiza essa relação entre as redes fabricadas em sua tecelagem desde 1987, juntamente com as pessoas que realizam o processo de *empunhamento* de suas redes.

Aí vem o *empunhamento*, hoje, a pessoa que empunha rede pra mim, ele empunha eu acho que pra umas dez fábricas, ele tem uma equipe, ele trabalha com seis, oito, dez pessoas: “hoje vou empunhar de Boqueirão”, minha rede já tá lá esperando, ele empunha, outro faz o *caré*, aí lá vai, bota pra acolá, dobra bem direitinho, amarra. Vem outro, aí faz do mesmo jeito que faz nas minhas, um homem muito direito.

(Francisco Vieira da Nóbrega)⁵¹

O ano em que seu Boqueirão nos cedeu essa entrevista foi 2015. O relato em particular, nos foi oferecido quando o mesmo nos relembrou que desde 1987, ano o qual iniciou o seu trabalho com fabricação das redes, até o dia do colhimento da entrevista, o processo de acabamento se realizava em suma, desta mesma forma em que o depoente citou.

⁵¹ NÓBREGA, Francisco Vieira da. **Entrevista**. (ago. 2015). São Bento/PB, 2015, p. 14.

O exemplo dos irmãos que trabalham realizando *empunhamento* se encaixa perfeitamente no exemplo citado por seu Boqueirão, e esse dia a dia em questão, era compartilhado de forma significativa por uma parte expressiva da população, e até a década de 1990 essa realidade ainda era muito marcante nesta cidade.

A sonoridade do dia a dia de São Bento sempre foi muito peculiar. O ronco da batida dos teares ecoava pelos quatro cantos da cidade. Cada tear oferecia uma música diferente aos ouvintes que por ali passassem.

O tear tem uma coisa muito bonita, uma coisa muito bonita mesmo, porque o tear ele tem a sua linguagem, ele tem a sua própria batida. Tem tear que a batida é: ‘paco, paco, paco paco, paco, paco’, aí você chega noutra o tear é: ‘toco teco, toco teco, toco teco’, você chega noutra já é: ‘tuc toc, tuc toc, tuc toc’, cada tear tem a sua linguagem. E se você for um bom mecânico, ou um bom tecelão, na hora que você entra num tear, você sabe se ele tá bom, ou se ele vai soltar a *lançadeira*. Esse conhecimento não é todo são-bentense que tem, de conhecer o tear pela batida né! Pelo som que ele transmite. Mas a pancada do tear pra o são-bentense de uma forma geral, foi a música que embalou o dia a dia de todos nós. Tem algum dia, tirando o domingo que você não escute o som do tear aqui em São Bento? (Francisco Vieira da Nóbrega)⁵²

Os sons das pancadas do tear se misturavam ao colorido das redes espalhadas pelas calçadas e também com o som que ecoava dos rádios que era figura marcante nos espaços de acabamento das redes. Nos ambientes de trabalho destinados para as diversas fases de acabamento e, principalmente se neste tivesse um aglomerado de mulheres realizando esses serviços, era corriqueiro ouvir os rádios que embalavam o trabalho daquelas pessoas.

Nestes ambientes em questão, era de costume nos depararmos com o cantarolar dessas mulheres que, enquanto realizavam algum processo da fase do acabamento das redes de dormir, se alegravam com as músicas tocadas, transmitidas pelas emissoras da Rádio Panorama da cidade de Catolé do Rocha/PB ou da Rádio Rural da cidade de Caicó/RN.

Era de costume esse trabalho vir acompanhado de algumas xícaras de café, e em alguns casos, de um pãozinho quente, assado sempre às 05 da manhã e às 14 horas, direto das tradicionais padarias de Seu João e de Marquinhos.

É de fácil percepção verificar que todo processo existente no interior da fase artesanal de acabamento da prática de fabricação das redes de dormir, ultrapassa o caráter de atividade econômica e atinge uma organização comunitária, pois envolvem de forma direta e indireta os trâmites das relações sociais dentro da cidade. Essas relações sociais, são expostas por

⁵² NÓBREGA, Francisco Vieira da. **Entrevista**. (ago. 2015). São Bento/PB, 2015, p. 33-34.

meio da oralidade, sobrevivendo durante todo o percurso da história desse povo, como atividade social, pelo fato dela possuir um sentido entendido pelas pessoas comuns.

Elas se apresentam nas relações familiares, estas por sua vez, estão estabelecidas nos mais diversos bairros da cidade que abrigam tecelagens e as pequenas concentrações de espaços destinados ao acabamento das redes, seja no interior das casas, ou seja, nas ruas nas quais seus coloridos penetram na vivência dos são-bentenses ao desfilar a fase de acabamento pelas calçadas.

O desenvolvimento dessa prática é complexo e desafiador, uma vez que, mesmo com os avanços técnicos que houve ao longo do tempo, a arte de produzir a rede em São Bento com suas particularidades entrelaça o antigo e o novo quando nos deparamos com mecanismos rudimentares, como por exemplo, com o processo artesanal de acabamento de fazer a *mamucaba*, convivendo com os avanços tecnológicos responsáveis por uma maior produção do leito balouçante, como é o caso dos teares elétricos inseridos dentro da produção, a partir da década de 1960.

A imagem que veremos a seguir foi capturada no ano de 2015. (**Figura 18**) Podemos observar que, levando em consideração a década de 1990, processos de acabamento utilizando de aparelhos rudimentares como é o caso do tear manual de ‘passar *mamucaba*’ persiste, concomitantemente ao uso de inovações técnicas, cada vez mais avançadas com o passar dos anos.



Figura 18 – Artesã fazendo *mamucaba*.
Fonte – Joyciana da Silva Medeiros, 2015.

Virando a página da leitura dessas calçadas, começamos a folhear as ruas e becos da cidade. O colorido das calçadas ainda coexistia com o colorido das ruas, dessa vez, pelas

malhas de fios tingidas em várias cores que calculavam metros e metros de fios dispostos em varões de metal, distribuídos em cavaletes de madeira nos acostamentos das ruas, nos becos, e que serviam para alegrar a molecada que não perdia a oportunidade de se esconder por entre os fios estendidos nas ruas nas brincadeiras de esconde-esconde.

Ocorre que na produção de redes existia uma fase anterior à tessitura que é a preparação do fio. Na década de 1990 essa fase ainda era realizada de modo bastante artesanal e, por isso era necessário o uso das ruas para realizar alguns processos dessa fase. **(Figura 19)**



Figura 19 – São Bento: Fios de algodão tingidos secando ao sol.
Fonte: Rosalvo Nobre Carneiro, 2011.

Existiam na época dois tipos de fios, os fios crus e os tingidos, os primeiros sendo expressivamente mais baratos. Estes fios crus necessitavam ser alvejados para deixar os panos mais macios, e também tingidos, com tinturas de diversas cores, que serviam para tecer as redes com seus variados desenhos e com suas multiplicidades de cores. Por isso, tanto ao terminar o processo de *alveamento*, quanto ao terminar o processo de *tingimento*, esses fios eram expostos pelas ruas da cidade, estendidos em varões de metais, que podiam ser vistos pelas ruas de todos os bairros, com menos frequência no centro comercial.

Na década de 1990, a cidade de São Bento já possuía um número de fábricas expressivamente grande. Praticamente em todos os bairros da cidade existiam unidade produtivas que, possuíam em seu interior, tecelagens que variavam entre elas com números de cerca de 40 a 60 funcionários. De 1960 a 1990 as tecelagens de redes de dormir marcaram intensamente a paisagem deste município, essa atividade foi responsável pela absorção da maior parte da população local economicamente ativa, perdurando até os dias atuais. (CARNEIRO, 2001)

3.2 – Aspectos da cidade de São Bento diante do aumento da fabricação das redes

Trataremos da indústria têxtil são-bentense conceituando-a segundo a observação usualmente aceita perante as características presentes na produção industrial de redes de dormir nesta cidade como: um conjunto de atividades produtivas, as quais, o homem realiza de maneira organizada, por meio de máquinas ou alguns instrumentos que auxiliam nos diversos processos da produção.

O processo industrial consiste em transformar a matéria prima em bens de consumo ou de produção, através de máquinas, com a presença humana na sua operação, logo a indústria é a atividade por meio da qual os seres humanos transformam matéria prima em produtos semiacabados (matérias primas para outros produtos) ou em produtos acabados. (ALVES, 2010)

Nessas tecelagens, todos os processos da fabricação das redes eram lá realizados por profissionais especializados em cada um deles, desde a preparação do fio, passando pela tessitura e indo até a fase do acabamento e o processo de dobrar as redes totalmente produzidas para dividi-las em fardos e assim serem distribuídas para a comercialização.

Entretanto, no mundo da fabricação das redes de dormir em São Bento, as grandes tecelagens representavam uma parcela bem menor, se comparado à existência das fabriquetas domésticas. A grande maioria das unidades de tecelagem em São Bento de 1980 a 1990 consistia nesses locais domésticos de trabalho com a produção de redes. Nessa época, dificilmente uma rua de São Bento não teria a existência de uma, duas ou mais dessas unidades de trabalho.

Segundo Rosalvo Nobre Carneiro (2001), em pesquisa de campo realizada naquele mesmo ano, focando em entrevistas voltadas para trinta e cinco unidades produtoras de redes de dormir constituídas na cidade de São Bento. Avaliou que, levando em consideração os anos entre 1980 e 2000, esse número resultava no montante total de tecelagens independentes em ambientes voltados apenas para a produção industrial. As centenas de outras tecelagens espalhadas por toda cidade eram de origem doméstica e possuíam seus teares nas dependências da residência dos donos dessas tecelagens.

Carneiro atribui o crescimento dessa indústria têxtil dentro desse ambiente citadino à crescente ampliação das unidades manufactureiras em São Bento desde a inauguração da primeira em 1958 até os anos de 1980.

O autor ainda enfatiza que questões ligadas à informalidade da atividade, traduzidas por exemplo, na falta de inscrição de algumas dessas unidades junto à Coletoria Estadual, assim como também as situações informais dos trabalhadores fabris, como causas que propiciaram o avanço dessas manufaturas, uma vez que essas características incentivaram os proprietários de tecelagens a manterem-nas em seus ambientes domésticos, e obterem mais lucros por causa da redução de custos e despesas da produção. (2001, p. 23)

Analise como as tecelagens foram se mecanizando até o ano 2000, para termos mais conhecimento sobre a realidade desta cidade imersa no mundo do trabalho com a produção de redes de dormir.

CLASSE DE ANO	NÚMERO DE UNIDADES	%
Antes de 1980	2	10
1980 – 1985	5	25
1985 – 1990	5	25
1990 – 1995	8	40
1995 – 2000	-	-
TOTAL	20	100

Tabela 01 – São Bento: Mecanização das unidades produtivas por grupos de classe de ano.

Fonte – Dados primários em pesquisa de campo (CARNEIRO. 2001, p. 25)

É importante salientar que a pesquisa foi feita com um número de trinta e cinco unidades produtivas, quinze delas não estão incluídas na tabela acima pois, as mesmas já dão início ao seu processo produtivo mecanizadas e dentro de um ambiente totalmente industrial, ou seja, já nasceram como tecelagens.

Das outras vinte, duas indústrias se mecanizaram antes de 1980. Cinco conseguem entre 1980 e 1985, e outras cinco de 1985 a 1990, posteriormente oito unidades se mecanizaram no período que vai de 1990 a 1995. Estima-se que o ano de 1994 seja o período que baliza a mecanização total das tecelagens espalhadas por toda cidade.

É também de suma importância perceber que, estas não consistiam no montante final de todas as tecelagens da cidade, as demais de número desconhecido, eram a maioria, e se concentravam no modo tradicional, nos fundos dos quintais dos seus donos, nos puxadinhos feitos nas casas para abrigar os teares e os equipamentos da fase de preparação do fio.

As tecelagens domésticas foram essenciais para a dispersão do processo de acabamento da produção uma vez que, nas tecelagens domésticas nem sempre, ou melhor, na maioria das vezes, não consistiam também nos locais do processo final de acabamento das redes. Ou seja, nos ambientes domésticos de produção, aonde haviam tecelagens, não

havia os trabalhos com acabamento, ou vice-versa. Raramente os dois casos aconteciam em uma única residência, no máximo, parentes que moravam vizinhos realizavam os processos de forma separada, mas complementando um processo no outro, e a produção de um com a do outro.

Logo, nas residências onde não haviam tecelagens, certamente haviam grupos de familiares empenhados nos serviços do acabamento, ou pelo menos uma mulher de um tecedor que fazia acabamento para um ou mais fabricantes, ou alguma moça que trabalhava em algumas das etapas do acabamento para se manter, comprar suas vestes, e também para se manter na escola durante os poucos anos de ensino que a maioria conseguiu cursar.

Sobre essa questão, seu Boqueirão nos teceu um discurso sobre os grupos de trabalho no acabamento como moças e crianças que, nas unidades de trabalho com essa fase da produção conseguiam balancear suas vidas pessoais com a vida no trabalho. No próprio ambiente produtivo essas pessoas também realizavam momentos simples de lazer, de conversação, de brincadeira, assim como também conseguiam uma independência financeira muito cedo.

(...) Eu lembro que aqui em São Bento, era conhecida ‘a terra do que gasta muito’. O corretor saía, e ele comprava uma rede aqui e lá fora ele vendia por cinco vezes a mais, quando chegava aqui era farra pra todo lado, chegava com dinheiro, dentro de carro, gastava porque tinha mesmo pra gastar, porque ganhava muito, não construía. E assim foram muitos, em São Bento ganhava dinheiro porque, toda criança, toda mocinha, começava a ter a sua independência financeira, preparando a sua redinha, fazendo a sua varanda. Se junta três quatro meninhas, conversando, brincando, os assuntos bons delas, falando em escola, às vezes fazendo até trabalho, e fazendo o seu, o dinheirinho pra ganhar sua parte financeira, seus vestes. É tanto que São Bento é base, se houver uma festa aqui de debutante, que também já está se acabando, é uma tradição que está se acabando, mas você vê lá a filha de médico, fazendeiro, tecelão e aprontadeira, todas vestindo por igual.
(Francisco Vieira da Nóbrega)⁵³

Essa independência financeira que os jovens são-bentenses conseguiam, era responsável pelo desapego da casa paterna logo cedo. No início da juventude, moças e rapazes angariavam seu próprio dinheiro e com ele sempre mantiveram uma cultura de festas, de se vestir bem, de gastar para manter boas aparências.

Esse fato é perceptível quando seu Boqueirão, entre outros entrevistados, nos relata que São Bento, por possuir uma economia bastante rica, favorecia ao jovem são-bentense de origem pobre a se igualar, aparentemente, ao jovem proveniente das esferas mais abastadas da cidade, como bem nos conta Gilvânia Lúcio.

⁵³ NÓBREGA, Francisco Vieira da. **Entrevista**. (ago. 2015). São Bento/PB, 2015, p. 08.

(...) Tinha uma amiga minha que estudava comigo, uma colega de curso, quando eu estudava Direito em Campina, ela era da família Café do Maranhão, uma família bem tradicional política, então eu a convidei pra vir conhecer São Bento, pra ela vir passar uma vaquejada em São Bento. Ela de uma família muito rica, muito tradicional, morando num apartamento muito nobre lá em Campina Grande, possuía um carro de rico, que eu nunca tive um carro da qualidade do dela na época e não tive até hoje. Então eu a convidei pra vir a essa vaquejada, e ela como uma pessoa muito chique trouxe apenas roupas de vaquejada. [risos] Quando ela chegou em São Bento ela disse: “Gilvânia como é que você faz um negócio desse comigo? Eu chego aqui é carro que eu só vi em São Luís do Maranhão, nunca vi tanto carro chique tão perto um do outro, o povo vai pra vaquejada vestidas com as últimas tendências”. Quer dizer ela ficou boquiaberta com o padrão de vida da cidade, porque ela veio visitar, na cabeça dela, uma cidade de interior, nos padrões de uma cidade de interior e com muita pobreza, essas coisas... E eu também não adiantei nenhuma característica da cidade pra ela. Ela ficou espantada ao ver que São Bento era uma cidade que tinha um certo padrão elevado, um gosto apurado, com um padrão de vida relativamente alto. Então o tempo dessa vaquejada que ela ficou aqui ela me dizia: “Gilvânia ninguém sabe aqui quem é rico [rico na maneira de dizer, né?] ou quem é pobre. Nas festas aqui em São Bento ninguém sabe quem é ninguém. Aqui é tudo misturado, não dá pra saber, eu encontrei com pessoas que trabalham na casa de sua mãe altamente bem vestidas no mesmo clube que você, sua família e seus amigos frequentam, aqui não existe essa divisão”. Aqui era como minha mãe dizia: “o mais importante aqui em São Bento é que você, o dono da fábrica você vai no mesmo canto que o seu tecedor e vai pra mesma festa e se diverte do mesmo jeito”. Hoje em dia é que eu vejo mais essa divisão sabe? Nas festas, camarote, essas coisas, mas antes não, isso não existia, era tudo junto e misturado, e isso são características da nossa cidade que eram bastante positivas. E até hoje, o povo de São Bento gosta de manter um padrão, muitas vezes nem podem, mas mantém.
(Gilvânia Lúcio da Silva)⁵⁴

A comercialização das redes fabricadas era destinada de forma diferente dependendo dos casos. As redes produzidas nas grandes tecelagens eram destinadas em sua grande maioria ao comércio externo, ou seja, no escoamento da produção por todos os Estados do Brasil e alguns países da América do Sul. Na grande maioria dessa produção mais especializada, os proprietários de tecelagens possuíam caminhões próprios para a comercialização do produto, e também suas equipes de vendedores.

Já a produção oriunda das fabriquetas domésticas alimentava o comércio local, uma vez que, era através dela que se dava a manutenção do comércio de fio, a venda e troca de panos de redes para a aquisição de matéria prima para novas produções. Delas também saíam a maior parte da população são-bentense que recebia semanalmente por produção, fazendo circular o dinheiro em diversas áreas do setor comercial.

Vale salientar que todos os bairros, com uma exceção do centro comercial, abarcavam indústrias e residências, nunca houve nesta cidade uma distinção em espaço

⁵⁴ SILVA, Gilvânia Lúcio da. **Entrevista**. (jan. 2018). São Bento/PB, 2018, p. 101-102.

citadino para indústria e para a parte residencial do município. Todos esses fatores corroboraram para que a cidade passasse a possuir um comércio crescente.

O único setor citadino onde residências e produção não se misturavam, em grande medida, era o centro comercial. Os motivos parecem óbvios, e o principal deles foi o fato de que as residências dos são-bentenses começaram a se expandir do entorno da antiga Rua Velha, para as proximidades do centro comercial atual, que começou a nascer na década de 1970, quando os espaços da Rua Velha já eram insuficientes para manter o comércio efervescente na cidade.

Porém, a medida que as residências se distanciavam da Rua Velha e entravam na nova região central da cidade, observamos pelos relatos que, o comércio nesse local aumentava vertiginosamente, e logo as residências do centro começaram a ser vendidas para os grandes comerciantes, sendo que residências no centro comercial desta cidade duraram pouco, sendo possível na atualidade, contar nos dedos as residências contidas nesse ambiente da zona urbana.

O centro da cidade era um dos únicos bairros no qual o colorido das malhas de fios estendidas nas ruas não era observado, uma vez que, não havia neste local uma produção assídua. Porém, mesmo não avistando os fios estendidos pelas ruas do centro comercial, esse colorido específico da cidade de São Bento ainda era perceptível. Podíamos nos deparar com a beleza do colorido das redes expostas e penduradas nas fachadas das lojas de artigos têxteis no centro comercial da cidade, (**Figura 20**) como também nos acostamentos de vários pontos da Avenida Prefeito Pedro Eulâmpio da Silva. (**Figura 21**)



Figura 20 – Fachada de loja em centro comercial.
Fonte – Joyciana da Silva Medeiros, 2018.



Figura 21 – Redes expostas em acostamento da Avenida Pedro Eulámpio da Silva
Fonte – Joyciana da Silva Medeiros

Com o decorrer dos anos do período aqui discutido de 1960 a 1990, a tendência da cidade foi crescer, e a população aumentar de forma alarmante, uma vez que a produção e a comercialização das redes de dormir era mais fácil se fossem realizadas a partir do ambiente citadino. O aumento populacional da cidade em questão foi absolutamente maior com relação às cidades vizinhas que são ainda mais velhas que São Bento dentre elas Brejo do Cruz/PB (137 anos), Catolé do Rocha/PB (184 anos), Jardim de Piranhas/RN (70 anos), chegando a atingir um número de pouco menos de mil habitantes com relação a cidade de Pombal/PB (157 anos).

O trabalho com a produção de redes foi responsável por moldar essa cidade, para percebermos isso, analisamos as principais causas da modificação do processo de produção e como a mecanização funcionou como o estopim para o aumento da fabricação e, conseqüentemente o aumento de moradores da cidade e suas principais transformações afim de acomodar a produção e a comercialização das redes de dormir.

3.3 *A família que trabalha: a prática de fabricação das redes de dormir no ambiente doméstico*

Para entender como o ambiente doméstico são-bentense, até a década de 1990, se encontrava imbuído no mundo da fabricação das redes de dormir, é necessário fazer um breve percurso sobre o desenvolvimento dessa prática compartilhada entre essas pessoas.

As relações que estruturam a prática do fazer de redes em São Bento, com suas peculiaridades nas mudanças e continuidades dessa experiência trocada entre uma parcela majoritária da população, é o que permeia todo narrar memorialístico desse estudo. Essas relações fizeram da prática não só um meio econômico, mas uma face das relações sociais entre os são-bentenses de classes sociais distintas.

A produção de redes de dormir começa a se expandir com mais intensidade desde a implantação da primeira manufatura desse artigo têxtil em 1958. A prática que já era existente, nos seus moldes artesanais, e a tessitura sendo realizada pela mão de obra feminina passou a ser realizada com o uso de aparelhos mais modernos, como é o caso da introdução do *tear batelão*, logo mais tarde em 1966, pelo uso do *tear mecânico*.

A modernização da tessitura das redes modificou o trabalho nessa produção, uma vez que possibilitou a transformação de uma prática artesanal de usufruto próprio, para uma prática econômica dividida entre uma parcela majoritária dessa população, que através do sistema de venda e troca de matéria prima e produtos acabados, conseguiu se expandir por todo ambiente urbano, transformando a cidade de São Bento em um ambiente múltiplo de residências que eram ao mesmo tempo, fabriquetas de produção desse artigo.

A noção de prática, neste caso ultrapassa o significado de rotina ou hábito, assume um significado mais amplo de vivência e compartilhamento das experiências que moldaram um lugar e seus determinados partícipes. A prática da produção de redes, por exemplo, está presente dentro dos costumes de grupos indígenas que as usavam como leito apropriado para as noites quentes das regiões mais temperadas da América do Sul, como também servia de proteção contra os animais rasteiros das matas. O fato é que tal costume foi, ao longo do tempo, sendo utilizado por outros, como os colonizadores, que disseminaram através de um processo histórico, mas também cultural, o costume de dormir suspenso no ar a partir do século XVI. (CASCUDO, 2003)

O costume se torna prática à medida que os seres humanos, que são os agentes da história, passam a utilizar do mesmo como um fator de agregação entre eles, formando um

elo de comunhão, que por algum motivo os fazem compartilhar dessa prática que passou a ser peça fundamental para o desenvolvimento do cotidiano entre povos.

Em São Bento, esse costume se transformou em prática a partir do momento que os são-bentenses viram na rede não só uma espécie de leito diferente das famosas camas, mas viram e desenvolveram uma prática econômica que serviu para sanar os períodos de dificuldades enfrentados entre eles com a questão agropecuária na região.

A prática que gera experiência passou a ser compartilhada entre os demais que são capazes de aprimorar a mesma e torná-las peças integrantes da vivência de um grupo, desta forma, os moradores de São Bento fizeram da prática da fabricação de redes um trabalho tão eficaz e presente, a ponto de se diferenciar no seu processo e nos usos das técnicas, mas sem perder seu caráter de pertencimento com o lugar e seu povo.

No caso particular da fabricação de redes, tratamos de um meio social no qual mantém a prática em constante movimento através de um plano de ensinamento entre os mais velhos e os mais novos em uma espécie de pedagogia da fabricação de redes que se configura no meio de trabalho que se popularizou na cidade, e se tornou o seu principal meio econômico.

Se analisarmos a fabricação das redes como um processo de transmissão, veremos que desde sua feitura pelos indígenas, apenas como objeto de utilidade, da fabricação até o ato de dormir em redes acaba por se transformar em um costume. O costume se transforma em experiências vividas e compartilhadas a partir do momento em que o mesmo reflete sua prática entre os demais que dividem um espaço.

Desde a preparação do fio, até a comercialização, no limar de 1960 a 1990, veremos que a divisão familiar é presente no mundo do trabalho da produção deste artigo, e que os ensinamentos e compartilhamentos dessa prática, foi responsável não só por moldar o ambiente urbano, mas também as relações familiares nesta cidade.

A prática da fabricação de redes em São Bento assume por vezes uma ação pedagógica. Haja vista que, uma educação formal do homem sertanejo, no sentido do aprendizado de códigos e saberes passados através de uma instituição de ensino, se apresentaram durante décadas algo difícil. O acesso à escola por esses homens de modo particular sempre se mostrou muito escasso. O frequente trabalho para ajudar aos pais no sustento da família, garante por vezes, o desenvolvimento das práticas constituídas pela experiência humana que ultrapassa qualquer limite pedagógico formalizado.

O aprendizado de tais práticas vai recorrer à tradição oral, de maneira que sejam absorvidos os modos de fazer estabelecidos por determinada experiência cotidiana, nesse

caso, a tradição oral aparece no mais das vezes, com uma pesada carga de ‘costumes.’ (THOMPSON, 1998, p. 15)

O processo de transmissão da prática de fabricação das redes entre os são-bentenses, e a divisão do trabalho familiar dessa fabricação, influenciou as experiências trocadas entre esses homens e mulheres, tanto no ambiente citadino, quanto no ambiente urbano.

Para entendermos mais um pouco sobre essas relações de transmissão e troca de saberes e experiência, descreveremos um pouco sobre os processos realizados para a fabricação das redes. As etapas que estão envolvidas dentro da prática da fabricação das redes compõem uma diversificação desde a preparação do fio necessário para a produção até a confecção do pano e sua transformação em rede.

Essas etapas têm sua fundamentação estabelecida de acordo com o nível da produção, e com a categoria da mesma. Ou seja, de 1966 com a utilização dos teares mecânicos, até fins da década de 1990, os níveis de produção chegaram a adquirir um caráter industrial, e tem sido capaz de manter esse processo que se encontra dividido em três fases distintas.

A primeira delas corresponde à preparação do fio para a tecelagem. O fio passa por um longo processo de transformação até atingir seu estado final com a tessitura do pano. Segue-se o processo: a urdidura, *alvejamento* e *tingimento*. Na fabricação atual das redes, os fios industrializados são adquiridos dos donos de depósitos de fio, que os recebem diretamente das fiações em cones de papelão, eles são denominados de “fio cru” por ainda não ter passado por nenhuma etapa de beneficiamento.

É importante salientar que, a partir de 1966, dentro da produção familiar, a pessoa que desempenhava o papel fundamental de preparar o fio era chamada de diarista, do sexo masculino e, geralmente representado pelo dono da fabriqueta doméstica, que na maioria das vezes, principalmente quando a produção industrial ainda engatinhava na cidade, também realizava o processo de tessitura.

Até fins da década de 1990, os donos das fabriquetas domésticas passaram a empregar tecedores, e participar com mais assiduidade desse processo de preparação do fio, que como dizem os diaristas “é a fase mais importante da produção” pois o fio bem preparado vai ficar bem posto no tear, e vai ter menos possibilidade de quebrarem mediante alguma falha mecânica do aparelho.

Esses diaristas, que representavam também o chefe daquela família, também carregavam para esse processo os filhos do sexo masculino que, com cerca de dez anos, já os ajudavam no trabalho de ligar e desligar as máquinas de enrolar os fios urdidos no **rolo*

do tear. Com o passar do tempo, ele vai ensinando ao seu filho o trabalho com a tessitura, para que passe a gerenciar este processo.

Quando não existiam filhos homens para esse pequeno serviço, era contratada mão de obra para realização do processo, essas contratações, na maioria das vezes informais, eram também feitas entre os patrões e jovens a partir dos doze ou treze anos de idade. Essa era uma realidade comum dos jovens são-bentenses do sexo masculino, que logo aprendiam a prática de tecer. No período que esses jovens se encontravam em pleno gozo de aprendizagem, e matriculados nas escolas da cidade, era comum ouvir a célebre frase, carregada de um significado de conformação com a situação atual: “para que estudar, se o futuro é um tear?”

A urdidura consiste na formação de uma massa de fios verticais da rede, esse fio servirá para a composição do comprimento do produto. Esse processo foi durante um longo tempo, feito através das *urdideiras* manuais, uma invenção correspondente a um retângulo composto de quatro traves de madeira, onde são dispostos, na lateral desse retângulo, 24 pinos de madeira ou ferro. Essa fase do processo de preparação do fio é realizada pelo diarista, mas este tem mais idade e muito mais experiência, é um trabalho minucioso, e que exige muita prática.

O diarista urdidor realiza essa etapa em um simples gesto de vai e vem, no qual, vai dispondo nos pinos o conjunto de fios organizados em ‘24 pernas’ chamadas de **cabrestilho*. Esse fio encontra-se em outro equipamento chamado pelos trabalhadores de **gaiola*. Mais recentemente o processo de urdidura é quase totalmente feito através das *urdideiras* elétricas, que não mais precisam que o diarista gaste tanta força física no processo de vai e vem, pois a máquina faz toda a operação automaticamente, o diarista só precisa supervisionar o equipamento e emendar os fios na máquina no final de cada operação.

O *alvejamento* consiste no processo de despejar o fio urdido em tanques compostos de água e uma porção de cloro. Os diaristas afirmam que esse processo serve para tornar o fio melhor para a utilização, uma vez que o cloro consome as impurezas do fio, e retiram seu aspecto grosso e áspero. Geralmente esses tanques ficam dispostos em uma extensão extra do quintal das casas onde funcionam essas fabriquetas. O diarista urdidor é responsável por dispor as malhas de fios urdidadas dentro dos tanques com essas substâncias e logo após colocá-los para secar nos inúmeros varões dispostos nas calçadas e em algumas ruas da cidade, próximos às fabriquetas domésticas.

Para o *tingimento* utiliza-se um equipamento chamado pelos diaristas de tacho elétrico. Nas residências que também funcionam como fabriquetas domésticas, esses teares

são construídos em uma área ao ar livre, geralmente no beco que liga a rua e o quintal onde está implantada a fabriqueta.

O diarista urdidor geralmente também realiza o trabalho de *tingimento*, durante a semana o trabalho está dividido entre urdir, alvejar e tingir, durante o processo de *alvejamento*, no qual o diarista deixa as malhas de fio de molho nos tanques com cloro, ele está livre para realizar um dos outros dois processos, ou tingir ou urdir.

Nos tachos onde são tingidos os fios são colocadas água e tinta e pelo *rolo* de ferro concentrado acima do tacho o tingidor faz um movimento lateral com a massa de fio já alvejada.

No processo artesanal esse *tingimento* era realizado através da fervura de raízes de plantas que garantiam coloração e o mergulho dos fios em caldeirões para a coloração do mesmo. O advento da manufatura trouxe com ela a ferramenta do tacho de *tingimento*, no qual o mais antigo e o mais moderno no mais das vezes encontram disparidades apenas no tamanho do mesmo e na velocidade da rotação dos *rolos*. Nesse tacho são diluídas em água as tinturas, fervidas, e depois de atingir a fervura, colocado as malhas de fios já urdidadas e alvejadas, depois são postas para secar.

Podemos dizer que o trabalho do diarista é o mais pesado e mais difícil de todas as fases do processo de fabricação das redes, geralmente o dono da fábrica ou realiza esse trabalho árduo, ou dependendo do crescimento de sua fábrica, contrata mão de obra qualificada para desempenhar esse serviço.

Quando contratado, o diarista trabalha um número elevado de horas semanais para produzir o número de malhas de fios necessárias para a produção semanal exigida pelo patrão, e como seu trabalho é por produção, muitas vezes, esse trabalhador, chefe de família, chega no ambiente de trabalho as quatro horas da manhã até às dezoito horas da noite para bater suas metas.

Quando o diarista é o dono da fábrica, ele se concentra em também tomar para si essa carga horária para poder preparar as malhas de fios necessárias para a produção semanal, visando o lucro e o retorno da produção o mais rápido possível, mandando toda semana um volume de redes expressivo para a comercialização semanal.

Outro detalhe em grande medida pertinente nesse debate é a questão da transmissão dessa prática entre as gerações, e o encontro das mesmas por meio de um saber compartilhado. Esse saber implica não só na permanência da mesma, mas também no não desaparecimento da memória e da vivência daqueles que antes que essa história estivesse sendo contada, já desempenhava tal ação.

Tendo em vista tal evento, a análise acerca de uma pedagogia voltada para a tradição oral, é o que podemos atribuir a essa transmissão de técnicas particulares de experiências sociais, ou da sabedoria comum da coletividade. Segundo Thompson (1998) tal aprendizado iniciado ainda na infância, funciona como a iniciação em uma prática habilitada pelos adultos.

Na segunda fase do processo que consiste efetivamente na tecelagem, ocorre à transformação do fio em pano de rede, respectivamente esse processo se dá pela disposição do fio urdido, alvejado e tingido em um *rolo* de ferro. Os trabalhadores locais chamam esse artifício de “encher a **barcada**”, esse *rolo* com fio será acoplado no tear para formar o comprimento do pano da rede.

Um tecedor obtém os maiores e melhores salários dentro de uma fábrica, também ganhando por produção. Estes tecedores, eram geralmente pais de família, ou jovens que geralmente casavam muito cedo, logo após desempenhar com afinco a prática de tecer. Esses homens até a década de 1990 era responsáveis pela tessitura e pelo desenho da *barcada*, a qual dá as formas e desenhos múltiplos das redes. Os teares mais modernos dos dias atuais, tem as funções para o desenho da rede, sem ser necessários que o tecedor organize os fios do *rolo* antes de os colocar no tear.

A etapa da tessitura é a mais carregada de significados, uma vez um tecedor entrando em uma fabriqueta lá ele permanecia por alguns anos até conseguir, com a ajuda do patrão, adquirir um tear para colocar em seu quintal, comprar um número de fios na conta do patrão, para começar a tecer para si próprio.

Enquanto estava na fase inicial, parte inicial dos lucros era para pagar o seu antigo patrão. Logo este tecedor quitava a dívida, pois mandava sua produção para ser comercializada nas feiras livres da região, ou encarregava um vendedor para vende-las em outros Estados. O patrão jamais sentiria falta do antigo tecedor, pois existia muita mão de obra para a função na cidade.

A etapa posterior consiste no enchimento das **espolas**. Essa etapa ocorre junto ao tear, por uma máquina chamada **espoladeira**, responsável por encher esses carretéis, que depois de preenchidos são adaptadas nas *lançadeiras* depositadas no tear. Essa etapa é realizada para corresponder ao fornecimento de fios na trama horizontal do pano.

O trabalho com o enchimento de *espolas* era, no mais das vezes, realizado pelos filhos dos donos das fabriquetas que estavam próximo a alcançar a fase adulta, entre 16 e 18 anos. Os donos de fabriquetas costumavam contratar filhos, sobrinhos, primos mais novos,

afilhados e/ou demais jovens do sexo masculino, por meio das relações de amizade ou de parentesco que havia entre eles e a família desses jovens.

A terceira fase do processo consiste na transformação do pano em rede, essa fase é também chamada de acabamento, e em sua grande maioria correspondem a uma atividade realizada pela porção feminina ainda existente no processo de fabricação, estas recebem o título de *feiteiras*. Porém, atualmente essa não é uma regra geral dentro dessa etapa, sendo que uma parcela masculina expressiva também se envolve no processo de acabamento da fabricação das redes.

Dentre suas etapas desta última fase estão presentes a costura, popularmente chamada de (passar o ponto), que consiste em dobrar as extremidades superiores da rede e costurá-las utilizando uma máquina de costura. Seguidamente a essa etapa ocorre o *torcer* ou trançar as cabeças de fio existentes nas extremidades superiores da rede e costurá-las para que posteriormente sejam formadas as argolas por meio do entrançado, as quais receberão os cordões pelos quais as redes serão penduradas.

Posterior à costura da rede, conforme o modelo de acabamento que a mesma exigir, passará pelo processo popularmente chamado de *casear* a rede, que consiste em um processo de costura em volta das cabeças de fio torcidas ou entrançadas, a fim de que nenhum fio se solte comprometendo a qualidade e a beleza da rede.

O *empunhamento*, ou como muitos preferem chamar “botar o cordão” é a fase posterior do processo, realizada em um instrumento de madeira chamado “banco de empunhar”. Esse instrumento possui quatro pernas, que sustentam uma haste de madeira horizontal onde são dispostos dois pinos verticalmente. Nessa fase, as cabeças de fio ou argolas, serão introduzidas em cordões de trancelim, os mesmos alinharão os cordões na rede até a formação do punho. Sua realização é geralmente atribuída tanto às *feiteiras*, quanto a uma parcela de mão de obra masculina.

Paralelamente a essa tarefa ocorrerá a colocação do *caré*, que consiste em um revestimento com fio nas extremidades dos cordões da rede que, vão ser colocadas em armadores para o seu uso.

Ainda nessa fase de acabamento podemos citar algumas etapas que estão mais voltadas para o embelezamento da rede do que para a sua funcionalidade em si, como por exemplo, a colocação de varandas. Estas estão englobadas em uma variedade de formas das mais simples às mais sofisticadas, seu processo artesanal exige esmero e paciência das *feiteiras*, já que os cordões são colocados um por um, nas duas extremidades laterais da rede, e sendo desenhada em um processo de entrelaçamento de fios.

Atualmente já existem máquinas de fazer varanda em São Bento e movimentam uma boa parcela de produtores que procuram aumentar a produção. Tendo em vista que as varandas feitas industrialmente são fabricadas em um número bem maior do que as artesanais, que muitas vezes levam de dois a três dias cada uma para o término da colocação de varanda em uma única rede.

Através da pesquisa aguçada acerca de todo processo da prática de fabricação das redes de dormir, pudemos avaliar neste capítulo que a fabricação de rede ultrapassa o caráter de atividade econômica. Contudo, atinge também uma organização comunitária, pois envolvem de forma direta e indireta todos os trâmites das relações sociais dentro da cidade, seja na família, nos diferentes bairros que abrigam tecelagens e as pequenas concentrações de espaços destinados ao acabamento das redes, seja nas ruas nas quais os coloridos das redes penetram na vivência dos são-bentenses ao desfilar a fase de acabamento pelas calçadas das casas.

O desenvolvimento dessa prática é complexa e desafiadora, uma vez que mesmo com os avanços técnicos que houve ao longo do tempo, a arte de produzir a rede em São Bento com suas particularidades entrelaça o antigo e o novo quando nos deparamos com mecanismos rudimentares convivendo com os avanços tecnológicos responsáveis por uma maior produção do leito balouçante. O envolvimento da memória e das experiências que fizeram com que a prática se efetivasse ao longo da história, sem perder o jeito são-bentense de ser, sendo até mesmo fácil relacionar a criatura ao criador, quando nos deparamos com as redes espalhadas pelo Brasil a fora.

O que nos depararemos nas narrativas sobre a prática da fabricação das redes de dormir em São Bento é justamente o ajuntamento desses relatos imutáveis que funcionam como uma espécie de memória herdada. Aquela que não se deixa arquivar-se pela ação do tempo, mas que permanecem como símbolo de aprendizado contínuo que repassam um saber, havendo a transferência de uma experiência que passará a fazer parte do leque de identidades que os agrupamentos sociais possuem e compartilham entre si.

Neste caso particular, a memória possui uma dimensão pedagógica à medida que é passada com o máximo de clareza para aqueles que irão dar prosseguimento a prática da fabricação. Assim como eram feitas as rudimentares redes artesanais, a memória comparativamente funciona como diversos panos costurados infindas vezes uns aos outros, num sentido de que, a partir dessa junção, aqui representado pelas falas dos narradores, fixe-os em unidades de memórias conectadas em uma ou mais narrações.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Minha Nossa Senhora se não fosse essas redes a gente ia fazer o que da vida?” Esta consiste em uma expressão corriqueiramente utilizada pelos são-bentenses que estiveram envolvidos em nossa pesquisa, quando indagados sobre a importância do trabalho com a fabricação das redes de dormir em suas vidas. A cidade de São Bento é marcada por essa produção, uma vez que desde seu processo de manufatura, até sua fase industrial, parte significativa dos moradores desta urbe se empenhou em desenvolver as diversas fases do seu processo de fabricação.

São Bento respira a fabricação de redes, isso está expresso nas residências do município, que apesar de servirem como locais de moradia funcionam também como local de trabalho, uma vez que, as fabriquetas de fundo de quintal, são presenças marcantes em boa parte dos logradouros presentes nas imediações do centro da cidade, assim como também dos demais bairros e regiões periféricas.

Uma vez o trabalho sendo distribuído nas residências dos são-bentenses, é nítido observar também as marcas desse trabalho durante toda extensão da cidade, uma vez que calçadas são utilizadas como constantes locais de trabalho, principalmente para alguns dos processos da fase de acabamento, como por exemplo, o *empunhamento* e a colocação do *caré*.

Os encostamentos das ruas também eram locais de expressão da produção e dos modos de fazer dessa prática peculiar de trabalho, pois, nas ruas de São Bento ficavam distribuídos os varões de metais, dispostos em suas bases de madeira mais conhecidos como ‘cavaletes’, que serviam para estender os vários metros das malhas de fios, que eram postas para secar ao ar livre, após as fases de *alvejamento* ou *tingimento*, presentes no processo de preparação do fio para a tessitura.

O trabalho com a produção deste artigo têxtil está presente no cotidiano desse município de forma mais assídua desde 1958, quando houve a abertura da primeira manufatura de redes de dormir na cidade em questão, que foi responsável pelo início da produção assalariada, pela divisão do trabalho nos moldes que se encontram estabelecida na produção nos dias atuais, e principalmente por ‘terceirizar’ a fase do acabamento, o que fez esse processo se espalhar pelas residências dos são-bentenses.

O trabalho com a produção de redes assim como os locais de desenvolvimento e de distribuição dos conhecimentos acerca dessa prática fizeram parte da vida dos moradores desta cidade, e diversas vezes, seus locais de morada eram também locais de trabalho. Desde

o início do povoado de São Bento no início do século XX, a produção deste artigo já se fazia presente na vida dessas pessoas, mesmo que de forma bastante tímida, e mais presente na zona rural.

O processo de tessitura era realizado por mãos femininas, todo processo de preparação do fio era realizado de forma artesanal e utilizando-se de materiais naturais para *tingimento* dos fios, utilizando das folhas e raspas dos galhos de algumas árvores nativas da região da caatinga. Os filhos dessas mulheres, ou seus irmãos mais novos eram responsáveis por arrecadar esse suprimento do *tingimento*, adentrando na caatinga para o colhimento desse material de onde era retirada a seiva que se transformava em cores diferentes.

Em algumas residências da zona rural do município os teares de três panos eram presenças marcantes, e onde este existia, era responsável por tecer as redes daquele núcleo familiar, como também tecer as redes encomendadas pelos parentes e vizinhos da região.

Nesse período, São Bento consistia apenas em um povoado pertencente à cidade de Brejo de Cruz, e que possuía apenas uma localidade central denominada de Rua Velha, onde estava a Capela de São Sebastião, e onde era realizada a feira livre toda semana, nas segundas-feiras. Vale salientar que nessa feira ainda não existia uma comercialização desse artigo têxtil.

Somente a partir da utilização do *tear batelão* é que a produção de redes, ainda presente na zona rural, começou a se intensificar, a tessitura passou a ficar a cargo da mão de obra masculina, ficando as mulheres e crianças responsáveis pela parte do acabamento. Em 1958, com a implantação da primeira manufatura de redes na cidade foi que a produção desse artigo começou a alçar voos mais altos.

Os teares utilizados, ainda de madeira, mas com um número de pelo menos trinta teares, com mão de obra funcionando durante 24 horas, com turnos de trabalhadores alternados e com uma divisão de trabalho específica para cada função.

A manufatura de redes com a utilização interina de teares de madeira só funcionou até 1965, pois em 1966 os teares mecânicos começaram a ser implantados, mesmo que a cidade ainda não possuísse energia elétrica, ficando a utilização desses teares disponíveis apenas entre os horários das 18 horas às 22 horas da noite, de segunda a sábado.

A partir da implantação dos teares mecânicos na manufatura do senhor Manoel Lúcio em 1966, uma rotina de trabalho se inicia. Pequenos produtores da zona rural que ainda teciam em teares de três panos, começaram a adquirir com mais frequência os teares batelões da agora fábrica de Manoel Lúcio. A partir da década de 1970 teve início um constante êxodo

rural, uma vez que, a população são-bentense começou a negociar trocando panos de redes por fios para suas pequenas produções.

Este aumento significativo de moradores na zona urbana sequenciou o aumento da comercialização de redes na feira livre que na década de 1970 passou a se concentrar no centro da cidade. As residências logo começaram a dar lugar a um centro comercial, e quanto mais a cidade se desenvolvia devido os melhoramentos na infraestrutura urbana, conseguidas mediante barganhas políticas dos governantes municipais e estaduais, mais os moradores da zona rural procuravam a cidade para estabelecerem seus locais de moradia e trabalho.

As principais transformações de infraestrutura urbana ocorridas na cidade foram a implantação da energia elétrica em 1968 e a inauguração da Ponte Governador João Agripino em 1971. A partir dessas mudanças a população urbana só aumentou, as fabriquetas domésticas aumentaram, o número de trabalhadores com a prática da produção de redes só aumentou, concomitantemente com sua comercialização que passou a ser feita por vendedores são-bentenses que saíam em caminhões para vender o produto em todos os Estados da Federação.

Desde então, principalmente entre as décadas de 1960 e 1990, caminhar pela Cidade de São Bento era ter diante dos seus olhos a imagem de uma cidade onde os seus moradores viviam para o trabalho, “e é impressionante como os são-bentenses trabalham com determinação e força de vontade”⁵⁵.

Uma cidade onde a partir das 04 da manhã já se ouve a batida do tear ecoar por todos os seus bairros. Uma cidade onde homens e mulheres, jovens, adultos e crianças compartilharam uma prática secular desenvolvida no Nordeste brasileiro, e que são responsáveis por transmitir uma miríade de costumes e saberes envoltos no processo de fabricação que é responsável por ainda manter viva as experiências compartilhadas nessa prática.

⁵⁵ SOUSA, Jaci Severino de. **Entrevista**. (set. 2015). São Bento/PB, 2015, p. 83.

FONTES

ARAÚJO, Terezinha Cruz de. *As transformações urbanas e os circuitos da fabricação das redes de dormir em São Bento/PB na ótica dos populares*. Entrevistadora: Joyciana da Silva Medeiros. São Bento/PB, 2018. **Entrevista I.** (jan. 2018). 1 arquivo. Mp3. (33m 29s), 18p. **Entrevista II.** (jan. 2018). 2 arquivo. Mp3 (24m 57s), 15p.

CUNHA, Maria Silva Araújo. *As experiências compartilhadas na prática de fabricação das redes de dormir em São Bento/PB*. Entrevistadora: Joyciana da Silva Medeiros. São Bento/PB, 2015. **Entrevista.** (out. 2015). 1 arquivo. Mp3 (22min 57s), 11p.

MEDEIROS, Ana da Silva. *As experiências compartilhadas na prática de fabricação das redes de dormir em São Bento/PB*. Entrevistadora: Joyciana da Silva Medeiros. São Bento/PB, 2015. **Entrevista.** (out. 2015). 1 arquivo. Mp3 (28 min 54s), 14p.

NÓBREGA, Francisco Vieira da. *As experiências compartilhadas na prática de fabricação das redes de dormir em São Bento/PB*. Entrevistadora: Joyciana da Silva Medeiros. **Entrevista.** (ago. 2015). São Bento/PB, 2015. 1 arquivo. Mp3 (03h 10min 43s), 54p.

SILVA, Cícero Clementino da. *As experiências compartilhadas na prática de fabricação das redes de dormir em São Bento/PB*. Entrevistadora: Joyciana da Silva Medeiros. São Bento/PB, 2015. **Entrevista I.** (set. 2015). 1 arquivo. Áudio/3gpp (46m 41s). 5 p. **Entrevista II.** (set. 2015). 1 arquivo. Áudio/3gpp (46m 11s). 9 p.

SILVA, Gilberto Lúcio da. *As transformações urbanas e os circuitos da fabricação das redes de dormir em São Bento/PB na ótica dos populares*. Entrevistadora: Joyciana da Silva Medeiros. **Entrevista.** (jan. 2018). São Bento/PB, 2018. 1 arquivo. Mp3 (36m 05s), 18p.

SILVA, Gilvânia Lúcio da. *As transformações urbanas e os circuitos da fabricação das redes de dormir em São Bento/PB na ótica dos populares*. Entrevistadora: Joyciana da Silva Medeiros. **Entrevista.** (jan. 2018). São Bento/PB, 2018. 1 arquivo. Mp3 (52m 17s), 28p.

SILVA, Manoel Valeriano da. *As transformações urbanas e os circuitos da fabricação das redes de dormir em São Bento/PB na ótica dos populares*. Entrevistadora: Joyciana da Silva Medeiros. **Entrevista.** (jan. 2018). São Bento/PB, 2018. 1 arquivo. Mp3 (34m 26s), 29p.

SOUSA, Jaci Severino de. *As experiências compartilhadas na prática de fabricação das redes de dormir em São Bento/PB*. Entrevistadora: Joyciana da Silva Medeiros. São Bento/PB, 2015. **Entrevista.** (set. 2015). 1 arquivo. Mp3 (02h 10min 47s), 28p.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERTI, Verena. *Manual de História Oral*. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

ALVES, Francisco Heleodorio de Araújo. *A importância da indústria de redes para o desenvolvimento socioeconômico de São Bento – PB*. Trabalho de conclusão de curso em Geografia Licenciatura Plena. Patos: FIP, 2010.

ARAÚJO, Francisco Clésio Medeiros Dantas. *Os impactos ambientais da indústria têxtil em São Bento/PB*. Trabalho de conclusão de curso em Geografia. Patos: FIP, 2011.

BARROS, José D'Assunção. *Cidade e História*. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

BARTHES, R. *A aventura semiológica*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BEZERRA, Adailton Rodrigues. *Entrelaçando saberes na arte do fazer a rede*. Trabalho de conclusão de Curso em História Bacharelado. Caicó: UFRN, 2013.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembrança dos velhos*. 3ª ed. São Paulo: Companhia das letras, 1994.

BRAUDEL, Fernand. *Civilização material, economia e capitalismo: séculos XV-XVIII - Vol. 1: As estruturas do cotidiano*. São Paulo: Martins Fontes, 1977.

BRESCIANNI, Maria Stella M. História e historiografia das cidades, um percurso. In: FREITAS, Marcos Cezar de. (Org.) *Historiografia brasileira em perspectiva*. São Paulo: Contexto, 1998.

CABRAL FILHO, Severino. *O pão da memória: velhos padeiros, lembranças, trabalho e história*. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2004.

CARNEIRO: Rosalvo Nobre. *A indústria têxtil em São Bento – PB: da manufatura à maquinofatura*. Trabalho de conclusão de Curso em Geografia. Campina Grande: UFPB, 2001.

_____. *As semelhanças, diferenças e interações dos circuitos de fluxos socioespaciais de redes de dormir do Nordeste brasileiro*. Tese de doutorado. Recife: UFPE, 2011.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Rede de dormir: uma pesquisa etnográfica*. 2. ed. São Paulo: Global, 2003 [1959].

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer*. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. 22. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

_____. *A invenção do cotidiano: 2. Morar, cozinhar*. Tradução de Ephraim F. Alves e Lúcia Mathilde Endlich Orth. 12 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. *História Oral - memória, tempo, identidades*. 2. ed. Belo Horizonte/MG: Autêntica, 2010.

FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. 14. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012.

FERREIRA, Marieta de Moraes (cord.). ABREU, Alzira Alves [et al]. *Entre-vistas: abordagens e usos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1994.

HALBWACHS, Maurice. *La mémoire collective*. 2. ed. Tradução de Laurent Léon Schaffter. *A memória coletiva*. São Paulo: Edições Vértice, 1990.

JOFFILY, Irinêo. *Notas sobre a Parahyba*. Rio de Janeiro: Thesaurus Editora, 1977.

JUCÁ, Gisafran Nazareno Mota. *A oralidade dos velhos na polifonia urbana*. Fortaleza: Premium, 2011.

LEITE, Reinaldo Cesar Nascimento. *E a Bahia civiliza-se. Ideais de civilização e cenas de anti-civilidade em um contexto de modernização urbana, Salvador, 1912-1916*. Dissertação de mestrado. Salvador: UFBA, 1996.

MATOS, Maria Izilda Santos de. *Cotidiano e cultura: história, cidade e trabalho*. Bauru, SP: EDUSC, 2002.

_____. *Trama e poder: um estudo sobre as indústrias de sacaria para o café (1888 – 1934)*. 5 ed. Rio de Janeiro: Sette Letras, 2002.

MEDEIROS, Joyciana da Silva. *Do algodão ao tear: as experiências compartilhadas na prática de fabricação das redes de dormir em São Bento/PB*. Trabalho de conclusão de curso em História Bacharelado. Caicó: UFRN, 2016.

MONTENEGRO, Antonio Torres. *História oral e memória: a cultura popular revisitada*. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2007.

NEGRO, Antonio Luigi; SILVA, Sergio. *E. P. Thompson. As peculiaridades dos ingleses e outros artigos*. Campinas/SP: Editora Unicamp, 2001.

NOBRE, Hannelore Diniz. *Indústria de rede: fonte de renda e de emprego no município de São Bento/PB no período de 2000-2002*. Patos: FIP, 2003.

PINHEIRO, Eloísa. *Intervenções públicas na Freguesia da Sé em Salvador de 1850 a 1920*. Dissertação de mestrado. Salvador: UFBa, 1992.

POLLAK, Michael. *Memória, esquecimento, silêncio*. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989. P. 3-13.

POLLAK, Michael. *Memória e identidade social*. Estudos Históricos. Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200 – 212.

ROCHA, José Bolivar V. da. *São Bento: estudo sobre a manufatura de redes-de-dormir*. João Pessoa: edições UFPB, 1983.

SILVA, Genival Soares da. *Raízes históricas do município de São Bento Paraíba*. João Pessoa: Imprell Editora, 2010.

SOUSA, Antonio Clarindo Barbosa de (org.). *Populares na cidade: vivências de trabalho e de lazer*. João Pessoa: Ideia, 2011.

THOMPSON, Edward Palmer. *Costumes em comum. Estudos sobre a cultura popular tradicional*. São Paulo: Companhia da Letras, 1998.

THOMPSON, Paul. *A voz do passado. História Oral*. Tradução: Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

GLOSSÁRIO

Alvejamento – Processo de preparação de fio posterior a urdidura, corresponde em uma técnica de melhoramento do chamado “fio cru” que nada mais é que o fio sem cor, áspero e de cheiro forte. Para o desenvolvimento dessa técnica são utilizados tanques de dimensões diversas, onde é despejado o fio primeiramente em uma porção de água e sabão líquido durante um período de 12 horas. Em seguida o fio é retirado para escorrer o líquido e depois é mergulhado no tanque novamente, agora em uma porção de água e cloro por um período de 4 horas. Depois o fio é retirado do tanque para escorrer novamente, e posteriormente mergulhado novamente, desta vez em uma porção de água e anilina, essa substância química é utilizada para uma melhor penetração da tinta no fio durante o processo de tingimento, logo após esse processo, o fio já alvejado é retirado do tanque e colocado para secar em varões de ferro. Esse processo serve para deixar o fio cru mais claro, retirar suas impurezas e o aspecto áspero do mesmo.

Barcada – O conjunto de fios, formado por cabrestilhos, esses conjuntos são colocados em uma ferramenta chamada engomadeira que servirá para levar esse conjunto de fios para o rolo que será acoplado no tear, esse fio serve para fazer a trama horizontal da rede. Depois da barcada acoplada ao tear, os fios são emendados nos liços, que consistem em um mecanismo do tear que entrelaçam os fios enquanto o mesmo vai saindo do rolo.

Cabrestilho – Conjunto das chamadas “24 pernas de fios” dispostos em um equipamento chamado gaiola, esses fios são juntados e levados para a urdideira, que pode ser manual ou elétrica para se cumprir o processo de urdidura.

Caré – Processo de acabamento da rede que ocorre paralelamente ao empunhamento, o chamado “botar o caré” corresponde à colocação de um revestimento com fio nas extremidades dos cordões da rede que vão ser encaixadas nos armadores ou tornos.

Casear – Consiste em uma técnica do acabamento de costurar a rede entre as tranças da mesma nas quais serão colocados os cordões para o punho.

Empunhamento – Fase de acabamento também denominada de “botar o cordão”, trabalho realizado em um instrumento de madeira chamado banco de empunhar, formado por quatro

pernas que sustentam uma haste horizontal composta por dois pinos verticais. Durante essa fase o cordão é introduzido em todas as argolas que foram costuradas no pano, para que durante o processo de empunhamento seja alinhados os cordões que formarão os punhos da rede.

Entrançar – Processo de acabamento semelhante ao de *torcer*, porém neste caso, os fios das extremidades do comprimento da rede serão feitos entrançados ao invés de torcidos. No seu término, essas tranças terão a mesma finalidade de argolas, pelas quais passarão os fios do empunhamento.

Espola – Tecnicamente consiste em um carretel que será preenchido com fios, ou manualmente durante o processo artesanal, ou com o uso de máquina apropriada para o enchimento das mesmas. Essas espolas serão colocadas nas lançadeiras que serão dispostas no tear e são responsáveis pela trama vertical da rede, cada espola tece em média 10 cm de pano.

Espuladeira – Máquina utilizada para cumprir o processo de enchimento de espolas com fio.

Feiteira – Pessoa encarregada de realizar manualmente, alguns processos da fase de acabamento das redes, como por exemplo: *entrançar*, *torcer*, *casear*, passar mamucaba, fazer varanda ou franja. Com o advento da manufatura das redes de dormir em São Bento, por volta de 1940, essas etapas tornaram-se especificidade feminina, porém, na atualidade, consiste em um trabalho que não determina um sexo padrão, sendo realizado por homens e mulheres.

Gaiola – Aparelho utilizado para urdidura do fio, consiste em uma grade de madeira colocada no chão, com apenas alguns metros de distância da urdideira manual ou elétrica, tanto uma quanto a outra utiliza desse equipamento, que serve para dispor ao todo 48 cones de fio em seu interior, estes serão alinhados em pares para formar “24 pernas” de fio denominado de cabrestilho, isso em uma única gaiola. Na urdideira manual, só é possível a utilização de uma única gaiola, já na elétrica, a máquina pode trabalhar utilizando até três gaiolas em um único processo.

Lançadeira – Instrumento utilizado para colocar a espola no seu interior, depois ela será colocada em uma caixa no tear. Em um tear manual, por exemplo, o tear batelão, ela ficará

sendo puxada pelo tecedor por cordões chamados de cia, esse artifício serve para entrelaçar o fio disposto dentro da lançadeira na trama vertical do pano. No tear elétrico a lançadeira não é mais puxada pelo tecedor, o processo fica todo a cargo da máquina que faz todo movimento, e o tecedor ficando apenas encarregado de preenche-la com outra espola composta de fio. No tear manual era apenas utilizada uma lançadeira de cada vez, no elétrico, são duas, quando uma seca, a outra fica trabalhando.

Mamucaba – Processo da fase de acabamento da rede realizado em um pequeno tear de madeira que servirá para ligar as cabeças de fios torcidas ou trançadas umas às outras, este processo é seguidamente feito depois que a rede se encontra devidamente caseada; torcida e/ou entrançada.

Rolo – Aparelho utilizado para enrolar o fio urdido para ser colocado no tear, tem 2 m de largura, no tear são dispostos dois rolos, um na parte traseira da máquina, que consiste no rolo preenchido com o fio, ou seja, a barcada, e outro rolo na frente do tear, que serve para enrolar o pano depois de tecido para que depois de cheio corte os pano de acordo com o tamanho da rede.

Tear batelão – Tipo de tear mais antigo citado pelos narradores da presente pesquisa. Tear de madeira, ou como é mais conhecido, tear de pau horizontal, utilizado pelos são-bentenses na fabricação de redes em seu modo artesanal, e em nível familiar. Era bastante rudimentar e só permitia tecer um pano de 60 cm de largura de cada vez, para a rede ficar pronta nos padrões de 1,80m de largura, eram necessários três panos, que seriam juntados em um processo posterior de costura, por isso o nome *tear de três panos*.

Tear de três panos – Tipo de tear mais antigo citado pelos narradores da presente pesquisa. Tear de madeira, ou como é mais conhecido, tear de pau horizontal, utilizado pelos são-bentenses na fabricação de redes em seu modo artesanal, e em nível familiar. Era bastante rudimentar e só permitia tecer um pano de 60 cm de largura de cada vez, para a rede ficar pronta nos padrões de 1,80m de largura, eram necessários três panos, que seriam juntados em um processo posterior de costura, por isso o nome *tear de três panos*.

Tingimento – Processo pertencente à primeira fase da fabricação da rede, a preparação do fio, para a realização do tingimento emprega-se o uso de um equipamento elétrico, composto por

um tacho de ferro, onde se acrescenta água e tinta, e por um rolo de ferro situado acima do tacho, onde o tingidor faz um movimento lateral com a massa de fio já alvejada.

Torcer – Processo de acabamento o qual consiste em torcer os fios dispostos nas extremidades do comprimento da rede. Esses fios, depois de torcidos, se transformarão nas argolas pelas quais passarão os fios do empunhamento.

Torno – Também é conhecido como armador, corresponde a um gancho de ferro colocado em paredes que serve para armar a rede de dormir.

Urdideira – A urdideira consiste em um aparelho de trabalho, utilizado no processo de fabricação das redes de dormir para realizar o processo de urdidura do fio. Existem dois tipos de urdideiras a manual (espécie de urdideira citada acima), que consiste em um retângulo composto por quatro traves de madeira na qual são dispostos lateralmente 24 pinos de madeira ou de ferro, onde o trabalhador, num movimento de vai e vem, vai enganchando nos pinos um conjunto de fio formado por “24 Pernas” chamadas de cabrestilho. Esse conjunto de fios, ou cabrestilho são retirados de outro elemento próximo da urdideira chamado de gaiola, local onde se organiza os fios para serem levados até a urdideira. Já a urdideira elétrica é formada por duas ou até três gaiolas onde são dispostos os fios, quando a máquina é acionada um *rolo* de ferro passa a girar enrolando o fio automaticamente, sem nenhuma intervenção do trabalhador, que servirá apenas para emendar os fios na máquina após o término de cada operação.